

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Ana Carina Barata Barbas

Relatório de Estágio da Prática de Ensino Supervisionada

ago | 2022

GUARDA
POLI
TÉCNICO



POLI
TÉCNICO
GUARDA

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto

Instituto Politécnico da Guarda

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo
do Ensino Básico

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

Ana Carina Barata Barbas

Agosto/2022



Relatório de Estágio da Prática de Ensino Supervisionada

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo
do Ensino Básico

Orientadora: Ana Margarida Godinho Fonseca

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação,
Comunicação e Desporto para obtenção do Grau de Mestre em Educação
Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Ana Carina Barata Barbas

Agosto 2022

Agradecimentos

Ao concluir esta fase do meu percurso académico, revivo experiências e vivências que contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional. Durante esta caminhada, cruzei-me com pessoas que me ajudaram a alcançar este objetivo e outras que o percorreram comigo. Todas elas, direta ou indiretamente, foram um apoio fundamental para que esta etapa fosse terminada com sucesso.

Deixo o meu tributo de gratidão, aos meus pais, Maria e José, e à minha avó, por me ensinarem a lutar sempre pelos meus objetivos, pelo incentivo e apoio incondicional. Vão ser sempre o meu pilar.

À minha família, por me acompanhar e celebrar as minhas conquistas.

Às minhas meninas, Adriana e Carolina, por me apoiarem nos melhores e piores momentos, pela paciência e por fazerem parecer tudo mais simples.

À professora Doutora Ana Margarida Godinho Fonseca, por ser o meu suporte na realização deste trabalho, por não me deixar desistir, por partilhar comigo os seus conhecimentos durante todo o meu percurso académico.

Às minhas colegas de mestrado, partilhamos o bom e o mau durante este percurso académico.

À educadora Gina Silva, pelo acolhimento e por partilhar toda a sua sabedoria.

À professora Isabel Leitão, pelo modo como me recebeu e por ter tornado esta experiência gratificante.

A todos os docentes que fizeram parte do meu percurso académico.

Às crianças que permitiram que esta experiência fosse fantástica e que me ajudaram a perceber que era este o caminho que queria seguir.

A todos o meu mais sincero obrigado.

Resumo

O presente relatório foi estruturado de acordo com o regulamento da prática de ensino supervisionada dos cursos habilitadores à docência do Instituto Politécnico da Guarda.

As práticas de ensino supervisionadas que se realizaram em instituições do Ensino Pré-Escolar e do 1º Ciclo do Ensino Básico permitiram colocar em prática conhecimentos adquiridos para com as diferentes faixas etárias com que tivemos o prazer de ensinar e aprender; experienciar a realidade das instituições de educação e refletir sobre esta mesma realidade e as práticas pedagógicas desenvolvidas.

A infância de uma criança é, maioritariamente, marcada por histórias que preenchem e enriquecem o seu imaginário. A poesia, como corrente literária, estudada e investigada pelos contemporâneos, é vista como um meio de desenvolvimento cognitivo e social que tem contributos fundamentais na evolução da criança, mas nem sempre é valorizada no meio escolar.

Assim, o presente relatório pretende explorar a importância pedagógica da poesia no crescimento e desenvolvimento da criança e posteriormente apresenta algumas estratégias de atividades a serem realizadas em ambiente pré-escolar com vista à promoção e valorização da poesia.

Palavras-chave: Educação Pré-Escolar, Primeiro Ciclo, Poesia, Criança, Estratégias de Atividades.

Abstract

This project was structured in accordance with the regulations of the supervised teaching practice for the teaching qualification courses of the Polytechnic Institute of Guarda (Instituto Politécnico da Guarda).

The supervised teaching activities that took place in various Pre-School Education institutions and Primary Schools allowed us to put into practice the knowledge acquired during our studies. This enabled us to work for the different age groups with which we had the pleasure of teaching and learning; to experience the reality of different educational institutions; and to reflect on this reality and the pedagogical practices developed.

The childhood stage is mostly impacted by stories that fill and enrich children's imagination. Poetry, as a literary movement, which is studied and researched by contemporary learners, is seen as a means of cognitive and social development that has fundamental contributions in the child's development; however, it is not always valued in the school environment. Therefore, this study aims to explore the pedagogical importance of poetry in child growth and development, and then presents some activity strategies to be carried out in a preschool environment so as to promote and enhance the value of poetry.

Key Words: Preschool Education, Primary Education, Poetry, Child, Activity Strategies.

Siglas

AE – Aprendizagens Essenciais

AICE - Associação Internacional das Cidades Educadoras

BMEL – Biblioteca Municipal Eduardo Lourenço

CAF – Componente de Apoio à Família

LBSE – Lei de Bases do Sistema Educativo

ME – Ministério da Educação

NEE – Necessidades Educativas Especiais

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

PA – Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória

PES - Prática de Ensino Supervisionada

PNL – Plano Nacional de Leitura

TMG – Teatro Municipal da Guarda

1ºCEB – Primeiro Ciclo do Ensino Básico

Índice Geral

Agradecimentos.....	i
Resumo.....	ii
Abstract	iii
Siglas.....	iv
Índice de Ilustrações.....	vii
Índice de Tabelas.....	viii
Introdução	1
Capítulo I – Enquadramento Institucional: Organização e Administração Escolar	2
1. Caraterização do Meio - Guarda.....	3
2. Caraterização das Instituições de Ensino	8
2.1 Jardim de Infância de Alfarazes	8
2.1.1 Caraterização do grupo	9
2.1.2 Sala de Atividades.....	11
2.2 Escola Básica do Bonfim.....	15
2.2.1 Caraterização do grupo	17
2.2.2 Sala de Atividades.....	18
Capítulo II - Descrição da Prática de Ensino Supervisionada.....	20
1. Experiência de Ensino e Aprendizagem na Educação Pré-Escolar	21
1.1. Educação Pré-Escolar.....	21
1.1.1 Contexto Institucional e Funcional da Prática de Ensino Supervisionada	22
1.1.2 Planificação e execução de atividades	23
1.1.3 Áreas de Conteúdo	24
1.1.3.1 Área de Formação Pessoal e Social	25
1.1.3.2 Área de Expressão e Comunicação.....	27
1.1.3.3 Área do Conhecimento do Mundo	41
2. Experiência de Ensino e Aprendizagem no Primeiro Ciclo do Ensino Básico.....	45
2.1. Primeiro Ciclo do Ensino Básico.....	45

2.1.1 Contexto Institucional e Funcional da Prática de Ensino Supervisionada	46
2.1.2 Planificação e execução de atividades	47
2.1.3 Áreas Curriculares.....	48
2.1.3.1 Área Curricular de Português.....	49
2.1.3.2 Área Curricular de Matemática.....	51
2.1.3.3 Área Curricular de Estudo do Meio	53
2.1.3.4 Área Curricular de Expressões Artísticas e Físico-Motora.....	55
Capítulo III – A Importância Pedagógica da Poesia no Desenvolvimento Infantil.....	61
1. Enquadramento	62
2. A poesia no desenvolvimento infantil.....	63
2.1 Evolução da Literatura Infantil.....	63
2.2 O conceito de Poesia	64
2.2.1 Importância Pedagógica da Poesia.....	66
2.2.2 Importância Pedagógica da Poesia Tradicional.....	71
3. Estratégias de Atividades.....	74
3.1 Plano de Atividades: Um poema por dia não sabe o bem que lhe fazia.	75
Atividade 1: Criação de um novo poema	75
Atividade 2: Dar voz às lengalengas	78
Atividade 3: Jogo físico-motor: Lagarto Pintado	80
Atividade 4: O contacto com o livro físico	82
Atividade 5: Construção da “Torre dos gericopos”	83
Conclusão.....	86
Legislação	88
Referências Eletrónicas.....	88
Referências Bibliográficas	89
Anexos.....	92
Anexo I – Planos de Aula do Pré-Escolar.....	93
Anexo II – Planos de aula do Primeiro Ciclo.....	116

Índice de Ilustrações

Ilustração 1 - Atividades económicas do município da Guarda.....	4
Ilustração 2 -Exterior do edifício do Jardim de Infância de Alfarazes.....	8
Ilustração 3 - Primeira zona de recreio.....	9
Ilustração 4 - Espaço das construções e garagem.....	11
Ilustração 5 - Espaço da Reunião.....	12
Ilustração 6 - Espaço dos Jogos de Mesa.....	13
Ilustração 7 - Espaço Faz de Conta.....	14
Ilustração 8 - Espaço exterior da sala.....	14
Ilustração 9 - Escola Básica do Bonfim.....	15
Ilustração 10 - Salão Polivalente.....	15
Ilustração 11 - Biblioteca.....	16
Ilustração 12 - As emoções.....	26
Ilustração 13 - Exposição do registo gráfico da atividade “Magusto”.....	30
Ilustração 14 - Painel de Outono.....	32
Ilustração 15 - Painel de Inverno.....	32
Ilustração 16 - Chuva.....	33
Ilustração 17 - Fantoches da história adaptada “A Pedra Falante”.....	34
Ilustração 18 - Criança a tocar no gelo.....	43
Ilustração 19 - Tabela de Registos da Atividade Experimental “Solidificação e Precipitação”.....	44
Ilustração 20 - “O Coelho Branco”, de António Torrado.....	51
Ilustração 21 - Atividade: Poemas de Eugénio de Andrade – “Aquela nuvem e outras”.....	56
Ilustração 22 - Exercício de Expressão Artística na área da Música.....	58
Ilustração 23 - Livro: O som das lengalengas.....	75
Ilustração 24 - Proposta de Atividade para a criação de um poema.....	77

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Número de instituições dos vários agrupamentos do concelho da Guarda	5
Tabela 2 - Instituições do Agrupamento de Escolas da Sé.....	6
Tabela 3 - Instituições do Agrupamento de Escolas Afonso de Albuquerque	6
Tabela 4 - Horário da Prática de Ensino Supervisionada	22

Introdução

O presente relatório surge no âmbito do curso de Mestrado de Educação Pré-Escolar e Ensino do Primeiro Ciclo do Ensino Básico, ministrado na Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto do Instituto Politécnico da Guarda.

O relatório para a obtenção do grau de Mestre foi elaborado após a realização das Práticas de Ensino Supervisionadas nos contextos Pré-Escolar e Primeiro Ciclo do Ensino Básico. Ambos decorreram sob a orientação de professores e educadores cooperantes e professores/educadores supervisores.

A Prática de Ensino Supervisionada permitiu conhecer com maior rigor o contexto institucional dos diferentes níveis de ensino, assim como possibilitou colocar em prática os conhecimentos teórico-práticos adquiridos ao longo do percurso de aprendizagem.

Este relatório apresenta-se estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo, encontra-se descrito o enquadramento institucional, ou seja, a organização e a administração de cada instituição frequentada durante a Prática de Ensino Supervisionada.

O segundo capítulo descreve a experiência de ensino e aprendizagem realizada nos diferentes contextos escolares. Além do contexto institucional e funcional desta prática, bem como a planificação e execução das atividades, este capítulo foca-se, também, nas diferentes áreas de conteúdo, no caso do ensino pré-escolar, e nas diferentes áreas curriculares do ensino básico.

No terceiro capítulo, é apresentada uma investigação que reflete a importância pedagógica da poesia no desenvolvimento da criança e, por sua vez, são apresentadas igualmente estratégias de atividades que permitam que a poesia seja promovida e trabalhada em contexto de educação infantil.

Para finalizar apresenta-se uma conclusão sobre todo o trabalho desenvolvido ao longo da realização do presente relatório.

Capítulo I – Enquadramento Institucional: Organização e Administração Escolar

1. Caraterização do Meio - Guarda

O desenvolvimento da Prática de Ensino Supervisionada (PES) I e II realizou-se no Jardim de Infância de Alfarazes e na Escola Básica do Bonfim, ambas situadas na cidade da Guarda¹.

Esta cidade está a 1056 metros acima do nível médio da água do mar e é por isso reconhecida como a mais alta cidade de Portugal Continental. O concelho abrange uma área de aproximadamente 712,11 km² e é constituído por 43 freguesias, tornando-se assim um dos maiores concelhos portugueses em área. Segundo os Censos de 2011, a Guarda era composta por 42541 habitantes, sendo que com os resultados provisórios dos Censos 2021 verificou-se uma redução do número populacional e atualmente é composta por 40126 habitantes.

O território que abrange o concelho da Guarda é formado por elevações de diversas altitudes, sendo que na cidade o ponto mais alto que se destaca é a Torre de Menagem, que representa também a estrutura outrora defensiva da mesma. O monumento mais imponente e um dos mais belos é a Sé Catedral, que remonta aos finais do século XIV e é caraterizado por elementos de estilos diferentes.

Herdeira de um património cultural único, a cidade da Guarda recebeu o seu Foral a 27 de novembro de 1199, concedido por D. Sancho I “O Povoador”. Sendo este o fundador que promoveu o povoamento na cidade, ainda nos dias de hoje continua representado na Praça Luís de Camões através de uma estátua em bronze. A Praça Velha, como é também conhecida, situa-se no centro histórico da cidade e é preenchida com casas medievais e diferentes solares.

A cidade da Guarda é conhecida como a cidade dos cinco F: Forte, Farta, Fria, Fiel e Formosa. A designação de Forte deve-se à dureza do granito que carateriza a paisagem da cidade, assim como ao sistema defensivo que se preserva nos dias de hoje. Devido aos vales férteis que outrora garantiam a sustentabilidade da população foi atribuído o adjetivo de Farta. Sendo caraterizada por um clima montanhoso é assim conhecida por Fria. A distinção de Fiel resulta das suas caraterísticas hospitaleiras comuns nas gentes beirãs. E, por fim, o atributo de Formosa advém de todo o património esplêndido, rico e único.

¹ A informação do presente capítulo foi maioritariamente obtida através dos resultados dos Censos 2011 e dos resultados provisórios dos Censos 2021, <https://censos.ine.pt/>, e do site oficial do Município da Guarda, <https://www.mun-guarda.pt/>.

No âmbito económico, o município da Guarda, como está representado no gráfico presente na ilustração 1, é sustentado por três atividades económicas que se destacam: o comércio por grosso e a retalho, seguido das explorações agrícolas, produção animal, caça, floresta e pesca e como terceira atividade de domínio, estão sediadas no município algumas empresas de consultoria, científica, técnica e similares².

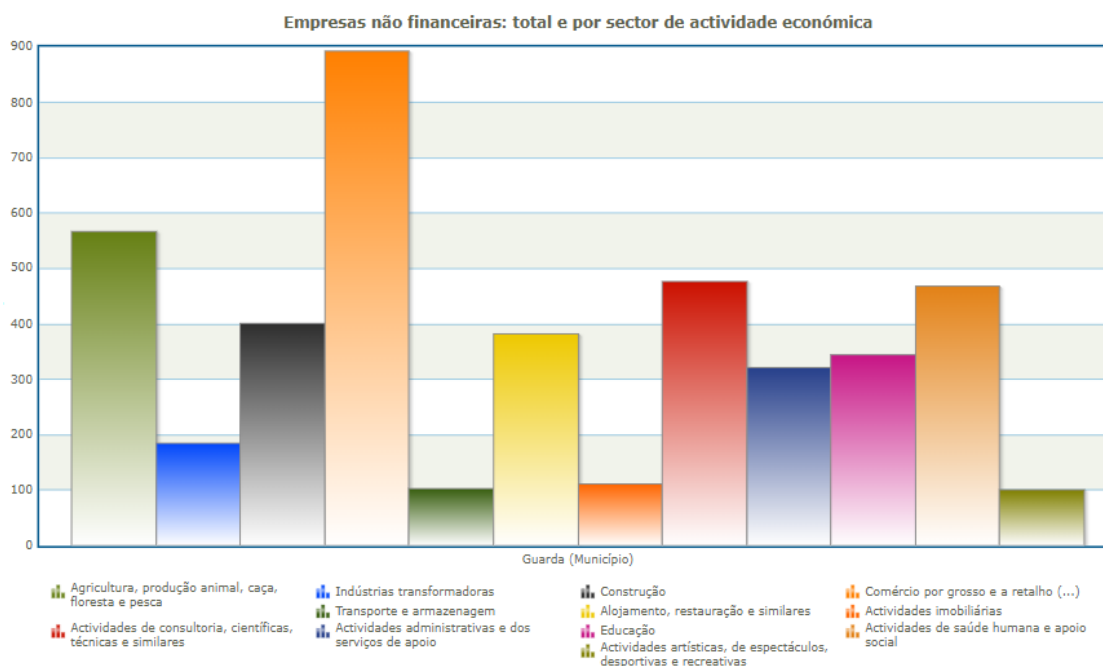


Ilustração 1 - Atividades económicas do município da Guarda

A partir do vasto e rico património que o concelho da Guarda apresenta é possível encontrar no comércio da cidade e da região produtos típicos e técnicas com tradição que foram passadas de geração em geração.

No âmbito do artesanato, destacam-se o cobertor de papa, as campainhas de Maçainhas, a cutelaria, o azeite tradicional, o forno comunitário, a transumância e a pastorícia, a cestaria, os enchidos, a castanha e o queijo da serra. Através destes produtos e técnicas desenvolvem-se uma série de atividades económicas, gastronómicas, festivas e até de medicina popular que permitem estimular o turismo em toda a região envolvente.³

No âmbito da educação, o município da Guarda segue uma estratégia orientada que visa dinamizar políticas educadoras centradas na igualdade e na promoção de uma cidadania inclusiva.⁴

² Fonte: <https://www.pordata.pt/DB/Municipios/Ambiente+de+Consulta/Tabela/5829956> - A informação recolhida pertence ao ano 2020.

³ Fonte: <https://www.mun-guarda.pt/municipio/governacao/turismo/>

⁴ Fonte: <https://www.mun-guarda.pt/municipio/governacao/educacao/>

A rede educativa engloba as várias fases da educação, a Educação Pré-Escolar, o Primeiro, Segundo e Terceiro Ciclos, o Ensino Secundário e, por fim, o Ensino Superior. Desde 2013, com a reorganização da rede escolar, foram criados apenas dois agrupamentos: o Agrupamento de Escolas da Sé e o Agrupamento de Escolas Afonso de Albuquerque.

A tabela que se segue (tabela 1) indica o número de instituições de que cada agrupamento dispõe. Estas instituições variam entre o meio urbano e o meio rural sendo que este é um concelho com uma vasta área rural.

	Pré-Escolar	Primeiro Ciclo do Ensino Básico	Segundo e Terceiro Ciclos e Ensino Secundário
Agrupamento de Escolas da Sé	9	14	3
Agrupamento de Escolas Afonso de Albuquerque	6	11	2

Tabela 1 - Número de instituições dos vários agrupamentos do concelho da Guarda

No Agrupamento de Escolas da Sé, das 9 instituições de Pré-Escolar, 4 pertencem ao meio rural e 5 fazem parte do meio urbano. Por sua vez, nas instituições de Primeiro Ciclo do Ensino Básico no mesmo agrupamento, 6 fazem parte do meio rural e 8 fazem parte do meio urbano. Assim, o Agrupamento detém 23 instituições de Pré-Escolar e Primeiro Ciclo, como representa a tabela (tabela 2) que se segue⁵.

Agrupamento de Escolas da Sé		
	Meio Rural	Meio Urbano
Pré - Escolar	<ul style="list-style-type: none"> • Jardim de Infância da Castanheira • Jardim de Infância das Panóias • Jardim de Infância de Porto da Carne • Jardim de Infância de Vila Fernando 	<ul style="list-style-type: none"> • Jardim de Infância da Alfarazes • Jardim de Infância do Bairro da Luz • Jardim de Infância da Guarda-Gare • Jardim de Infância da Póvoa do Mileu • Jardim de Infância da Sequeira

⁵ Fonte: <https://www.mun-guarda.pt/municipio/governacao/educacao/rede-escolar/>

Primeiro Ciclo do Ensino Básico	<ul style="list-style-type: none"> • Escola Básica do Barracão • Escola Básica da Castanheira • Escola Básica de Pera do Moço • Escola Básica de Vila Fernando • Escola Básica do Porto da Carne • Escola Básica da Carvalheira 	<ul style="list-style-type: none"> • Escola Básica do Alfarazes • Escola Básica do Bairro da Luz • Escola Básica do Bairro do Pinheiro <ul style="list-style-type: none"> • Escola Básica da Carvalheira • Escola Básica da Estação • Escola Básica da Póvoa do Mileu • Escola Básica do Rochoso • Escola Básica da Sequeira
---------------------------------	---	---

Tabela 2 - Instituições do Agrupamento de Escolas da Sé

O Agrupamento de Escolas Afonso de Albuquerque possui 6 Instituições de Pré-Escolar, das quais 4 pertencem ao meio rural e as restantes duas estão localizadas em meio urbano. Nas 11 instituições de Primeiro Ciclo do Ensino Básico, 5 pertencem ao meio rural e 6 ao meio urbano. Assim, o Agrupamento detém 23 instituições de Pré-Escolar e Primeiro Ciclo, como representa a tabela (tabela 3) que se segue⁶.

Agrupamento de Afonso de Albuquerque		
	Meio Rural	Meio Urbano
Pré - Escolar	<ul style="list-style-type: none"> • Jardim de Infância dos Trinta • Jardim de Infância de Famalicão • Jardim de Infância de Gonçalo • Jardim de Infância de Videmonte 	<ul style="list-style-type: none"> • Jardim de Infância das Lameirinhas • Jardim de Infância da Sé
Primeiro Ciclo do Ensino Básico	<ul style="list-style-type: none"> • Escola Básica de Famalicão • Escola Básica dos Trinta • Escola Básica de Gonçalo • Escola Básica de Videmonte • Escola Básica de Maçainhas 	<ul style="list-style-type: none"> • Escola Básica do Adães Bermudes • Escola Básica Augusto Gil • Escola Básica do Bonfim • Escola Básica do Espírito Santo <ul style="list-style-type: none"> • Escola Básica das Lameirinhas • Escola Básica de Santa Zita

Tabela 3 - Instituições do Agrupamento de Escolas Afonso de Albuquerque

⁶ Fonte: <https://www.mun-guarda.pt/municipio/governacao/educacao/rede-escolar/>

Desde 2009 que a cidade da Guarda se afirma como uma cidade educadora, fazendo parte da Associação Internacional das Cidades Educadoras (AICE). O objetivo primordial desta associação assenta na troca, partilha e por consequência enriquecimento da vida dos seus habitantes⁷.

Além das instituições de ensino já mencionadas, existem também outras, uma escola profissional, a Ensiguarda e uma instituição de ensino superior, o Instituto Politécnico da Guarda, que abrange quatro escolas: a Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto; a Escola Superior de Saúde; a Escola Superior de Tecnologia e Gestão; e a Escola Superior de Turismo e Hotelaria, esta última localizada na cidade de Seia. Registam-se ainda outros estabelecimentos e organismos que permitem uma aposta na educação informal e diversificada, tal como a Biblioteca Municipal Eduardo Lourenço (BMEL), as Piscinas Municipais, variados parques ao ar livre, o Teatro Municipal da Guarda (TMG), entre outros.

⁷ Fonte: <https://www.mun-guarda.pt/municipio/governacao/educacao/>

2. Caracterização das Instituições de Ensino

2.1 Jardim de Infância de Alfarpazes

A Prática de Ensino Supervisionada I, desenvolvida no âmbito da Educação Pré-Escolar, decorreu no Jardim de Infância de Alfarpazes, que se situa no Bairro Senhora dos Remédios na cidade da Guarda.

Este Jardim de Infância (Ilustração 2) pertence ao Agrupamento de Escolas da Sé e dispõe de vários recursos físicos, materiais e humanos que vão ao encontro das necessidades das crianças que frequentam esta instituição.



Ilustração 2 -Exterior do edifício do Jardim de Infância de Alfarpazes

Fonte: https://live.staticflickr.com/588/21394826573_c52e5e7d4a.jpg

Ao nível dos recursos físicos, a instituição conta com três pisos: cave, rés do chão e piso superior. Neste último, em 2006, foi construída a creche “O Castelo”.

No rés do chão ficam os principais espaços que compõem o jardim de infância: o hall de entrada e o gabinete de receção; o salão polivalente, onde as crianças realizam várias atividades mais livres, principalmente o jogo dramático; uma casa de banho adaptada; a sala de vídeo e informática que permite visualizar filmes e vídeos; a sala de educadoras, com instalações sanitárias; a cozinha, que é comum ao jardim de infância e à creche; o refeitório e, por fim, as três salas que dividem os diferentes anos - sala dos três e quatro anos, sala dos quatro e cinco anos e a sala dos cinco e seis anos. Cada sala de atividades possui instalações sanitárias próprias e adaptadas às crianças.

A cave é essencialmente utilizada para a arrecadação de material pedagógico e para produtos e equipamentos de limpeza. Contudo, inclui ainda um salão de atividades destinado sobretudo a atividades de expressão motora e festas, possuindo igualmente instalações sanitárias para crianças e adultos.

No exterior do edifício existem dois espaços de recreio. O primeiro espaço (Ilustração 3) contém uma zona de areão e outra zona com piso antichoque, equipada com um escorrega e dois baloiços. O segundo espaço exterior é destinado às crianças da sala dos três/quatro anos, com uma zona de relva sintética e outra com piso antichoque com uma casinha, um escorrega e um balancé.



Ilustração 3 - Primeira zona de recreio

Fonte:<https://live.staticflickr.com/5781/213948338>

03_09c93452e5.jpg

Ao nível de recursos físicos, cada sala dispõe de vários tipos de materiais que permitem a realização de diferentes atividades. Como meios facilitadores de comunicação, a instituição possui telefone e internet; quanto às novas tecnologias, na sala de informática, há uma televisão, um leitor de vídeos e outro de DVD. Cada sala de atividades apresenta uma aparelhagem, um computador e uma impressora. Estes dois últimos recursos também se encontram na sala das educadoras.

Ao nível dos recursos humanos, a equipa pedagógica é constituída por três educadoras que asseguram os grupos de três/quatro, quatro/cinco e cinco/seis anos. A par das educadoras que fazem parte do Quadro do Agrupamento de Escolas da Sé também se encontram duas educadoras de apoio e uma assistente operacional.

A Componente de Apoio à Família (CAF) é assegurada por três assistentes técnicas e uma assistente operacional, que desempenham funções de animadoras. Na cantina, para assegurar a alimentação da comunidade escolar, encontram-se duas cozinheiras.

2.1.1 Caracterização do grupo

A PES I ocorreu com o grupo de crianças de três/quatro anos. O grupo era constituído por quinze crianças de três anos, dez do género masculino e cinco do género feminino. Durante o período de PES ocorreram algumas transferências, pelo que no início do mês de novembro duas crianças começaram a frequentar o presente grupo transferidas do Jardim de Infância de Algodres (Agrupamento de Escolas de Fornos de Algodres). No segundo dia do mês de janeiro de 2019, uma criança do género feminino foi transferida para outra instituição, por motivo de alteração da localidade de trabalho da mãe.

No grupo havia uma criança referenciada que demonstrava comportamentos desadequados em relação aos seus pares. Os comportamentos caracterizavam-se por um acentuado déficit de atenção; movimentos constantes e repetitivos; pouco contacto físico (mais com as outras crianças); falta de partilha nas brincadeiras e outras atividades; obsessão por portas, fechaduras, chaves e uma aptidão espontânea e adequada para o manuseamento de aparelhos eletrónicos.

No geral, as crianças eram alegres e comunicativas, pelo que foi fácil o estabelecimento de laços de cooperação e amizade entre todos. No grupo, todas as crianças se relacionavam umas com as outras e com os adultos de forma positiva, participando nas atividades com entusiasmo. O desenvolvimento cognitivo, no geral, era adequado ao nível etário e através da observação confirmou-se que o grupo se encontrava no pensamento pré-operatório que, tal como defende Tavares, *além de egocêntrico (...) o é um pensamento mágico, graças à imaginação prodigiosa da criança em tornar os seus desejos realidade sem grande preocupação lógica* (Tavares, J., 2011, p.53).

Pelo facto de as crianças serem de tenra idade, algumas revelavam ainda dificuldades ao nível da linguagem. Os momentos de concentração do grupo eram curtos e por vezes existiam dificuldades em acabar o que iniciavam. Segundo Tavares, *simultaneamente à evolução do pensamento da criança pré-escolar, o desenvolvimento da linguagem evolui de forma escarpada, tornando-se num factor primordial da cognição da criança. O seu léxico mental aumenta significativamente e com bastante facilidade a criança atribui um significado para cada palavra aprendida, categorizando-a numa estrutura mental onde se encontram palavras familiares. (...). Neste contexto, a orientação e o apoio dos pais e adultos significativos no desenvolvimento da linguagem é fundamental* (Tavares, 2011, p.54). Assim, torna-se necessário realizar atividades que desenvolvam a concentração e atenção, a linguagem e estimulem o cumprimento de regras.

Ao longo do dia eram desenvolvidas várias atividades conforme o que estava planificado, contudo procurava-se sempre responder às necessidades de cada criança e respeitar o ritmo de trabalho individual. Na realização de atividades, por vezes, tornava-se necessário organizar grupos de trabalho conforme o nível de desenvolvimento.

A par da organização de grupos também é fundamental o estabelecimento de regras e de rotinas ao longo do dia, para que as crianças se consigam situar no tempo e no espaço. Como preconizam as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) *a consciencialização das rotinas, dos diferentes momentos que se sucedem ao longo do dia e ao longo do ano, a elaboração e uso de horários e calendários são importantes para a compreensão de unidades básicas do tempo. É através destas vivências que a criança toma consciência do desenrolar do tempo: o antes e o depois, a sequência semanal, mensal e anual e ainda o tempo marcado pelo relógio.* (ME, 2016, p. 88)

2.1.2 Sala de Atividades

A sala de atividades é uma parte fundamental do ambiente educativo e, segundo as OCEPE (ME, 2016, p. 6), o ambiente educativo é o *contexto facilitador do processo de desenvolvimento e aprendizagem de todas e cada uma das crianças, de desenvolvimento profissional e de relações entre os diferentes intervenientes*. Assim, tendo em conta que a idade das crianças que frequentavam a presente sala de atividades variava entre os três e quatro anos e para algumas este era o seu primeiro contacto com o ambiente escolar, era fundamental que o ambiente desta sala despertasse confiança, segurança, alegria e que estimulasse a criança no contexto de uma pedagogia organizada, diferenciada e estruturada, tendo por base a atividade lúdica.

Como forma de facilitar a organização, a sala de atividades encontrava-se dividida em oito espaços: o Espaço das Construções e Garagem; o Espaço da Biblioteca; o Espaço da Reunião; o Espaço do Computador; o Espaço dos Jogos de Mesa; o Espaço de Trabalho; o Espaço do Faz de Conta; o Espaço Exterior.

Espaço das Construções e Garagem

O espaço das construções e garagem (Ilustração 4), quando aproveitado por várias crianças, é uma fonte de interação, desenvolvimento social, criatividade e desenvolvimento da motricidade. Tal como o nome indica, as crianças realizavam e criavam construções a partir de vários materiais (legos, peças plásticas para a criação de pistas para carros, entre outras). Estas atividades permitem também a promoção de capacidades matemáticas, como é referido nas OCEPE: *o desenvolvimento do raciocínio matemático implica o recurso a situações em que se utilizam objetos para facilitar a sua concretização e em que se incentiva a exploração e a reflexão da criança. A partir dessas situações a criança é encorajada a explicar e justificar as suas soluções, sendo a linguagem também essencial para a construção do pensamento matemático* (ME, 2016, p. 78).



Ilustração 4 - Espaço das construções e garagem
Fonte: Própria.

Espaço da Biblioteca

No espaço da biblioteca, estavam disponíveis vários livros que iam sendo atualizados ao longo das semanas pela educadora, através da biblioteca itinerante.

Como defendem as OCEPE, *é importante que as crianças se apropriem do valor e importância da leitura e da escrita, o que acaba por ser determinante para a construção do seu projeto pessoal para ler e escrever.* (ME, 2016, p. 74). Assim, os livros disponíveis, adequados às diferentes idades, permitiam o contato precoce com a leitura e a escrita e o desenvolvimento do imaginário.

Espaço da Reunião

O espaço da reunião (Ilustração 5) era um espaço fundamental na rotina das crianças da sala dos três/quatro anos. Tal como é designado, este espaço permitia a reunião em grande grupo, assim como possibilita realizar a rotina diária. Integrava vários suportes que faziam parte desta mesma rotina, sendo eles o Quadro dos Aniversários, o Quadro do Tempo e o Quadro das Presenças.



Ilustração 5 - Espaço da Reunião

Fonte: Própria

Espaço do Computador

O computador é um meio tecnológico e informático que permite recolha de informação, na comunicação, na organização, no tratamento de dados, etc. Assim, possibilita aprendizagens não só no âmbito do conhecimento do mundo como também nas linguagens artísticas, na linguagem escrita, na matemática, etc (ME, 2016, p. 95). O espaço do computador era uma vantagem para as crianças, uma vez que vivemos na era da tecnologia e, apesar de a maior parte das crianças em casa terem um acesso facilitado a esta tecnologia, o Jardim de Infância permitia deste modo a igualdade de oportunidades entre todos os pares.

O computador era maioritariamente utilizado pelas educadoras, mas possibilitava também que as crianças assistissem a filmes, à leitura de livros, realizassem jogos educacionais e interativos com auxílio do adulto.

Espaço dos Jogos de Mesa

O espaço dos jogos de mesa (Ilustração 6), como o nome sugere, permite às crianças realizarem jogos de mesa de forma individual ou em pares. Estes jogos são adequados à idade e ao desenvolvimento das crianças e, além de desenvolverem várias capacidades cognitivas, quando realizados a pares, possibilitam o desenvolvimento da comunicação e da socialização. Por norma, as crianças realizavam os jogos de mesa no período da manhã, à medida que iam chegando até o grupo estar todo reunido.

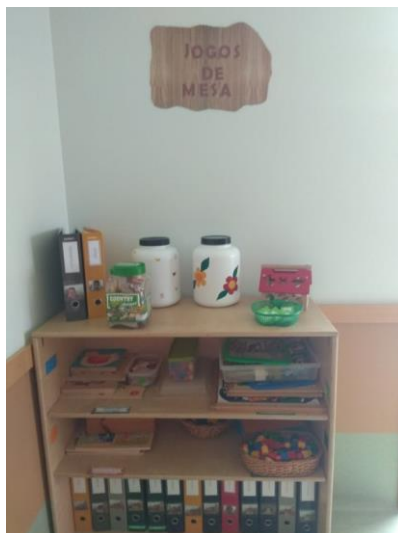


Ilustração 6 - Espaço dos Jogos de Mesa

Fonte: Própria

Espaço de Trabalho

O espaço de trabalho era constituído por um conjunto de mesas que permitia a realização de várias atividades a nível grupal, a pares ou individual. As atividades mais realizadas neste espaço eram do âmbito da Expressão Plástica. Na verdade, *as crianças têm prazer em explorar e utilizar diferentes materiais que lhes são disponibilizados para desenhar ou pintar, cabendo ao/a educador/a alargar as suas experiências, de modo a desenvolverem a imaginação e as possibilidades de criação. Assim, é importante que as crianças tenham acesso a uma multiplicidade de materiais e instrumentos (papel de diferentes dimensões e texturas, tintas de várias cores, diferentes tipos de lápis como pastel seco, carvão, etc., barro, plasticina e outros materiais moldáveis, etc.)* (ME, 2016, p. 53).

Espaço do Faz de Conta

O espaço do faz de conta (Ilustração 7) ou do jogo simbólico é vulgarmente conhecido como “a casinha”. Este é um espaço de eleição por parte das crianças e é rico em diversos materiais que permitem o desenvolvimento da criança a vários níveis. *O jogo simbólico desempenha um papel*

importante no desenvolvimento cognitivo, mas também no desenvolvimento emocional, como meio de reequilibrar os conflitos interiores da criança. (ME, 2016, p. 55)



Ilustração 7 - Espaço Faz de Conta

Fonte: Própria

Espaço Exterior

O espaço exterior (Ilustração 8) permite diversas atividades ao ar livre durante todo o ano e é um espaço exclusivo da sala dos três/quatro anos. As crianças, por norma, utilizavam este espaço no período da tarde, após a sesta.



Ilustração 8 - Espaço exterior da sala

Fonte: Própria

Além dos diferentes espaços da sala, existia também uma casa de banho e uma sala dedicada às sestras das crianças. A sala do sono, como é conhecida, possibilitava que as crianças, após o almoço, descansassem por algum tempo, tendo em conta a sua prematura idade, contudo cabe aos pais decidirem se a criança continua a fazer a sesta.

2.2 Escola Básica do Bonfim

A Prática de Ensino Supervisionada II (PES II), no âmbito do Ensino do Primeiro Ciclo, decorreu na Escola Básica do Bonfim que pertence à rede pública do Ministério da Educação (ME) e está incluída no Agrupamento de Escolas Afonso de Albuquerque. A instituição situa-se na rua Dr. Santos Lucas no bairro do Bonfim, freguesia da Guarda.

O edifício de tipo plano centenário (Ilustração 9) foi inaugurado no ano de 1944, tendo sofrido alterações ao longo do tempo. Em 2003 passou a contar com três pisos após a reabilitação do sótão, ao invés de dois, como se apresentava até então. No ano letivo 2018/2019, no 1º período, a escola sofreu novamente algumas remodelações.



Ilustração 9 - Escola Básica do Bonfim

Fonte: <https://www.aeaag.pt/documentos/agrupamento/Escolas/ciclo1/bonfim.htm>

O rés do chão era composto pelo hall de entrada, duas salas (a sala do 1º ano e a sala do 2º ano) o salão polivalente, a biblioteca, a reprografia/papelaria, a copa e as casas de banho. O salão polivalente (Ilustração 10) era um salão amplo que se destinava a várias atividades, desde festas de aniversário e festas de final de ano até atividades comuns à comunidade escolar. Assim, era essencialmente utilizado para prática de atividades físico-motoras, socioeducativas e cultural-recreativas.



Ilustração 10 - Salão Polivalente

Fonte: Própria

A biblioteca escolar (Ilustração 11) designa-se Adriano Vasco Rodrigues e foi inaugurada no ano letivo de 2003/2004. Além da existência de livros, CD, DVD, tabletes, fantoches e material didático diversificado de acordo com o ano de escolaridade de cada sala, a biblioteca veio servir de motor ao Plano Nacional de Leitura (PNL). O PNL é um plano que pretende facilitar o acesso à leitura, ao conhecimento e consequentemente a aumentar os hábitos de leitura. É através das bibliotecas escolares e de outras entidades ligadas à cultura, ao ensino e à educação que é possível concretizar os objetivos e que o PNL se propõe, tais como: desenvolver a formação leitora; promover o prazer e o gosto pela leitura; consciencializar a sociedade do valor e da importância da leitura; entre outros⁸.



Ilustração 11 - Biblioteca

Fonte: Própria

A reprografia/papelaria disponibilizava vários tipos de materiais e uma fotocopiadora. Tanto esta como a copa eram utilizadas maioritariamente por docentes e auxiliares da instituição. As casas de banho estavam divididas por géneros e ainda existia uma casa de banho adaptada.

O primeiro piso abrangia duas salas utilizadas pelo terceiro e quarto anos. Por sua vez, o segundo piso continha a sala de informática, a sala de reuniões dos docentes, a arrecadação e uma outra casa de banho.

O recinto exterior era composto por um campo de futebol vedado utilizado para o recreio e para as aulas de expressão físico-motora, um recinto amplo e cimentado onde as crianças brincavam livremente, um campo de basquetebol e um espaço com algumas árvores.

A instituição apresentava um leque de recursos muito variado que permitiam um maior desenvolvimento e enriquecimento a todas as crianças, incluindo o planeamento de atividades

⁸ Fonte: <https://www.pnl2027.gov.pt/np4/home>

fora do ambiente educativo. Ao nível dos recursos materiais, a escola beneficiava de alguns jogos didáticos assim como dos recursos existentes na biblioteca. A sala de informática tinha vários computadores que podiam ser utilizados pelos alunos. Os materiais são uma importante ferramenta para alunos e professores, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais profícuo e eficiente. Assim sendo, como defende a Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE), artigo 37º, *o planeamento da rede de estabelecimentos escolares deve contribuir para a eliminação de desigualdades e assimetrias locais e regionais, por forma a assegurar a igualdade de oportunidades de educação e ensino a todas as crianças e jovens.*

Ao nível dos recursos humanos, a equipa educativa era composta por quatro professores que tinham a seu cargo alunos com idades compreendidas entre os cinco e os dez anos.

Além destes docentes faziam parte mais dois professores de apoio, um para a sala do primeiro e segundo ano e outro para a sala do terceiro e quarto ano. Na sala do primeiro ano, uma criança era acompanhada também por um outro docente de português língua não materna, pois apresentava dificuldades a nível da aquisição da língua por ser imigrante.

A par do corpo docente existiam também mais três assistentes operacionais responsáveis pela organização e limpeza da escola, assim como apoio e gestão da biblioteca escolar.

2.2.1 Caraterização do grupo

A turma de primeiro ano era constituída por vinte e quatro crianças com idades compreendidas entre os seis e os sete anos, sendo onze alunos do género masculino e treze do género feminino.

Todos os elementos do grupo ingressaram no primeiro ciclo no ano letivo 2018/2019 e anteriormente alguns frequentaram instituições diferentes, enquanto outros frequentaram a mesma instituição de pré-escolar.

No início do ano letivo foi realizada uma avaliação que permitiu assinalar nove alunos com dificuldades de aprendizagem, contudo apenas dois destes alunos apresentavam Necessidades Educativas Especiais (NEE). As crianças, ao apresentarem limitações no domínio cognitivo e/ou emocional e/ou comunicativo, ficam abrangidas por um currículo individualizado que implica um projeto educativo também individual.

De forma geral, verificou-se que a turma era heterogénea, pois apresentava níveis de aprendizagem um pouco distintos. Existiam crianças que dominavam muito bem a linguagem oral e o básico da linguagem escrita, conseguiam expressar-se de forma clara, concisa e perceptível. Em contrapartida, outros alunos apresentavam dificuldades de concentração, memorização e na

aquisição de conceitos básicos. Nas atividades motoras é onde se verificava que o grupo-turma tinha mais equidade.

No que respeita à autonomia, também foi possível verificar grandes diferenças entre os alunos, mas, em geral ainda era um grupo pouco autónomo, pois, por ser um primeiro ano, revelava uma insegurança acentuada na realização de exercícios individuais, por exemplo.

Com base nas idades dos alunos e segundo Piaget, estas crianças encontram-se no estágio Operatório-Concreto, contudo, como estão numa fase inicial ainda apresentam características do pensamento do estágio anterior. Como esclarece Tavares (2011, p 61), *a transição de pensamento pré-operatório para o pensamento operatório-concreto não ocorre repentinamente. Trata-se da realização de um conjunto de tarefas desenvolvimentais que requer oportunidades e tempo de experimentação, manipulação e aprendizagem sobre os objetos e materiais do contexto circundante à criança. À medida que esta explora o ambiente físico, questiona-se a si própria e vai tentando obter possíveis respostas, adquirindo um tipo de pensamento mais complexo e evoluído.*

2.2.2 Sala de Atividades

A PES II decorreu na sala do primeiro ano, que fica situada no rés do chão, intitulada de “sala 2”.

A sala era constituída por diferentes espaços que permitiam uma mais fácil organização: o espaço de arrumação, espaço de professor, o espaço do quadro, o espaço do lavatório e o espaço de trabalho.

O espaço de arrumação era constituído por cabides para que as crianças pendurem os seus casacos, chapéus, bonés, cachecóis e outros acessórios. Além destes cabides, a sala tinha também dois armários com material didático para realização de várias atividades, bem como dossiers individuais que continham fichas e atividades de trabalho que os alunos iam realizando. No final do ano letivo, os alunos podiam levar para casa o trabalho efetuado durante todo o ano.

O espaço do professor, tal como o nome indica, era o espaço maioritariamente utilizado pelo professor e era constituído por uma secretária, um computador, uma impressora e um armário para a docente guardar o seu material, contendo também os dossiers com as informações individuais das crianças.

O espaço do quadro era composto por um quadro magnético e o espaço do lavatório tinha dois lavatórios que permitiam a utilização de água quando necessário.

O espaço de trabalho era constituído por treze mesas duplas, duas mesas individuais e vinte e oito cadeiras. A distribuição das mesas e das cadeiras foi alterada ao longo do tempo, na fase inicial

do ano letivo os alunos estavam organizados em pares, contudo, quase no final do ano letivo, para alterar a forma de trabalho e motivar os alunos a trabalharem em grupo ficaram distribuídos em grupos de quatro.

Capítulo II - Descrição da Prática de Ensino Supervisionada

1. Experiência de Ensino e Aprendizagem na Educação Pré-Escolar

1.1. Educação Pré-Escolar

O conceito de educação evoluiu ao longo dos séculos, ganhando cada vez maior relevância. Como tal, a educação pré-escolar é reconhecida como uma ferramenta para um maior desenvolvimento social, cognitivo e motor da criança.

Desde o nascimento que a criança está disposta a aprender e a evoluir. Assim, a educação é um investimento permanente e contínuo em todas as fases da vida de cada cidadão. A educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica e abrange crianças desde os três anos de idade até à entrada das mesmas para o Ensino Básico. Nesta fase da vida das crianças, como defendeu Piaget, elas atravessam o Estádio Pré-Operatório, que se caracteriza pelo *egocentrismo intelectual e a incapacidade da criança compreender o ponto de vista do outro, pois focaliza-se apenas no seu ponto de vista. Existe grande imaginação na criança e o desejo de tornar os seus desejos realidades sem se preocupar com evidências lógicas.* (Almeida, 2010, p. 24).

O responsável pela criança durante a educação pré-escolar deve valorizá-la, tornando-a o centro do processo educativo e auxiliando-a quer na construção do saber quer numa perspetiva de construção pessoal, inculcando-lhe valores que a tornem um cidadão responsável e ativo na vida em sociedade.

O documento regulador da educação pré-escolar, as Orientações Curriculares, contempla três Áreas de Conteúdo: Área da Formação Pessoal e Social; Área de Expressão e Comunicação e Área do Conhecimento do Mundo. É de salientar que todas as áreas trabalhadas na educação pré-escolar devem abordar metodologias lúdico-didáticas, pois nesta fase as crianças aprendem brincando.

A Área de Formação Pessoal e Social é uma área transversal que visa a construção de cidadãos autónomos, conscientes e solidários. A Área de Expressão e Comunicação transmite à criança diferentes linguagens fundamentais para a contínua apreensão de conhecimentos ao longo da sua vida, englobando vários domínios: Domínio da Educação Física; Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita; Domínio da Educação Artística; Domínio da Matemática. A terceira área, do Conhecimento do Mundo, permite adquirir ferramentas que a tornam capaz de compreender melhor o mundo que a rodeia.

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) englobam também uma secção que se centra numa evolução contínua da educação e uma outra secção que procura criar condições com vista ao sucesso no momento de transição para o primeiro ciclo.

A construção do currículo na educação de infância é gerida pelo educador, o que implica uma reflexão sobre as suas práticas pedagógicas, centrando-se na intencionalidade educativa. Para que o trabalho do educador se direcione numa perspetiva de crescimento e desenvolvimento da criança, é necessário observar, planear, agir e avaliar. Através de formas de registo e documentação, o educador anota o que observa e, após uma reflexão acerca das mesmas observações, deve planear estratégias, pô-las em prática e, por fim, avaliá-las. Contudo, as estratégias devem ser adaptadas, pois as crianças são todas diferentes, assim como os seus contextos de vida.

1.1.1 Contexto Institucional e Funcional da Prática de Ensino Supervisionada

A Prática de Ensino Supervisionada I (PES I), como referido anteriormente, decorreu no Jardim de Infância de Alfarazes no ano letivo 2018/2019, com crianças com idades compreendidas entre os três e quatro anos de idade, sob a orientação da Educadora Cooperante Gina Silva e da Professora Supervisora Filomena Velho. Esta Prática de Ensino Supervisionada foi realizada ao longo de quinze semanas, sendo que as duas primeiras semanas foram de observação, o que permitiu uma integração positiva e progressiva no ambiente escolar.

A sala dos três/quatro anos é caracterizada pela iniciação e interiorização de regras e rotina; assim, no início do ano letivo, a equipa constituída pelas educadoras construiu um horário onde ficaram predefinidos a hora de início, fim, aulas coadjuvadas, lanche da manhã, almoço e horas da sesta. A tabela (tabela 4) que se segue representa o horário definido nos três dias de Prática de Ensino Supervisionada.

	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira
9h00	Entrada para a sala de atividades.	Entrada para a sala de aula.	Entrada para a sala de aula.
10h15	Lanche da manhã	Lanche da manhã	Lanche da manhã
10h30 – 11h15		Aula Coadjuvada – Jogo Dramático	
12h00 – 13h30	Almoço	Almoço	Almoço
13h30 – 15h00	Hora da sesta	Hora da sesta	Hora da sesta
15h15 – 16h00	Aula Coadjuvada – Expressão Físico - Motora		
16h00	Saída da sala de atividades	Saída da sala de atividades	Saída da sala de atividades

Tabela 4 - Horário da Prática de Ensino Supervisionada

O seguimento da rotina em tenra idade é fundamental; como tal, por norma todas as crianças entram na sala de atividades entre as 9h00 e as 10h00. À medida que chegam, escolhem um jogo

de mesa e realizam-no até à hora do lanche da manhã (10h15). Contudo, minutos antes do mesmo, a educadora canta uma canção e as crianças, ao ouvirem, arrumam os seus jogos e formam uma fila ordenada para a casa de banho. Após o lanche da manhã e de volta à sala, sentam-se em grande grupo, formando uma roda, no espaço da reunião. Neste espaço, após cantarem os “Bons Dias” e atualizarem o quadro das presenças e do tempo, a educadora inicia o tema do dia (ou continuação, se o tema for semanal) e prosseguem as atividades planificadas até à hora de almoço (12h00).

Depois da hora de almoço, algumas crianças dormem a sesta, sendo esta uma decisão que fica a cargo dos pais. Contudo, às 15h00, todas as crianças estão acordadas. É de salientar que as crianças que não dormem a sesta entram na sala às 14h00 e realizam um jogo de mesa, ou terminam atividades pendentes.

Posteriormente, até à hora de saída, as crianças têm a oportunidade de escolher um espaço e brincarem livremente, o que é essencial na idade em que estão. Em alguns dias também se finalizam atividades que ficaram pendentes.

Para uma gestão do espaço da brincadeira, cada espaço tem quatro bonecos de cor diferentes e duas caixas, uma com fotografias e a outra caixa que representa quem já brincou naquele espaço. Os bonecos servem para colar as fotografias de quem está a brincar no respetivo espaço no momento. Assim, a criança escolhe o espaço e a educadora verifica se a sua fotografia está na caixa “já brincou”. Se estiver, a criança tem que escolher outro espaço, se não estiver, a criança brinca e a sua fotografia fica num dos quatro bonecos; quando a brincadeira terminar a sua fotografia vai então para a caixa “já brincou”. As fotografias só passam novamente para a primeira caixa quando esta estiver vazia, ou seja, já todas as crianças brincaram naquele espaço. Esta estratégia permite que as crianças brinquem em todos os espaços da sala e também que não tenham sobrecarga de meninos e meninas.

Minutos antes de tocar a campainha para a saída da sala de aula, a educadora canta novamente uma canção para que as crianças arrumem os espaços ou o material que estão a utilizar.

1.1.2 Planificação e execução de atividades

A planificação das atividades foi realizada com a condução e o apoio da educadora cooperante, o que permitiu a utilização de diversas estratégias desconhecidas até então.

Durante as quinze semanas de PES I, as atividades foram planificadas semanalmente, tendo por base um tema que trabalhava as áreas de conteúdo mencionadas anteriormente. No final de cada semana, em reunião com a educadora cooperante, era definido o tema para a semana seguinte e a

revisão do trabalho realizado na semana que tinha decorrido. Assim, tornou-se possível reconhecer, refletir e mudar os aspetos menos positivos da prática.

As duas primeiras semanas - semanas de observação direta e ativa - permitiram-nos um enquadramento nas rotinas e conhecer as crianças enquanto grupo e individualmente. Em termos de educação pré-escolar a observação é essencial para uma análise e reflexão contínua do desenvolvimento da criança.

São várias as estratégias que o educador pode utilizar com vista à compreensão do que a criança aprende. Deste modo, o registo de observação deve ser direcionado para o grupo mas também para cada criança de forma individual. Em relação ao grupo, a educadora pode, por exemplo, realizar registos de apoio à organização do mesmo: o registo das presenças; os locais (cantos) preferidos do grupo na hora de brincar livremente; a anotação de episódios que considere significativos, entre outros. Individualmente, a educadora pode registar, por exemplo, momentos de conflitos e a sua resolução, o comportamento, a evolução cognitiva e a oralidade, entre outros.

As observações diárias do educador exigem uma contextualização com a vida da criança, pois só assim é possível perceber determinados factos e atitudes que o aluno possa ter. É necessário existir uma relação positiva entre o educador e a família da criança, sendo assim mais facilitada a recolha de informação.

A observação pode ser realizada de várias formas; a educadora pode questionar a criança e posteriormente registar o que observou, o que questionou e quais as respostas que obteve. A educadora pode também observar sem interferir, registando o que vê. Neste último caso, as atitudes das crianças são mais espontâneas, porém, tudo depende do que se está a ser observado e qual a finalidade.

Após as duas primeiras semanas de observação, foi permitido colocar em prática o que aprendemos ao longo da nossa formação académica. Assim, como mencionado anteriormente, as atividades planeadas e desenvolvidas englobam as áreas de conteúdo presentes no documento orientador.

1.1.3 Áreas de Conteúdo

As áreas de conteúdo abrangem diferentes tipos de aprendizagem, de aquisição de conhecimentos, de atitudes e saber-fazer. Assim, o trabalho na educação pré-escolar desenvolve-se de forma holística e a partir de situações do quotidiano.

A curiosidade e o interesse inato das crianças permitem a descoberta do mundo e dão lugar a aprendizagem através de brincadeiras. Deste modo, segundo as Orientações Curriculares para a

Educação Pré-Escolar (OCEPE, 2016, p.31), há uma *complementaridade e continuidade, entre o brincar e as aprendizagens a realizar nas diferentes áreas de conteúdo.*

Em todo o processo educativo e em particular no planeamento das atividades, é fundamental que as diferentes áreas de conteúdo sejam trabalhadas de forma articulada, pois são vários os aspetos entre as mesmas que são comuns. Por sua vez, a construção do saber, além de contínua, deve ser progressiva, partindo sempre do conhecimento da criança sobre si própria para o conhecimento sobre o resto do mundo. O educador tem assim o dever de construir um currículo flexível que permita assegurar que a criança participe na sua própria aprendizagem; planejar atividades que possibilitem o desenvolvimento progressivo da criança, atingindo cada vez mais objetivos tanto a nível grupal como individual; dar oportunidades de aprendizagens diversificadas, interessantes e desafiadoras, que abranjam os vários domínios e áreas de conteúdo.

1.1.3.1 Área de Formação Pessoal e Social

A Área da Formação Pessoal e Social, tal como o nome indica, é uma área em que a criança aprende a relacionar-se consigo própria, com as pessoas que a rodeiam e com o mundo. Esta é uma área transversal que está presente em todo o trabalho no jardim de infância, uma vez que é aqui que se constroem as bases para a criança ser um cidadão autónomo, consciente e solidário.

A Área de Formação Pessoal e Social tem como componente de partida a construção da identidade e da autoestima. O desenvolvimento e as aprendizagens da criança vão sempre ser influenciados pelos seus pares, pela sua família, pela comunidade escolar e por todos os fatores que a rodeiam. Deste modo, a construção da identidade de cada um é um processo moldável que passa pelo *reconhecimento das características individuais e pela compreensão das capacidades e dificuldades próprias de cada um, quaisquer que estas sejam* (OCEPE, 2016, p. 34). O educador tem um papel fundamental na construção da autoestima da criança, pois é fundamental que a mesma sinta valorização, respeito e aceitação das suas diferenças culturais e características singulares. Aliada à autoestima, está a independência da criança, uma vez que é importante que, de forma progressiva, a criança aprenda a cuidar de si e assumir responsabilidades na sua segurança e no seu bem-estar.

A consciência de si como aprendente é outra componente importante desta vasta área, pois possibilita que a criança desenvolva a construção do seu pensamento e se aperceba dos próprios conhecimentos e aprendizagens adquiridas. Também o educador neste processo é fundamental, uma vez que deve ter como objetivo elaborar tarefas desafiantes que permitam que o grupo reflita sobre o próprio processo de aprendizagem. *A consciência de si como aprendente não é apenas individual, mas alarga-se e enriquece-se pela partilha das aprendizagens no grupo. Cabe ao/a educador/a apoiar as crianças a cooperarem entre si, exporem as suas ideias e a debaterem a*

forma como fizeram e poderiam melhorar, a fim de que cada criança contribua para a aprendizagem de todos e tome também consciência de si como aprendente. (OCEPE, 2006, p.38).

A convivência democrática e cidadania é a última componente que a Área de Formação Pessoal e Social abrange. Esta componente pretende dar mecanismos à criança para viver corretamente em grupo, promover atitudes de tolerância, compreensão e formar cidadãos autônomos, responsáveis, conscientes e compreensivos. Assim, segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, *a vida no jardim de infância deverá organizar-se como um contexto de de vida democrática, em que as crianças exercem o seu direito de participar, e em que a diferença de género social, física e cognitiva, religiosa e étnica é aceite numa perspetiva de equidade, num processo educativo que contribui para uma maior igualdade de oportunidades entre mulheres e homens, entre indivíduos de diferentes classes sociais com capacidades diversas e de diferentes etnias. (OCEPE, 2016, p.39).*

A Área de Formação Pessoal e Social esteve presente na maior parte das planificações ao longo do estágio. Como exemplo apresenta-se, de seguida, uma ilustração utilizada na planificação referente à semana 4 (disponível em anexo na p. 94, 95 e 96), relativa ao tema “As emoções”. O objetivo principal centra-se no reconhecimento das emoções (representadas na ilustração 12) e nas respetivas expressões faciais.



Ilustração 12 - As emoções

Fonte: Própria

A partir de uma história sobre o tema do Halloween e através do diálogo em grupo, foi introduzido o tema das emoções, sendo que a primeira emoção a ser trabalhada foi o medo. Posteriormente, uma a uma, foram apresentadas as imagens da ilustração 12 e ao longo do diálogo foi pedido às crianças para reconhecerem o que representava cada uma, tentarem imitar com expressões faciais e partilharem em que momento poderiam sentir a respetiva emoção. As emoções trabalhadas foram a alegria, a felicidade, o medo, a raiva/ira e a tristeza. As crianças aderiram bem a esta

atividade e mostraram-se particularmente entusiasmadas ao tentarem imitar as respectivas expressões faciais. Por sua vez, no diálogo foi necessário colocar algumas questões para ajudar o grupo a partilhar o que sentia.

1.1.3.2 Área de Expressão e Comunicação

A Área de Expressão e Comunicação é uma área particular, uma vez que se subdivide em domínios e subdomínios. Estes domínios têm uma *íntima relação entre si, por constituírem formas de linguagem indispensáveis para a criança interagir com os outros, exprimir os seus pensamentos e emoções de forma própria e criativa, dar sentido e representar o mundo que a rodeia* (OCEPE, 2016, p.43).

Os instrumentos que esta área proporcionam são bases fundamentais para o educando desenvolver outras áreas e tem um relevo importante na posterior educação escolar. Os domínios que fazem parte da presente área são o Domínio da Educação Física, o Domínio da Educação Artística, o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e, por fim, o Domínio da Matemática.

Domínio da Educação Física

O Domínio da Educação Física no jardim de infância é fundamental para que, de uma forma progressiva, a criança desenvolva a consciência e o domínio do próprio corpo. Este domínio, quando abordado de forma global e articulada, permite aprendizagens holísticas, diversificadas e uma relação gradual da criança consigo própria, com os outros e com vários objetos.

Em coadjuvação com a Área de Formação Pessoal e Social, um dos objetivos essenciais desde o início do desenvolvimento e aprendizagem das crianças é a promoção de estilos de vida saudável e a prática de exercício físico. Os cuidados de saúde primários, os hábitos de vida saudável e a estimulação da prática de exercício físico podem evitar problemas de saúde quando a criança se desenvolve e cresce, como, a obesidade.

O Domínio da Educação Física também deve trabalhar em interligação com outras áreas e domínios, por exemplo, com o subdomínio da Música e Dança e Jogo Dramático, na medida em que a criança desenvolve movimentos corporais variados e criativos, utilizando sons, e mobiliza o corpo com precisão e coordenação; no desenvolvimento da Linguagem Oral através do reconhecimento e da nomenclatura das diferentes partes do corpo; no subdomínio das Artes Visuais com a criação de diversos materiais que posteriormente podem ser utilizados na prática de variados exercícios físicos; e no Domínio da Matemática onde se podem desenvolver atividades de representação e orientação de espaço.

O jogo e a forma de abordagem lúdica estão diretamente associados a este domínio. Este recurso educativo - o jogo - faz parte do cotidiano das crianças e tem uma ligação direta com o seu desenvolvimento a nível motor, social, emocional, cognitivo, linguístico e comunicacional. Assim, torna-se fundamental que no pré-escolar a criança jogue e brinque, uma vez que deste modo desenvolve aprendizagens de forma ativa. Só é possível adquirir este tipo de desenvolvimento se o educador fornecer as condições necessárias, o que implica que as práticas pedagógicas vão ao encontro das necessidades das crianças. *É na etapa da educação pré-escolar que a criança sai do egocentrismo e aprende a importância de viver em sociedade. O conhecimento dos outros e a participação no trabalho de grupo ajuda as crianças a terem consciência do facto de pertencerem ao grupo e das vantagens daí decorrentes* (Serrão, 2009, p.10). Deste modo, os jogos coletivos realizados no pré-escolar fortalecem o desenvolvimento sócio afetivo. Na área do desenvolvimento cognitivo, o jogo desenvolve processos de atenção, concentração e disciplina, permitindo uma consolidação das aprendizagens. A nível do desenvolvimento moral, proporciona a transmissão de valores e regras. Quando a criança joga coletivamente, é necessário respeitar os colegas, reforçando, assim, o saber viver em sociedade. Entre os quatro e os sete anos, Piaget considera que a criança desenvolve um jogo de regras, sendo a função destas regular e integrar o grupo social.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, (OCEPE, 2016, p. 45) o processo de aprendizagem na Educação Física estrutura-se com base em três eixos com relação entre si: ação da criança sobre si própria e sobre o seu corpo em movimento; ação da criança sobre os objetos; desenvolvimento da criança nas relações sociais em atividades.

A ação da criança sobre si própria e sobre o seu corpo em movimento centra-se na exploração de diferentes movimentos e na consciência que a criança deve desenvolver sobre o seu próprio corpo. Procura-se que a criança, progressivamente, conheça as suas limitações e a relação do seu corpo com o exterior (direita, esquerda, em cima, em baixo, etc.) Este eixo trabalha essencialmente a matéria denominada de deslocamentos e equilíbrio, ajustando o equilíbrio às ações motoras básicas.

A ação das crianças sobre os objetos foca-se na realização de habilidades variadas, manipulando diferentes instrumentos e indo ao encontro da matéria intitulada de perícias e manipulações. A exploração de objetos permite que o educando, de forma progressiva, obtenha maior controlo do seu corpo e uma maior resposta a desafios encontrados, pois deve utilizar as variadas partes que o compõem (mãos, pés, braços, etc.), em combinação com aparelhos de diferentes tamanhos e formas, bolas, arcos, balões, entre outros.

O desenvolvimento da criança nas relações sociais em atividades com os seus parceiros é o eixo que vai ao encontro do jogo. Como já referido anteriormente, o jogo é fundamental na educação

pré-escolar pois, ao *jogar com os outros, a criança envolve-se numa diversidade de interações sociais propiciadas por diferentes formas de organização (individual, a pares, em equipas, tais como de perseguição, de precisão, de imitação, etc.), que apelam não o à cooperação, mas também à oposição.* (OCEPE, 2016, p. 45).

Nos momentos de jogo, geralmente, as crianças mostram-se participativas e empenhadas, assim durante o estágio o jogo era utilizado recorrentemente para consolidar outras atividades, para finalizar ou iniciar temas. Quando foi trabalhado o tema do “Dia dos Reis”, na semana 11 (de 7 a 9 de janeiro - apresenta-se a planificação em anexo disponível na p. 97, 98 e 99), após o grupo aprender uma música sobre os Reis Magos, a mesma foi utilizada para a realização de um jogo no domínio da educação física, o jogo dos arcos, como foi chamado. Antes do início do mesmo, foi feito um breve aquecimento, relembradas as regras de utilização do espaço e as regras do jogo. Este consistia em dispor os arcos em círculo, sendo que o seu número era menor do que o dos participantes. Ao som da música, todas as crianças tinham que andar à volta dos arcos. Quando a música parava, cada uma tentava ocupar um lugar, entrando no arco. A criança que não conseguisse um lugar saía do jogo, retirando-se mais um arco. O jogo terminava quando um jogador ocupasse o último arco. Após o jogo ser feito duas vezes, foi introduzida uma variante: as crianças tinham de formar grupos de dois elementos e os dois tinham que entrar para o mesmo arco. Verificou-se que com esta variante as crianças demonstraram maior dificuldade no cumprimento do objetivo. Os objetivos deste jogo passavam por desenvolver a motricidade global, cooperar em situações de jogo e aceitar e cumprir as regras do jogo.

Domínio da Educação Artística

O domínio da educação artística é vasto e dele fazem parte diferentes linguagens, assim, este domínio divide-se no subdomínio das Artes Visuais, do Jogo Dramático/Teatro, da Música e da Dança.

A educação artística assenta em diferentes formas de expressão, de descoberta e de experimentação que permitem a criação de pilares que ajudam na construção da personalidade de cada criança.

O contacto com a arte desde tenra idade é fundamental na construção de uma identidade com capacidades valorizadas ao nível da comunicação, da expressão, do conhecimento emocional e do conhecimento relacional. Nesta perspetiva, o jardim de infância tem que garantir o acesso à arte e à cultura artística para todas as crianças, de forma a minimizar as diferenças culturais e económicas.

Como defendem Godinho e Brito (2010, p. 10), *é actualmente consensual entre teóricos e pedagogos que a experiência artística pode ser vivida através da execução (aplicando técnicas) através da criação (fazendo algo novo) e através da apreciação (contactando obras de outros)*. Assim, a intencionalidade do educador na educação artística, para concretizar o processo de execução e criação, deve assentar na apropriação gradual de instrumentos e técnicas através de atividades variadas e progressivas que incentivem a diversidade e acessibilidade a novos materiais.

O processo de apreciação, por sua vez, é essencial para o desenvolvimento da criatividade e do sentido estético. O incentivo ao desenvolvimento da capacidade de observação, interpretação, reflexão e crítica nas diferentes manifestações artísticas e culturais está interligado com outras áreas de conteúdo, como a Formação Pessoal e Social e o Conhecimento do Mundo. Através destes processos de apreciação, a criança constrói a sua identidade pessoal, social e cultural, assim como conhece o património cultural e desenvolve a sensibilização para a preservação do mesmo.

A organização do ambiente educativo é fundamental para o desenvolvimento da criatividade e do sentido estético, uma vez que a criança vê as suas obras estéticas e sente-se valorizada. O diálogo entre a criança e o educador também é essencial para que o educando encontre formas criativas para representar os seus sentimentos e desenvolver o desejo de melhorar.

Durante a prática de ensino supervisionada, os trabalhos manuais realizados pelas crianças eram sempre expostos, por um lado para que a criança sentisse que o seu trabalho era valorizado, como mencionado anteriormente, e por outro para que os encarregados de educação observassem o trabalho realizado em sala de aula.

A exposição dos trabalhos era feita ou na própria sala de aula, muitas vezes com um objetivo decorativo sobre o tema que estava a ser trabalhado, ou então no corredor junto à sala de aula. Na ilustração 13, está representado o registo gráfico, feito pelas crianças, acerca de uma atividade realizada anteriormente inserida no tema “Magusto”. A exposição, colocada no corredor, facilitava a observação por parte dos encarregados de educação.



Ilustração 13 - Exposição do registo gráfico da atividade “Magusto”
Fonte: Própria

Subdomínio das Artes Visuais

As artes visuais são um vasto subdomínio que inclui várias formas de expressão e criatividade como pintura, escultura, desenho, fotografia, entre outras. Devido a esta multiplicidade, é fundamental que desde tenra idade as crianças tenham oportunidade de ter contacto e desenvolver atividades com diversos materiais e instrumentos (diferentes tipos e dimensões de papel, de tintas, de pincéis, de materiais de desenho, o contacto com carvão, barro, plasticina, areia, entre outros). O uso de diferentes materiais *permite à criança começar a perceber que a arte e a vida são indissociáveis* (OCEPE, 2016, p. 49). Assim, é importante que estes materiais façam parte do seu quotidiano e sejam reutilizados e transformados.

É da responsabilidade do educador que, além da exploração, experimentação e criação, as crianças tenham oportunidade de se exprimir verbalmente, dialogando sobre o que observam. Através deste diálogo, surge a exploração de elementos expressivos da comunicação, ou seja, a aprendizagem de conceitos básicos que são fundamentais para adquirir outras aprendizagens, como, por exemplo, definição e experimentação de cores primárias e secundárias; introdução dos termos “mole” e “rugosa” quanto à textura; iniciação às formas geométricas; iniciação aos termos “claro” e “escuro” quanto à tonalidade; diferenciação de retrato e autorretrato; proporção natural e desproporção.

O diálogo entre as crianças sobre as suas criações e, conseqüentemente, a análise e reflexão acerca do que se observa são fundamentais para desenvolver a expressividade e o sentido crítico. *Ao longo deste percurso visual que inter-relaciona o “falar sobre imagens” e os “modos de ver as imagens”, a criança enriquece o seu imaginário, aprende novos saberes, integra-os no que já sabe, e experimenta criar novas imagens, desenvolvendo progressivamente a sua sensibilidade estética e expressividade através de diversas modalidades (desenho, pintura, colagens, técnica mista, assemblage, land art, modelagem, entre outras)* (OCEPE, 2016, p.49).

Durante o estágio foram realizadas várias atividades que permitiram à criança contactos com materiais e técnicas diferentes.

As duas estações do ano que foram trabalhadas durante o tempo da prática de ensino supervisionada foram o outono e o inverno, em ambas construímos um painel com uma árvore que decoramos consoante as características de cada estação. O painel de outono, representado pela ilustração 14, era constituído por folhas criadas pelas crianças através da técnica de decalque e outras feitas através da técnica de colagens de folhas secas. Os ouriços e os cogumelos, que também representam a estação trabalhada, estavam presentes no painel e foram construídos através das técnicas de picotagem, pintura com lápis de cor e colagem. Esta atividade estava incluída no tema do “Outono” (planificação disponível em anexo na p. 100, 101, 102) e foi concluída na semana do dia 3 a 5 de dezembro.



Ilustração 14 - Painel de Outono
Fonte: Própria

Para a realização do painel de inverno, presente na ilustração 15, planejada para a semana de 14 a 16 de janeiro (planificação disponível em anexo na p. 103, 104 e 105) foi utilizada a picotagem para os flocos de neve e a manipulação de algodão para preencher a árvore. A manipulação de algodão permitiu, através do diálogo, explorar elementos expressivos da comunicação visual, mais propriamente as características do algodão: leve, macio, não rugoso.

Ainda para completar a decoração da sala com o tema inverno e utilizando a técnica do pontilhismo com cotonetes, as crianças decoraram gotas de chuva e, para as nuvens, novamente a técnica da carimbagem (ilustração 16). Esta atividade foi realizada em grupo com objetivo de promover o trabalho em equipa. Esta planificação encontra-se disponível em anexo na p. 106, 107 e 108.



Ilustração 15 - Painel de Inverno
Fonte: Própria



Ilustração 16 - Chuva

Fonte: Própria

Subdomínio do Jogo Dramático/Teatro

O subdomínio do jogo dramático/teatro, ao ser trabalhada no pré-escolar, tem como finalidade desenvolver a criança no seu todo, ou seja, através de gestos, de linguagem, mobilização de objetos, expressões corporais e faciais e representações de situações reais ou imaginárias. Tal como indica a nomenclatura do presente subdomínio, o jogo dramático não deve ser confundido com a representação teatral, ambos são importantes, ambos desenvolvem a criança em vários aspetos e ambos devem ser trabalhados em ambiente pré-escolar.

O teatro, segundo as OCEPE (2016, p.52), representa *uma ação de representação intencional, em que as crianças têm interesse e prazer, e em que participam e cooperam na (re)invenção de soluções para a criação de novas possibilidades de representação.* É fundamental o jardim de infância proporcionar a observação de diferentes manifestações artísticas como espetáculos, teatro de fantoches, teatro de sombras, performances, entre outras. Estas observações permitem à criança o desenvolvimento do sentido estético, a exploração dos meios e linguagens do teatro, assim como o desenvolvimento de diferentes interpretações, apreciações e a promoção da verbalização da opinião crítica.

A representação dramática em contexto de jardim de infância é um processo mais complexo que implica planeamento. Através da recriação ou criação de novas histórias e diálogos, o grupo experiencia a linguagem teatral, passando por toda a fase de construção de um espetáculo desde o espaço, a criação e construção de cenários e adereços até ao recurso a outras linguagens artísticas como dança e música. É fundamental que o educador execute estas manifestações dramáticas com base na idade e no desenvolvimento do grupo, começando por manifestações teatrais mais simples e evoluindo para as mais complexas.

Por sua vez, o jogo dramático, vulgarmente chamado “brincar ao faz de conta”, acontece quando a criança assume um papel diferente e representa diversas situações reais ou imaginárias. A representação simbólica é inata e espontânea, assim, o jogo dramático, que na maior parte das

situações ocorre pela iniciativa da própria criança, permite a descoberta de si própria e do outro e pode ser concretizado igualmente de forma individual ou envolvendo outras crianças.

O jogo dramático é considerado uma forma de jogo simbólico. Este jogo simbólico é natural e frequente nas crianças em idade de jardim de infância e acontece quando utilizam objetos e lhe atribuem diversos significados ou recriam situações do quotidiano e/ou imaginadas.

Quando o jogo dramático é partilhado com outras crianças, há um alargamento no desenvolvimento social, da linguagem verbal e não verbal e da interação com o outro. A nível individual, com o jogo dramático a criança pode evoluir a nível emocional, expressando os seus sentimentos e emoções e reequilibrando conflitos interiores.

O apoio do educador, ao fornecer propostas e atividades de jogo dramático, é tão importante como a liberdade para a criança experienciar momentos de representação simbólica livres. Como referido anteriormente no presente capítulo, todos os dias, no final do dia, por norma, as crianças da sala dos três anos escolhiam o seu espaço para brincarem livremente, sendo que uma das escolhas mais requisitada era “A casinha” onde brincavam ao faz de conta e onde era possível a educadora fazer várias observações sobre as crianças.

Durante o tempo de estágio, com a realização de várias atividades, pudemos observar e concluir que as crianças da sala dos três anos são muito atentas quando visualizam teatro com fantoches. Assim, como forma de trabalhar em grupo e celebrar o “Dia do Pijama” adaptámos a história “A Pedra Falante”, criámos fantoches (ilustração 17) e apresentámos a mesma a todas as salas do jardim de infância.

O Dia do Pijama é um dia educativo, comemorado pela maioria das instituições com crianças até aos dez anos, e que tem como objetivo a solidariedade com crianças necessitadas e a consciencialização para os direitos das crianças.



Ilustração 17 - Fantoches da história adaptada “A Pedra Falante”

Fonte: Própria

Após a visualização da história, no espaço da reunião, debateram-se temas importantes, presentes na história, como os incêndios e o facto de existirem crianças institucionalizadas que não têm família. Apesar da tenra idade, é importante que as crianças se deparem com situações do quotidiano, partilhem sentimentos, emoções e construam uma opinião crítica. Neste caso, o que se pensou foi possível através da observação desta manifestação artística que é o teatro de fantoches. Para finalizar a atividade, foi colocado no centro do espaço da reunião o fantocheiro e as personagens da história. Em grupo de pares, as crianças escolheram uma personagem e livremente exploraram o fantoche, fazendo uma breve representação. (A planificação da atividade está disponível em anexo na p. 109, 110 e 111).

Como já mencionado neste capítulo, as crianças da sala dos três anos têm também contacto com o jogo dramático todas as semanas através da aula coadjuvada.

Subdomínio da Música

A criança, desde cedo, tem contacto com a música e a abordagem à mesma em contexto jardim de infância é fundamental para o seu prazer e bem-estar. Este subdomínio influencia de forma positiva as aprendizagens da criança em vários domínios: no domínio psicomotor com o desenvolvimento das próprias competências musicais; no domínio cognitivo, pois permite mais interesse e beneficia a aquisição de conhecimentos; e no domínio afetivo, com o desenvolvimento da sensibilidade e apreciação musical. Assim, no subdomínio da música, pretende-se um desenvolvimento progressivo das competências musicais, o alargamento de referências artísticas e culturais e uma interligação da audição com a interpretação e a criação.

A educação musical começa com a aprendizagem de fazer silêncio, pois só assim é possível saber escutar, identificar e reproduzir sons. Deste modo, numa primeira fase, é essencial que o grupo, após aprender a escutar, tenha contacto com diferentes sons da natureza e da vida quotidiana, que os consiga reproduzir, recriar e conhecer as suas principais características: ritmo, melodia, timbre, forma e dinâmica.

De seguida, é importante que oiçam música de géneros musicais diferentes, sendo a qualidade uma exigência fundamental. Estas audições musicais também podem e devem ser utilizadas como momentos para a vivência corporal da música. A expressão corporal livre, a partir de estímulos musicais diversificados, constitui uma experiência única: a partir do “ouvir” a criança “faz”, criando e interpretando. (OCEPE, 2016, p. 55). Este “ouvir” e “fazer” cria uma ligação entre a música e a dança que, apesar de ser espontânea em tenras idades, desenvolve progressivamente o sentido rítmico.

Na educação musical, o momento de criação e recriação é fundamental para aumentar as aprendizagens das crianças quanto a este mundo musical; assim, é importante que o educador, além de trabalhar diversas letras de canções, crie oportunidades recorrendo a diversos tipos de instrumentos musicais, por exemplo, triângulos, xilofone, pandeiretas, entre outros. Os meios tecnológicos também são hoje em dia uma mais-valia que pode permitir também que as crianças conheçam e ouçam outros instrumentos que estejam inacessíveis.

A interpretação de canções é uma atividade recorrente nas salas do jardim de infância, pois para além do reconhecimento de novas palavras e do desenvolvimento da linguagem, é um bom estímulo para diferentes aprendizagens. Na sala dos três/quatro anos, eram vários os momentos em que eram utilizadas canções, por exemplo, na reunião da manhã as crianças cantavam o “Bom dia”; na hora de arrumar a sala a educadora cantava igualmente uma outra canção que era o mote para cada menino/a arrumar o seu trabalho (ou os seus brinquedos) e sentarem-se no espaço da reunião; em algumas atividades, por norma plásticas, em que as crianças estavam a trabalhar de forma individual, era colocada música de fundo para que se mantivessem mais calmas e concentradas; quando as crianças esperavam em fila para ir à casa de banho e posteriormente se dirigiam ao refeitório também eram cantadas algumas canções que com o tempo as crianças foram decorando e acompanhando; quando eram abordados alguns temas como as estações do ano, o Halloween, o Natal, entre outras, também eram aprendidas várias canções alusivas aos mesmos.

Subdomínio da Dança

A dança, como referido no subdomínio anterior, tem uma ligação com a música, pois é através do corpo em movimento que a criança exprime o que sente no momento em que está a ouvir. A par da música, a dança também se liga a outras artes, como o teatro, e a outros domínios, como o da educação física. Quando realizadas atividades coreográficas em grupo, a dança favorece o trabalho de grupo, uma vez que todo o grupo trabalha para uma finalidade comum.

Neste subdomínio, pretende-se que as crianças aprendam e criem formas de movimento expressivo e também que contactem e observem diferentes manifestações coreográficas, pois estes *contribuem para o desenvolvimento progressivo da criatividade, possibilitando ainda a fruição e compreensão da linguagem específica da dança. Esta linguagem permitirá à criança descrever e comentar movimentos relacionados com experiências diárias, recorrendo a um vocabulário específico. Facilita também a compreensão e aceitação de regras a seguir, tanto no papel de intérprete/executante, como no de observador/público, nomeadamente, a atenção escuta e respeito pelo outro* (OCEPE, 2016, p.57).

Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

A linguagem oral e escrita é um processo que começa a desenvolver-se através dos contactos que rodeiam a criança e não apenas quando esta ingressa no ensino formal. Por necessidade, a criança adquire de forma progressiva competências comunicativas que lhe permitem compreensão e troca de informação essenciais para a aprendizagem de todas as áreas e conseqüentemente para o desenvolvimento da linguagem.

No ensino formal, mais propriamente na educação pré-escolar, a linguagem oral e escrita *pretende não só acentuar a sua inter-relação como também a sua complementaridade, enquanto instrumentos fundamentais de desenvolvimento e de aprendizagem.* (OCEPE, 2016, p, 60).

O desenvolvimento da linguagem oral é fundamental na educação pré-escolar, pois é a partir desta que as crianças estabelecem comunicação com os outros pares, com a restante comunidade escolar, desenvolvem o pensamento e aprendem novos processos cognitivos. Durante o estágio, o desenvolvimento da linguagem oral não era equitativo uma vez que no grupo havia crianças de três e quatro anos, sendo notório que o desenvolvimento da linguagem oral era maior em algumas crianças do que em outras. Outro aspeto que podemos verificar é que nem sempre este desenvolvimento estava ligado à idade, pois crianças que ainda não tinham completado os quatro anos, por vezes, eram mais desenvolvidas do que alguns que já tinham essa idade.

Um aspeto que foi crescendo e se foi modificando com a evolução da sociedade é a língua portuguesa como língua não materna. Cada vez mais na educação pré-escolar encontramos crianças cuja língua materna é diferente da dos demais, o que torna o jardim de infância um lugar mais rico em aprendizagens diversificadas, pois permite uma vasta educação intercultural, quando todos se sintam valorizados e com à vontade para partilhar as suas vivências e diferentes modos de vida. Ao educador é reforçado o seu papel e o seu esforço para ser capaz de sensibilizar estes seus aprendizes a adquirir uma segunda língua, apesar de esta ocorrer de forma relativamente espontânea. Contudo, é importante que sejam apresentadas abordagens lúdicas que permitam que as crianças compreendam a importância do contacto com outros países e cidadanias e que todas se sintam a fazer parte da mesma comunidade.

Segundo as OCEPE (2016, p.62), a aquisição da linguagem é um processo *complexo, devido à multiplicidade de aspetos e fatores que estão envolvidos.* Assim, neste processo interligam-se duas componentes: a comunicação oral e a consciência linguística.

A comunicação oral no jardim de infância é indispensável pois reforça o desenvolvimento de competências sociais e, devido à sua transversalidade, permite a aprendizagem de diferentes áreas do saber. Através de situações de comunicação entre as crianças e com toda a comunidade escolar,

as crianças aprendem que a linguagem é diferente em várias situações e que têm que se adaptar a cada uma delas. Deste modo, o educador deve criar situações que permitam desenvolver a comunicação, no sentido de a criança adquirir mais vocabulário, construir frases corretas e em concordância de género, pessoa, número, lugar e tempo. Durante o dia, ao longo da PES I, proporcionávamos às crianças vários momentos de comunicação oral. Por exemplo, na hora da reunião que acontecia logo nos primeiros momentos do dia, levávamos as crianças a relatar vários acontecimentos do seu quotidiano; após a leitura de histórias, em que eram colocadas questões sobre a mesma para que construíssem respostas e partilhassem as suas ideias; cantando canções com o objetivo de reproduzirem de forma cada vez mais correta as palavras, entre outras situações.

A consciência linguística é um processo complexo que se inicia com a tomada de consciência de que a língua não é só um meio de comunicação. Através da exploração lúdica da linguagem, a criança compreende a forma como a língua é constituída, como se organiza e quais os seus elementos. Como defendem as OCEPE (2016, p. 64), *estes processos levam a criança a níveis de análise diferenciados que podem passar pela estrutura das frases, pela consciência das palavras enquanto unidades arbitrárias e enquanto elementos que as constituem, chegando a segmentos sonoros menores, como as sílabas ou mesmo os fonemas.*

Esta consciência linguística abrange três dimensões distintas: a consciência fonológica, a consciência da palavra e a consciência sintática. A consciência fonológica compreende a capacidade de a criança identificar elementos sonoros diferentes que integram as palavras. Esta consciência interliga-se com a aprendizagem da leitura, pois é conseguida através do desenvolvimento da análise oral, fonológica e com o processo de codificação da escrita. Contudo, o desenvolvimento destes processos em idade pré-escolar é mais tardio.

A consciência da palavra acontece quando a criança consegue compreender a palavra como elemento construtivo de uma frase. Inicialmente, a criança começa por identificar nomes, uma vez que têm significado para ela. Posteriormente, outros tipos de palavras como verbos, artigos, entre outros.

A consciência sintática ocorre com a capacidade de compreender regras gramaticais na organização de uma frase. Esta consciência não é atingida nos primeiros anos da idade pré-escolar.

A abordagem à escrita é outra componente deste domínio e torna-se fundamental ser trabalhada desde o jardim de infância. O contacto com o código escrito acontece desde muito cedo na vida da criança. Assim, é importante que na entrada para o pré-escolar a educadora perceba quais as ideias pré-concebidas que a criança tem em relação à escrita, a sua importância e consequentemente quais as finalidades que a mesma pode ter. O incentivo da educadora é

essencial na evolução deste domínio, pois o contacto precoce com a escrita e conseqüentemente com materiais e recursos como os livros cria bases importantes para o desenvolvimento de aprendizagens de hábitos de leitura e escrita. As OCEPE consideram três componentes essenciais para promover este desenvolvimento: a funcionalidade da linguagem escrita e a sua utilização em contexto; a identificação de convenções escritas; o prazer e motivação para ler e escrever.

Apesar da curta experiência de vida destas crianças que frequentam o pré-escolar, as suas vivências do quotidiano permitem que ainda em tenra idade percebam e identifiquem as funções da escrita, por exemplo, quando esta é lúdica ou informativa, assim como são capazes de identificar os variados suportes e a sua utilização através de livros de receitas, listas de compras, livros, entre outras. Contudo, é necessário que o educador elabore atividades para promover este desenvolvimento.

A identificação de convenções escritas inicia-se quando a criança é capaz de distinguir a escrita de palavras do desenho, uma vez que este último também pode ser considerado uma forma de escrita. Durante a PES I, no grupo dos três/quatro anos, a legenda através de desenhos era muito recorrente, uma vez que as crianças eram de tenra idade e ainda não reconheciam letras; assim, as palavras presentes na sala estavam acompanhadas por imagens. O mesmo acontecia com os livros que as crianças podiam explorar em sala, se por um lado alguns eram acompanhados pelo código escrito para que as educadoras pudessem ler, outros eram apenas constituídos por ilustrações que serviam para que a criança, através das mesmas, contasse a sua história, desenvolvendo o imaginário e conseqüentemente a comunicação oral.

O contacto com o livro é fundamental durante a vida do ser humano e na educação na infância ganha uma especial relevância, uma vez que é através deste que nasce e se fomenta o prazer e a motivação para ler. Não só na sala dos três/quatro anos mas também nas restantes salas do jardim de infância de Alfarazes, existe um espaço da leitura no qual são realizadas várias atividades que permitem o desenvolvimento de competências, sociais, emocionais, orais, entre outras. Durante o estágio, o grupo tinha a opção de escolha do espaço da leitura (no tempo em que eram livres de escolher as atividades a realizar, como referido anteriormente); quando as crianças eram acompanhadas a este espaço, pelas educadoras ou por nós estagiárias, era fundamental escutar a criança a contar ou a recontar histórias, levantar questões e através da comunicação oral, promover o desenvolvimento a vários níveis. Por vezes, eram as crianças que escolhiam um livro e pediam para ouvir a história. Estes acontecimentos demonstram o prazer e a motivação para a leitura e conseqüentemente para a escrita, assim como a boa relação com os livros.

Domínio da Matemática

Os acontecimentos matemáticos adquiridos nos primeiros anos de vida das crianças são essenciais para aprendizagens posteriores. Assim, é fundamental que a educação pré-escolar ofereça oportunidades educativas neste âmbito.

Tal como acontece nos restantes domínios, a matemática, no jardim de infância, deve ser adquirida a partir de acontecimentos do dia a dia e o educador tem um papel fundamental para que a criança tenha experiências diversificadas, se debata com questões, encontre as suas próprias soluções e seja encorajada a comunicar os processos matemáticos. O desenvolvimento de várias noções matemáticas tem por base um conjunto de processos gerais intuitivos: a classificação, a seriação, o raciocínio e a resolução de problemas.

Na fase inicial, como se verificou durante o estágio na sala dos três/quatro anos, as crianças desenvolvem gradualmente a capacidade de *reconhecer as propriedades que permitem estabelecer uma classificação ordenada de gradações que podem relacionar-se com diferentes qualidades de objetos, como, por exemplo: quantidade (mais, igual, menos), altura (alto, médio, baixo), tamanho (grande, pequeno), espessura (grosso, fino), luminosidade (claro, escuro), velocidade (rápido, lento), duração (muito tempo, pouco tempo), altura do som (grave, agudo), intensidade do som (forte, fraco)* (OCEPE, 2016, p. 75). O desenvolvimento destas capacidades foi mais fácil de identificar e acompanhar quando as crianças recorriam aos jogos de mesa, nomeadamente aos colares de contas, puzzles, legos, entre outros.

Na abordagem à matemática, segundo as OCEPE, são consideradas quatro componentes: Números e Operações; Organização e Tratamentos de Dados; Geometria e Medida; Interesse e Curiosidade pela Matemática.

A construção do sentido de número é um processo progressivo inteiramente ligado à contagem, à sequência numérica, às operações e às suas relações, assim, está associado à componente Números e Operações. Por norma, desde cedo, as crianças adquirem sequências numéricas simples, contudo, nem sempre conseguem fazer corresponder termo a termo, pois o sentido de número ainda não está totalmente desenvolvido. Durante o estágio, as crianças eram confrontadas diariamente com o número de crianças que estavam na sala e assim todos os dias eram realizadas contagens de forma individual, inicialmente com o auxílio dos adultos e posteriormente algumas crianças mostraram-se capazes de realizar estas contagens autonomamente.

A componente da Organização e Tratamento de Dados trabalha a recolha de informação e posteriormente a organização da mesma através de metodologias adequadas, com o objetivo de responder a questões colocadas. O tratamento de dados recolhidos passa pela classificação,

contagem e comparação. Esta componente deve ser trabalhada no jardim de infância através de aspetos que ocorram no dia a dia da criança e as questões formuladas devem ser do seu interesse.

A geometria e a medida são dois conteúdos matemáticos que se interligam, pois muitas situações de carácter geométrico estão relacionadas com questões de medidas. Nesta fase primordial de aprendizagem, a geometria agrega a orientação e visualização espacial, analisa e opera através de formas geométricas e trabalha a construção de padrões. Na fase dos três/quatro anos são recorrentes jogos em que as crianças identificam posições de objetos ou pessoas em relação a si, assim como o seguimento de percursos descritos oralmente. No âmbito da medida, objetiva-se que as crianças identifiquem atributos mensuráveis dos objetos, ou seja, que sejam capazes de comparar altura, largura, comprimento, indicando algumas características, assim como aprender a utilizar diversas formas de medir.

O Interesse e Curiosidade pela Matemática, tal como o nome indica, pretende despertar o desejo da criança de compreender e de saber mais sobre a matemática. Nesta componente as atividades realizadas devem ser de incentivo, de apoio ao desenvolvimento da criatividade e autonomia e de desafio, para que as crianças se debatam cada vez com situações mais complexas e abstratas.

1.1.3.3 Área do Conhecimento do Mundo

A Área do Conhecimento do Mundo trabalha os conhecimentos não só sobre o mundo natural em que todos nós habitamos mas também sobre o mundo social, experiências do quotidiano e todos os instrumentos que utilizamos no dia a dia. Nesta área, é fundamental desenvolver e promover a curiosidade inata das crianças, assim como compreender as ideias pré-concebidas sobre o mundo que as rodeia.

A primeira componente é a introdução à metodologia científica, pois é a partir desta que a criança inicia e desenvolve o seu processo de descoberta baseado na investigação científica. Tal como defendem as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, torna-se fundamental que o educador sistematize etapas progressivas neste processo, que permitam ao educando *questionar, colocar hipóteses, prever como encontrar respostas, experimentar e recolher informação, organizar e analisar a informação para chegar a conclusões e comunica-las* (OCEPE, 2016, p. 86).

A evolução do conhecimento das crianças parte sempre do conhecimento mais particular para o global. Assim é essencial que a criança parta do conhecimento do mundo social, tomando consciência dos diferentes meios sociais que existem. Na fase inicial, a educadora deve trabalhar o reconhecimento de locais, das unidades básicas de tempo (diário, semanal e anual), identificação

da sua comunidade e de outras diferentes, estabelecimento de relações entre o passado e o presente e o conhecimento e respeito pela diversidade cultural.

Após este saber primordial, os educandos estão preparados para conhecer o mundo físico e natural que os envolve, sendo que é neste nível que se introduz a abordagem às ciências, a segunda componente desta vasta área.

No conhecimento do mundo físico e natural, as crianças começam por compreender as diferenças e as semelhanças entre os animais e as plantas e identificar diferentes características dos seres vivos. O reconhecimento de diversos tipos de materiais, as suas propriedades e os objetos que podem ser feitos a partir destes é também uma aprendizagem fundamental no reconhecimento do mundo físico. Esta aprendizagem, por norma, é conseguida através da interdisciplinaridade com o domínio da educação artística.

A identificação dos fenómenos e as transformações que a criança observa no meio físico e natural, a manifestação de comportamentos de respeito e conservação pela natureza são aprendizagens fundamentais a serem conseguidas durante o período pré-escolar. Para finalizar esta componente, o educando deve demonstrar conhecer e ter cuidados com o seu corpo.

A última componente que trabalha a área do conhecimento do mundo é a utilização das tecnologias e do mundo tecnológico. Como vivemos na era das tecnologias, é crucial que as crianças, desde cedo, reconheçam os recursos tecnológicos disponíveis, as suas funções, vantagens e também desvantagens. Os recursos tecnológicos fazem parte da vida da maior parte das crianças desde que nascem, contudo, nem todas têm as mesmas oportunidades. Assim, a educação na infância possibilita também uma maior igualdade de oportunidades. Com a utilização dos meios tecnológicos, é fundamental que cada educando desenvolva uma atitude crítica perante as tecnologias que utiliza no seu dia a dia e compreenda as suas potencialidades e riscos.

Durante o estágio, foram diversas as atividades realizadas na área do conhecimento do mundo, sendo possível concluir que a atividade que mais entusiasmou as crianças foi experimental, acerca do ciclo da água. Esta atividade decorreu em dois dias na semana de 28 a 30 de janeiro (planificação da mesma disponível em anexo na p. 112, 113 e 114). Para iniciar o conhecimento sobre atividades experimentais, começámos por, em forma de diálogo e no espaço da reunião, informar as crianças que íamos ser cientistas, explorando o significado do termo e aplicando regras de cuidado e atenção para podermos realizar as atividades experimentais em segurança. A cada criança foi entregue um crachá com a palavra “Cientista” e a identificação de cada um. Antes de iniciarmos a experiência da solidificação apontámos as conceções prévias das crianças quando questionadas sobre o que aconteceria à água colocada no congelador e de seguida passámos, então, para a mesa de trabalho, onde as crianças se colocaram à volta e em pé. Ao longo da experiência da solidificação foram chamadas crianças aleatoriamente para poderem atuar: alguns

foram buscar a água e outros deixavam-na para a forma de cubos. Como o processo de solidificação só ficaria terminado horas depois, todas as crianças observaram a caixa com a água no congelador e continuámos as restantes atividades propostas desse dia. Utilizando o mundo tecnológico, através do computador, no espaço da reunião contámos a história “O ciclo da água”, onde as crianças puderam observar as ilustrações que acompanhavam a história. Como a presente atividade foi iniciada à tarde, no dia seguinte, novamente em forma de diálogo, relembámos a história e a primeira atividade experimental realizada, para seguidamente concluirmos a mesma. Uma criança escolhida aleatoriamente e acompanhada por uma educadora foi buscar a caixa que estava no congelador e, na sala de aula, todos observaram e tocaram nos cubos de gelo que se tinham formado, assim como partilharam o que sentiam ao tocar no gelo (ilustração 18 – Criança a tocar no gelo). Alguns cubos foram posteriormente colocados num recipiente para que as crianças observassem o derreter natural do gelo.



Ilustração 18 - Criança a tocar no gelo
Fonte: Própria

Após a atividade da solidificação estar concluída, realizámos a atividade da precipitação (o guião de ambas as planificações está disponível em anexo na p.115). Nesta atividade, apesar de alguma intervenção das crianças, foi mais de observação, pois os materiais a utilizar eram de algum risco. Com o apoio da história e com as respetivas experiências realizadas, as crianças conseguiram responder como se formava a chuva e a neve.

De seguida, na última experiência, foi identificado num frasco o nível da água e quando colocadas algumas pedras de gelo as crianças observaram que este subiu. Com esta atividade, também conseguiram analisar que as pedras de gelo derretiam mais depressa com o contacto com água quente do que as pedras que foram colocadas num recipiente sem nada. Após o almoço, de regresso à sala, as crianças observaram o frasco e o recipiente, concluindo assim que no primeiro já só havia água, mas no segundo recipiente ainda havia uma pequena pedra de gelo. Para concluir

as experiências, foi criada uma tabela de registos, como se verifica na ilustração 19 – Tabela de Registos da Atividade Experimental “Solidificação e Precipitação”, onde foram impressas imagens dos materiais que utilizámos e as conceções prévias das crianças, assim como as suas sensações ao longo das duas experiências.



Ilustração 19 - Tabela de Registos da Atividade Experimental “Solidificação e Precipitação”

Fonte: Própria

A experiência de ensino e aprendizagem ocorrida durante a PES permitiu criar conteúdos, elaborar atividades, partilhar o saber e colocar em prática os conhecimentos científicos e metodológicos adquiridos ao longo do primeiro ano de mestrado. Contudo, na adaptação à prática surgiram dificuldades e receios que com o decorrer da mesma felizmente foram colmatados.

Na fase inicial, a maior dificuldade centrou-se em conseguir a confiança das crianças e ao mesmo tempo conhecer cada uma delas com as suas individualidades. Para isso, as observações iniciais e o apoio da educadora cooperante foram fundamentais.

O desenvolvimento é diferente em cada criança, o que torna desafiante o papel do educador, pois tem que adaptar as suas estratégias às necessidades de cada uma. O encontrar novas estratégias durante a respetiva prática foi o maior desafio mas também a grande consolação ao atingir os objetivos. O jardim de infância é o primeiro contacto que a criança tem com o ambiente escolar e o papel deste na construção e crescimento da criança é essencial.

2. Experiência de Ensino e Aprendizagem no Primeiro Ciclo do Ensino Básico

2.1. Primeiro Ciclo do Ensino Básico

O Primeiro Ciclo do Ensino Básico (1ºCEB) é a primeira etapa do sistema educativo que sucede à educação pré-escolar. O sistema educativo é um sistema de estruturas e ações, organizado, que concede o direito à educação para o desenvolvimento individual, global e progressivo de cada cidadão e da sociedade. Segundo a Lei de Bases do Sistema Educativo (secção II, artigo 7º, homologada a 14 de Outubro de 1986), alguns dos objetivos do ensino básico passam por:

- Assegurar a formação geral a todos de forma equilibrada e interrelacionar o saber com o saber fazer, a teoria, a prática, a cultura escolar e a cultura do quotidiano;
- Desenvolver interesses, aptidões, espírito crítico, capacidade de raciocínio, criatividade, sentido moral e sensibilidade estética promovendo a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social;
- Promover o desenvolvimento físico e motor;
- Valorizar a educação artística de modo a sensibilizar as diversas formas de expressões estéticas; entre outros.

Ao longo dos anos, a escola tem procurado encontrar respostas para atingir um nível de educação e formação equitativa e que permita a cada criança uma plena integração social. Assim, a promoção da escola inclusiva pretende que o aluno seja a centralidade no processo educativo, independentemente da sua situação pessoal e social. Para tal, a construção do currículo no ensino básico caracteriza-se por ser autónoma e flexível, adequado aos contextos e às necessidades de cada aluno.

O currículo do ensino básico é construído através de uma matriz conceptual que integra documentos reguladores, como o *Programa e Metas Curriculares* das diferentes áreas curriculares, o *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* (PA) e as *Aprendizagens Essenciais* (AE), com outros conceitos fundamentais como a autonomia e flexibilidade curricular, as áreas disciplinares, os documentos curriculares (como planos e metas orientadoras) e várias estratégias que visam o desenvolvimento de várias competências.

O PA é um documento orientador criado com o objetivo de contribuir para o planeamento e realização do ensino e da aprendizagem e para a avaliação interna e externa das aprendizagens dos alunos. A estrutura deste documento tem por base princípios, valores e áreas de competências e é comum para todas as escolas.

As AE, segundo o *Documento Síntese – Currículo dos Ensinos Básico e Secundário* (p.6), são o conjunto comum de conhecimentos a adquirir identificados como os conteúdos de conhecimento disciplinar estruturado, indispensáveis, articulados conceptualmente, relevantes e significativos,

bem como de capacidades e atitudes a desenvolver obrigatoriamente por todos os alunos em cada área disciplinar ou disciplina, tendo, em regra, por referência o ano de escolaridade ou de formação. As AE, integrando o conjunto de documentos curriculares, constituem orientação curricular de base, a partir da qual o currículo é enriquecido para a consecução do PA.

As componentes do currículo (áreas curriculares) que fazem parte da matriz curricular nos primeiros dois anos do Ensino Básico são o Português, a Matemática, o Estudo do Meio e as Expressões Artísticas e Físico-Motoras. No terceiro e quarto ano, às anteriores acrescenta-se o Inglês. O apoio ao estudo e a oferta complementar também têm alguma carga horária durante todo o ensino básico, contudo é mais reduzida.

A escola, nos dias de hoje, é o local onde as crianças passam grande parte do tempo do seu dia. Assim, a responsabilidade da escola torna-se acrescida. O docente, além do transmissor de conhecimentos, é o elemento que as crianças escutam e, consciente ou inconscientemente, imitam. Assim, o papel deste na construção e crescimento da criança é essencial.

2.1.1 Contexto Institucional e Funcional da Prática de Ensino Supervisionada

A Prática de Ensino Supervisionada II (PES II), como referido anteriormente, decorreu na Escola Básica do Bonfim com a turma de 1º ano do ano letivo 2018/2019, sob a orientação da Professora Cooperante Isabel Leitão e das Professoras Supervisoras Urbana Cordeiro e Florbela Antunes. Tal como aconteceu na PES I, esta Prática de Ensino Supervisionada foi realizada ao longo de quinze semanas, sendo que as duas primeiras semanas foram de observação.

Através de uma integração progressiva e com o decorrer do tempo foi possível conhecer a turma de forma gradual, aprender a lidar com as dificuldades, aplicar metodologias diferentes, utilizar materiais lúdico-didáticos e crescer tanto a nível científico como pessoal.

A planificação das regências foi realizada com a condução e o apoio da professora cooperante, o que permitiu a utilização de diversas estratégias desconhecidas até então, por exemplo no trabalho desenvolvido com as crianças que apresentavam algumas necessidades educativas, bem como de diversos materiais que a docente nos facultou. As crianças, todas elas diferentes, têm ritmos de aprendizagem também distintos, o que torna desafiante o papel do professor, pois tem que adaptar as suas práticas às necessidades de cada um. Este foi o maior desafio, mas também a grande compensação ao atingir os objetivos.

Durante a PES II, ao trabalhar com as crianças de primeiro ano, mesmo cada uma sendo diferente, tivemos o prazer de acompanhar o notório desenvolvimento e crescimento principalmente ao

nível da autonomia e empenho, pois estes alunos atravessaram o período de transição do pré-escolar para o primeiro ciclo.

A regência individual decorreu ao longo de três dias por semana, sendo que o horário da manhã era das 9 às 12 horas e no período da tarde das 14 até às 16 horas. A carga horária dividia-se entre as diferentes áreas de conteúdo a serem trabalhadas e era definida com a docente cooperante na reunião semanal.

2.1.2 Planificação e execução de atividades

Esta experiência de PES II foi partilhada, assim, durante as quinze semanas a regência individual foi realizada de duas em duas semanas. No final de cada semana, em reunião com a professora cooperante, eram definidos os diferentes conteúdos a serem trabalhados nas diferentes áreas curriculares. Durante a semana em que não me estava atribuída a regência individual, eram planificadas e preparadas todas as aulas para a semana seguinte, atividades diversas, trabalhos de casa e a reflexão da semana anterior, o que tornava possível reconhecer, refletir e mudar os aspetos menos positivos da prática.

As duas primeiras sessões de aula antes do início da regência contribuíram para travar conhecimento prévio com a turma, conhecer as crianças enquanto grupo e individualmente e, com o apoio da professora cooperante que se mostrou sempre disponível, foi possível ultrapassar complexidades, anseios e dúvidas que surgiam.

A gestão de tempo foi uma das dificuldades iniciais com que me deparei, pois, apesar de o horário ser um pouco flexível, no primeiro ciclo, é necessário cumprir o plano das respetivas áreas de conteúdo. Na planificação de cada regência, é necessário que o docente tenha em consideração que o fator tempo deve estar muito bem explorado. Assim, com a prática e o conhecimento da turma, acabam por se criar rotinas organizativas e é fundamental que em cada momento do dia o professor se coloque também no lugar do aluno, tendo noção de que nem sempre se cumprem as planificações, nem todos aprendem da mesma maneira e que, tal como o professor, o discente também precisa do seu próprio tempo de aprendizagem. *O professor deve ter o espírito aberto e ser criativo no que concerne à aplicação das estratégias de gestão de sala de aula.* (Dole, 1986, citado por Paulo, 2011, p. 38).

Para a realização das regências, foram utilizados vários materiais, sendo que o predominante foi o manual escolar. Por norma, os temas e conteúdos abordados são a sequência do que apresenta o manual escolar e os recursos educativos de cada sala de aula permitem que o respetivo manual escolar e livros de exercícios estejam disponíveis de forma interativa.

O manual escolar, apesar de todo o avanço das novas tecnologias, continua a ser insubstituível, pois além de estruturar o trabalho do professor é um recurso pedagógico utilizado não só pelos alunos mas também pelas suas famílias. Contudo, a sua exclusividade de dar informação foi sendo perdida uma vez que a internet, por exemplo, facilitou a partilha e busca de nova informação. Deste modo o manual escolar mantém definitivamente o seu estatuto de excelência, pois permite *o acesso ao conhecimento de forma estruturada e organizada e, também, é uma forma de nivelar as desigualdades sociais, uma vez que todos os alunos têm acesso aos manuais escolares. Uma vez que o acesso a fontes de informação alternativas é limitado pelo estatuto económico, social e cultural* (Nascimento, 2011, p.27). As novas tecnologias aplicadas também aos manuais escolares trouxeram vantagens, pois exigiram a sua atualização e renovação. Por exemplo, quase todos os manuais escolares vêm acompanhados de CD e ou DVD que permitem ao professor tornar a aula mais rica e atrativa e ao aluno maior entusiasmo em estudar. *Esta nova atitude educativa obriga a enorme reformulação dos manuais escolares, quer na perspetiva de imprimir motivação e desenvolver a criatividade e a autonomia, quer ao encorajar os alunos a verem a escola como uma janela para a vida, possibilitando o levantamento da curiosidade e de questões pertinentes para a aquisição de conhecimentos.* (Nunes, 2013, p.29).

Para reforçar a diversidade e contribuir para aprendizagens mais significativas, durante a prática de ensino supervisionada, além dos manuais escolares, utilizaram-se também cartazes, tabelas e materiais manipuláveis como o ábaco. A base para a planificação das regências foram sempre temas das diferentes áreas curriculares apresentadas de seguida.

2.1.3 Áreas Curriculares

O trabalho realizado no 1ºCEB abrange diferentes áreas curriculares, sendo elas o Português, a Matemática, o Estudo do Meio e as diversas Expressões. Estas áreas curriculares em articulação e contextualização de saberes visam proporcionar aprendizagens ativas e significativas que contribuem para o desenvolvimento de um cidadão ativo, informado e consciente.

As aprendizagens ativas e significativas são um processo que surgiu com a evolução dos tempos, continua em construção e o docente recorre à utilização de várias estratégias para que o aluno adquira os objetivos propostos. Segundo Hohmann, Banet, Weikart, (1979, citado por Faria, 2015, p. 8) Jean Piaget defende que *o que se ensina...só é efetivamente assimilado quando desperta uma reconstrução ativa ou até uma reinvenção por parte da criança.*

A aprendizagem ativa exige que o aluno, no seu contexto escolar, tenha oportunidade de manipular objetos e utilizar materiais didáticos que o acompanhem na descoberta de novos conhecimentos. A base da aprendizagem ativa centra-se na promoção de competências sociais e

no desenvolvimento das capacidades cognitivas. Assim, *pode ser definida como uma aprendizagem que é iniciada pelo sujeito que aprende, no sentido de que é executada pela pessoa que aprende, em vez de lhe ser apenas «passada» ou «transmitida»*. (Hohmann, Banet, & Weikart, 1995, citado por Andrade, 2016, p. 7).

Os mesmos autores Hohmann & Weikart, (2011, citados por Andrade, 2016, p. 8) defendem que existem cinco componentes que permitem avaliar se a aprendizagem é ativa ou não. Estas componentes são: *materiais, a manipulação, a tomada de decisões, a linguagem da criança e apoio do adulto*. Ou seja, a aprendizagem ativa envolve a exploração de materiais através dos cinco sentidos: através da manipulação a criança descobre a função dos objetos; a tomada de decisões, por sua vez, passa por ser a criança a escolher o que vai fazer com o material; a comunicação das suas experiências faz-se a partir da linguagem e o adulto deve respeitar este processo da criança e estimular a sua criatividade.

A aprendizagem significativa, por sua vez, envolve os conhecimentos dos alunos e as suas vivências no quotidiano. Esta ocorre quando a criança adquire significado a partir do seu conhecimento prévio. *Vygotsky propõe uma perspectiva de aprendizagem sócio-construtivista assente na ideia de que uma aprendizagem só é significativa se o aluno estiver em interação com o meio e quando inseridos em contextos sociais diversificados – Ensino cooperativo*. (Teixeira, 2013, p. 3). Para ocorrer esta aprendizagem significativa é necessário que o aluno tenha disposição para aprender e o conteúdo que vai aprender tem que ter um potencial significativo para o próprio aluno. Este tipo de aprendizagem é vantajoso na medida em que há um enriquecimento da estrutura cognitiva do aluno, assim como na lembrança do conteúdo aprendido, pois o aluno adquiriu-a por meio da assimilação a uma situação.

O professor, na planificação das suas aulas tem liberdade para recorrer a este tipo de aprendizagens, incorporando-as com os objetivos propostos nas diferentes áreas curriculares.

2.1.3.1 Área Curricular de Português

Como defendem as *Aprendizagens Essenciais de Português*, (2018, p. 2) a aprendizagem da disciplina de Português permite aos alunos de forma progressiva *entender a língua como fator de realização, de comunicação, de fruição estética, de educação literária, de resolução de problemas e de pensamento crítico. É na interseção de diversas áreas que o ensino e a aprendizagem do português se constroem: produção e receção de textos (orais, escritos, multimodais), educação literária, conhecimento explícito da língua (estrutura e funcionamento)*.

A Área Curricular de Português é constituída por quatro domínios de conteúdo: a Oralidade, a Leitura e Escrita, a Educação Literária (que no primeiro e segundo ano se define como Iniciação à Educação Literária) e a Gramática.

Nesta área curricular, o objetivo geral no primeiro ciclo do Ensino Básico centra-se no aprofundamento do conhecimento do Português na linguagem oral e da linguagem escrita. Em específico, no primeiro ano a missão principal é o desenvolvimento da consciência fonológica e da consciência ortográfica.

O domínio da Oralidade, além do desenvolvimento da capacidade de compreensão e expressão oral, é fundamental para, de forma progressiva, desenvolver os domínios da Leitura e da Escrita. A aquisição de regras, princípios de cortesia, princípio de cooperação e o desenvolvimento das capacidades articulatórias e prosódicas são aspetos a salientar na aprendizagem deste domínio.

Por sua vez, a Leitura e a Escrita são duas funções distintas que estão juntas em um único domínio, pois apoiam-se mutuamente e são consideradas a base fundamental para o ensino de todas as disciplinas.

A Educação Literária é o domínio que permite aos alunos o contacto com textos literários tanto portugueses como estrangeiros. Para promover e auxiliar a leitura autónoma foi criado um plano, o Plano Nacional de Leitura (PNL), que contém uma listagem com vários textos/obras e que pode ser consultada por toda a comunidade. O contacto com diferentes textos literários, segundo o Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico (2015, p, 8) *amplia o espectro de leituras e favorece a interação discursiva e o enriquecimento da da comunicação.*

O domínio da Gramática pretende que as crianças dominem regras e processos gramaticais nas diversas situações da Oralidade, da Leitura e da Escrita. Neste domínio, foca-se a fonologia e a sua ligação com a representação gráfica; a classe das palavras; a morfologia, que se baseia na apreensão dos conceitos das palavras e os aspetos essenciais da flexão; a lexicologia, que se foca na relação semântica das palavras e a perceção de diferentes famílias; e, por fim, a sintaxe, com a compreensão de vários conceitos que permitem a expansão e redução de frases, assim como o conhecimento das várias tipologias.

A área de Português esteve presente em todas as planificações ao longo das semanas de regência. Uma vez que se tratava de uma turma de primeiro ano, foi possível acompanhar a evolução das crianças na aprendizagem da escrita, da leitura e dos restantes conteúdos.

Com o decorrer das regências, tornou-se necessário recorrer a estratégias variadas para que a aprendizagem destes conteúdos fosse mais motivadora e interessante. Assim, uma das atividades desenvolvidas foi o grupo turma conhecer a obra “O Coelho Branco” de António Torrado - ilustração 20 (inserida na planificação do dia 26 de março de 2019 – disponível em anexo da p. 117-122) através da visualização de um vídeo (ao invés da tradicional técnica de leitura por parte da regente).

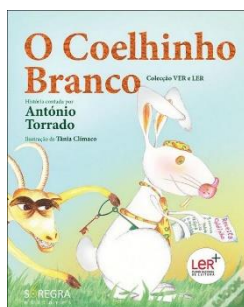


Ilustração 20 - “O Coelho Branco”, de António Torrado
Fonte: <https://www.wook.pt/livro/o-coelho-branco-antonio-torrado/12865286>

Após esta motivação inicial e o primeiro contacto com a obra, foi projetada a história e, de forma aleatória, alguns alunos leram em voz alta. No decorrer da presente atividade, os alunos mostraram-se motivados e atentos à leitura. De seguida, em forma de diálogo, foram abordados os aspetos principais do texto (nomes das personagens, espaços, enredo, entre outros). Os alunos, durante o diálogo, exprimiram os seus pontos de vista e mostraram perceber a moral da história, que incentivava a cooperação, a ajuda e a amizade. Para finalizar, as crianças realizaram uma ficha de consolidação sobre a história lida e foi feita a respetiva correção.

2.1.3.2 Área Curricular de Matemática

A Área Curricular de Matemática na escolaridade básica tem como missão proporcionar aprendizagens matemáticas aos seus alunos relevantes e sustentáveis, sempre com base no princípio de qualidade e equidade. Como nas restantes áreas, os conteúdos aprendidos contribuem para o desenvolvimento pessoal e social da criança assim como são fundamentais para a sua vida profissional futura.

Segundo as *Aprendizagens Essenciais de Matemática*, (2018, p. 2 e 3) *o ensino da Matemática deve ser norteado pelas seguintes finalidades principais:*

- a) Promover a aquisição e desenvolvimento de conhecimento e experiência em Matemática e a capacidade da sua aplicação em contextos matemáticos e não matemáticos;*
- b) Desenvolver atitudes positivas face à Matemática e a capacidade de reconhecer e valorizar o papel cultural e social desta ciência.*

O Programa e Metas Curriculares de Matemática para o Ensino Básico (2013, p. 2) destaca três outras grandes finalidades para a compreensão e aprendizagem da presente área:

- A estruturação do pensamento, que se centra na apreensão e hierarquização de conceitos matemáticos e no desenvolvimento do raciocínio hipotético-dedutivo;
- A análise do mundo natural, ou seja, a compreensão de grande parte dos fenómenos do mundo que nos rodeia e a valorização, reconhecimento e manuseamento de variados instrumentos matemáticos essenciais também para a aquisição de conhecimento em outras disciplinas existentes no currículo;
- A interpretação da sociedade, que vai ao encontro da finalidade b) mencionada anteriormente, com a aplicabilidade da matemática no quotidiano e o contributo da mesma para uma cidadania responsável e informada.

Para atingir estas finalidades, esta área curricular está dividida em diferentes domínios de conteúdo: Números e Operações; Geometria e Medida; Organização e Tratamento de Dados.

O domínio dos Números e Operações, que normalmente é iniciado no Pré-Escolar com o desenvolvimento do sentido de número, prossegue na educação básica com a compreensão das diferentes operações o desenvolvimento do cálculo mental e escrito, o estudo dos *números naturais e o sistema de numeração decimal, bem como os números racionais não negativos na sua representação decimal, sendo também introduzida a representação na forma de fração, considerada nos seus múltiplos significados.* (Aprendizagens Essenciais de Matemática, 2018, p. 4)

O domínio da Geometria e Medida inicia-se com a aquisição de noções básicas de geometria, continuando a desenvolver a compreensão das propriedades das figuras geométricas, assim como a identificação, interpretação e descrição de relações espaciais, representação, construção e descrição de figuras planas e sólidos geométricos. Na área da medida é introduzido e estudo e noção de grandeza e processos de medida.

No domínio da Organização e Tratamento de Dados, objetiva-se que os alunos desenvolvam a capacidade de recolha, tratamento e interpretação de informação estatística.

A aquisição e desenvolvimento de conhecimentos matemáticos tem que ser construído a partir de processos elementares, uma vez que é fundamental a construção e desenvolvimento do raciocínio matemático e a capacidade de analisar também o raciocínio dos outros, para posteriormente existir uma comunicação oral e escrita adequada à presente área. Estas aquisições vão permitir a resolução de problemas em diversos contextos que, de ano para ano de escolaridade, vão aumentando de exigência.

Durante o estágio, a área curricular da Matemática foi trabalhada com grande frequência a partir do manual escolar uma vez que o mesmo era rico em exercícios práticos. Contudo, foram igualmente realizadas atividades que permitiram construir e desenvolver conhecimentos matemáticos. Um jogo que foi realizado (planificação referente ao dia 21 de maio de 2019 - disponível em anexo nas p. 123-126) teve como objetivo trabalhar o dinheiro, o euro, e foi feito em grupo de pares. As crianças simularam ser vendedores e compradores e, com vários materiais (notas e moedas), realizaram operações matemáticas que implicavam contagens (de dinheiro), adições, subtrações e dar troco. Este exercício exigiu o auxílio da professora numa fase inicial e posteriormente as crianças desenvolveram-no mais autonomamente.

2.1.3.3 Área Curricular de Estudo do Meio

A Área Curricular de Estudo do Meio tem como finalidade desenvolver aprendizagens em várias disciplinas como a Biologia, Geologia, Geografia, Física, Química, Tecnologia e História. Estas disciplinas estão interligadas e as aprendizagens conseguidas visam contribuir para a compreensão da sociedade, da tecnologia e da natureza.

A estruturação do Programa de Estudo do Meio, apesar de flexível, obedece a uma ordem lógica de modo a que o aluno adquira aprendizagens primeiro sobre si e o seu meio envolvente para posteriormente adquirir conhecimento mais aprofundado sobre o mundo. Esta organização é dividida em cinco blocos. O primeiro bloco denomina-se “À descoberta de si mesmo” e pretende que *os alunos estruturam o conhecimento de si próprios, desenvolvendo, ao mesmo tempo, atitudes de auto-estima e autoconfiança e de valorização da sua identidade e das suas raízes.* (Programa de Estudo do Meio, 2004, p.105). “À descoberta dos outros e das instituições” é o segundo bloco, que pretende alargar os conhecimentos da criança, primeiro aos que lhe são mais próximos e posteriormente a quem está mais distante no espaço e no tempo. O terceiro bloco, com a designação “À descoberta do ambiente natural” *compreende os conteúdos relacionados com os elementos básicos do meio físico (o ar, a água, as rochas, o solo), os seres vivos que nele vivem, o clima, o relevo e os astros.* (Programa de Estudo do Meio, 2004, p.115). O quarto bloco intitula-se “À descoberta das inter-relações entre espaços” e, como o nome indica, são adquiridas aprendizagens relativamente ao espaço, apesar de a criança ter uma perceção subjetiva do mesmo adquirida ao longo da sua vida. “À descoberta dos materiais e objetos” é o último bloco e *pretende-se fundamentalmente com este bloco desenvolver nos alunos uma atitude de permanente experimentação com tudo o que isso implica: observação, introdução de modificações, apreciação dos efeitos e resultados, conclusões* (Programa de Estudo do Meio, 2004, p.123). A exploração de materiais, a manipulação de objetos e instrumentos e o registo são fundamentais neste bloco.

Na presente área curricular, os acontecimentos do cotidiano e a partilha de diferentes vivências são fundamentais, pois é através do confronto com problemas concretos e situações da vida em comunidade que os alunos adquirem responsabilidade e respeito sobre o meio ambiente, a cultura e a sociedade. Assim, ao docente cabe proporcionar instrumentos e técnicas para a descoberta e construção das aprendizagens dos alunos.

O Estudo do Meio, devido à natureza dos seus temas, é uma disciplina que possibilita a interdisciplinaridade e a articulação do saber com outras áreas do currículo. Assim, as Aprendizagens Essenciais (2018, p. 3) apresentam ações estratégicas que permitem melhorar os processos de ensino:

- a) Centrar os processos de ensino nos alunos, enquanto agentes ativos na construção do seu próprio conhecimento;*
- b) Tomar como referência o conhecimento prévio dos alunos, os seus interesses e necessidades, valorizando situações do dia a dia e questões de âmbito local, enquanto instrumentos facilitadores da aprendizagem;*
- c) Privilegiar atividades práticas como parte integrante e fundamental do processo de aprendizagem;*
- d) Promover uma abordagem integradora dos conhecimentos, valorizando a compreensão e a interpretação dos processos naturais, sociais e tecnológicos, numa perspetiva Ciência-Tecnologia-Sociedade-Ambiente (CTSA);*
- e) Valorizar a natureza da Ciência, dando continuidade ao desenvolvimento da metodologia científica nas suas diferentes etapas.*

Durante o estágio, com o objetivo de ir ao encontro das estratégias mencionadas anteriormente, foram realizadas várias atividades práticas. Uma das atividades concretizadas (planificação referente ao dia 21 de maio de 2019 - disponível em anexo nas p. 123-126) teve como questão-problema “O que acontece aos objetos colocados na água?” e para a realização da mesma foi necessário um recipiente transparente com água e diversos objetos como uma chave, uma bola de pingue-pongue, uma rolha de cortiça, um berlinde, uma borracha e uma placa de esferovite. As atividades realizadas foram propostas pelo manual da disciplina. Assim, num primeiro momento a docente elucidou as crianças sobre o que é “flutuar” e de seguida mostrou cada objeto por ordem e pediu às crianças para registarem no livro a sua opinião antes de ocorrer a experiência. Após o registo, foi escolhido aleatoriamente um aluno para ler as instruções à medida que a experiência ia sendo realizada. De seguida, foram escolhidos outros alunos para a realização da mesma com a observação de todos. Nesta experiência, o diálogo foi muito importante porque as conclusões iam sendo reveladas à medida que ele decorria.

2.1.3.4 Área Curricular de Expressões Artísticas e Físico-Motora

A Área Curricular de Expressões Artísticas trabalha as áreas das Artes Visuais, da Expressão Dramática/Teatro, da Dança, da Música e da Físico-Motora.

Esta área curricular permite aos alunos aprendizagens diversificadas e o desenvolvimento de competências também variadas e, tal como o nome indica, – Expressões – implica que a criança, através de variados tipos de artes, se exprima, exprima a sua realidade de uma forma livre e conseqüentemente desenvolva competências que estão diretamente relacionadas com este tipo de artes, tais como a criatividade e a comunicação, usando diferentes linguagens, o espírito crítico, a sensibilidade estética, entre outros. *Através da arte a pessoa é capaz de ativar todas as peças da sua personalidade articuladamente, integrando o corpo, emoções, conceitos e percepções da realidade* (Camargo *et al*, 1989, citado por (Pereira, I.,2012, p.17).

Para que a aprendizagem seja adquirida de forma completa, a criança necessita de se desenvolver a nível motor, a nível cognitivo e a nível da sua sensibilidade. Assim, cognitivamente, a criança aprende com as áreas linguísticas, com a área da matemática e com a área do estudo do meio, por exemplo. Por sua vez, a nível motor, a expressão físico-motora permite o desenvolvimento das motricidades (fina e grossa) e, por fim, a nível sensorial, estarão presentes as expressões musical, dramática e plástica. Tal como em todas as outras áreas, a maior parte das crianças já teve contacto com diversos tipos de expressões artísticas, contudo, neste nível de ensino, procura-se que este contacto seja mais alargado.

A área das Artes Visuais pretende, o desenvolvimento da sensibilidade estética e artística e o enriquecimento de experiências visuais e plásticas. Assim, segundo as AE, estão estruturadas com base nos domínios/organizadores: Apropriação e Reflexão; Interpretação e Comunicação; Experimentação e Criação.

O primeiro domínio/organizador, Apropriação e Reflexão, faz parte do nível mais elementar e pretende que *os alunos aprendam os saberes da comunicação visual e compreendam os sistemas simbólicos das diferentes linguagens artísticas, identificando e analisando, com um vocabulário específico e adequado, conceitos, contextos e técnicas em diferentes narrativas visuais, aplicando os saberes apreendidos em situações de observação e/ou da sua experimentação plástica, estimulando o desenvolvimento do seu estilo de representação* (Aprendizagens Essenciais: Educação Artística – Artes Visuais, 2018, p.2).

Após serem atingidos os objetivos deste primeiro domínio/organizador, procura-se que os alunos desenvolvam o conceito de Interpretar e Comunicar, ou seja, através do contacto com diferentes universos visuais procura-se que o aluno seja capaz de fazer interpretações cada vez mais complexas e conseguir comunicá-las e partilhá-las. Por fim, o último conceito, Experimentação e

Criação, procura conjugar o que já foi desenvolvido com a criação com intencionalidade. (Aprendizagens Essenciais: Educação Artística – Artes Visuais, 2018, p.3).

A área curricular de Expressão Dramática/Teatro é uma área completa que promove o desenvolvimento holístico do aluno tanto a nível individual como coletivo. Esta área permite interligar todas as áreas trabalhadas na escola e ainda estimular para a consciência de valores morais e estéticos, a importância da cooperação e o desenvolvimento da criatividade. Como na área apresentada anteriormente, inicialmente, com o domínio/organizador, apropriação e reflexão, as crianças devem ter diversos contactos com o universo dramático. Posteriormente, o domínio/organizador interpretação e comunicação é trabalhado *a partir da experiência pessoal de cada um, a apreciação estética e artística, através dos processos de observação, descrição, discriminação, análise, síntese e juízo crítico (opiniões com critérios fundamentados), captando a especificidade contida na linguagem e construção dramáticas.* (Aprendizagens Essenciais: Educação Artística – Expressão Dramática/Teatro, 2018, p.2).

Por fim, com a experimentação e criação, tal como o nome indica, procura-se criar a partir da experiência pessoal e dos conhecimentos já adquiridos.

As aprendizagens adquiridas nesta área pretendem transformar os conhecimentos em vivências com significado, articulando circunstâncias culturais, históricas, sociais e políticas.



Ilustração 21 - Atividade: Poemas de Eugénio de Andrade – “Aquele nublado e outras”

Fonte: Própria

A ilustração 21, inserida na planificação referente ao dia 19 de junho de 2019 (disponível em anexo nas p. 127-130) foi uma atividade realizada ao longo de vários dias, de forma conjunta entre o grupo de crianças, e que abrange várias áreas curriculares partindo do português. No domínio da Educação Literária foi escolhido o livro de poemas de Eugénio de Andrade – “Aquele nublado e outras”. Dos vinte e dois poemas presentes no livro foram trabalhados oito. Primeiramente, os alunos observaram minuciosamente a capa do livro e a partir desta observação foram questionados sobre qual seria o conteúdo do livro. Após quase todos partilharem a sua

opinião, foi escolhido um aluno aleatoriamente para ler em voz alta algumas informações do autor. Nesta sequência, iniciou-se a leitura dos poemas. Em cada poema realizou-se sempre um breve diálogo e exercícios interativos que exploravam as questões textuais.

Após os poemas estarem trabalhados, em interdisciplinaridade entre a área do Português e a área da Educação Artística, iniciou-se a atividade que visava realizar cartazes com os poemas aprendidos. O trabalho em equipa é importante na formação da criança, assim, a turma foi dividida em oito grupos e cada grupo escreveu e ilustrou um dos poemas.

Na área da Educação Artística – Expressão Dramática/Teatro, partindo ainda dos poemas mencionados anteriormente, as crianças realizaram um jogo: na sala havia dois sacos, o primeiro continha os oito poemas trabalhados e o segundo saco continha desafios. Cada criança, individualmente, dirigiu-se ao quadro e retirou do primeiro saco, sem ver, um dos poemas e, de seguida, retirou do segundo saco um desafio, também sem ver. Estes desafios eram formas diferentes de declamar os poemas e que permitiam trabalhar a educação dramática.

Após o aluno realizar o desafio, convidava outro colega para fazer a atividade.

Os desafios eram os seguintes:

Desafio 1: Declamar o poema às gargalhadas;

Desafio 2: Declamar o poema a fingir que chora;

Desafio 3: Declamar o poema sem falar, apenas com gestos e sons;

Desafio 4: Declamar o poema muito baixinho;

Desafio 5: Declamar o poema muito depressa;

Desafio 6: Convidar um amigo e juntos declamarem o poema;

Desafio 7: Declamar o poema com o nariz tapado;

Desafio 8: Convidar dois amigos e os três juntos declamarem o poema;

Desafio 9: Enquanto declamas o poema, ao final de cada verso, faz um som de um animal;

Desafio 10: Declamar o poema com a língua a tocar no céu da boca.

Na área curricular de Dança, o objetivo fundamental centra-se na criação de um “corpo expressivo”, ou seja, pretende-se que cada indivíduo tenha controlo sobre o seu próprio corpo e que através dele consiga expressar mensagens, sentimentos e emoções numa perspetiva de desenvolvimento holístico, tanto a nível motor, como sensorial, como nas relações interpessoais.

Com o decorrer dos diferentes ciclos, pretende-se que os conhecimentos e as competências sejam adquiridas de forma gradual e que os alunos tenham oportunidade de construir um percurso formativo.


A música é uma arte imprescindível na educação e desenvolvimento da criança. Assim, a área curricular da Expressão Artística – Música assume um papel fundamental nas diversas

aprendizagens das crianças. *A partir do ouvir e através da produção sonora em conjunto do cantar, do tocar, do compor, do olhar, do escutar, as crianças e jovens dialogam e constroem significados, partilhando-os e transformando-os, enriquecendo assim as suas práticas e horizontes culturais, em consonância com as diferentes Áreas de Competências do Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (PA).* (Aprendizagens Essenciais: Educação Artística – Música, 2018, p.1).


Tal como nas outras Expressões Artísticas, as AE sobre a Música também se organizam a partir dos três domínios anteriormente mencionados. Através da experimentação e criação os alunos constroem experiências significativas e desenvolvem competências que permitem a execução da próxima fase, interpretar e comunicar, ou seja, cantar, movimentar, tocar e realizar criações. O último domínio, apropriação e reflexão, além de se centrar no vocabulário musical que a criança deve conhecer e saber utilizar, também exige reflexões críticas sobre os diferentes universos musicais.

Somos Livres


Uma gaivota voava, voava,
Asas de vento,
Coração de _____.
Como ela, somos livres,
Somos livres de voar.



Uma papoila crescia, crescia,
Grito vermelho
Num campo qualquer.
Como ela somos livres,
Somos livres de crescer.



Uma criança dizia, dizia
"quando for grande
Não vou combater".
Como ela, somos livres,
_____ livres de dizer.



Somos um povo que cerra fileiras,
Parte à conquista
Do _____ e da paz.
Somos livres, somos livres,
Não voltaremos atrás.

Ilustração 22 - Exercício de Expressão Artística na área da Música

Fonte: Própria

A ilustração 22, inserida na planificação referente ao dia 23 de abril de 2019 (disponível em anexo nas p. 131-135) diz respeito um exercício realizado no âmbito da comemoração do 25 de abril. Através da interdisciplinaridade, as crianças fizeram um exercício com a música “Somos Livres”. Este exercício exigia um nível de concentração elevado por parte das crianças, pois tinham que escutar a música e escrever na letra da mesma algumas palavras que faltavam. O exercício terminou com as crianças a cantarem em conjunto a canção “Somos Livres”, após terem corrigido

no quadro o exercício. Além de desenvolver a concentração, os alunos também desenvolvem a memorização, adquirem novo vocabulário, desenvolvem a escrita, interpretam a letra da música e cantam.

A Expressão Físico-Motora baseia-se no desenvolvimento de atividades físicas educativas que proporcionam aos alunos não só desenvolvimento a nível motor mas também a nível social e cognitivo. O desenvolvimento de hábitos saudáveis, a promoção de atividade física segura e controlada são temas que se debatem na sociedade e que são trabalhados e desenvolvidos desde a educação pré-escolar e assim tem continuidade no 1ºCEB.

Segundo as Aprendizagens Essenciais: Educação Artística – Educação Física (2018, p.1), *importa que as crianças nesta fase possam aprender e aperfeiçoar as habilidades mais significativas e fundamentais para aprendizagens futuras, quer através de formas típicas da infância – atividades lúdicas e expressivas – quer através de práticas que as favoreçam num plano social e relacional.* As AE e o programa para a Expressão Físico-Motora estão divididos em seis blocos: Bloco 1 – Perícia e Manipulações; Bloco 2 – Descolamento e Equilíbrio; Bloco 3 – Jogos; Bloco 4 – Ginástica; Bloco 5 – Jogos; Bloco 6 – Atividades de Exploração da Natureza ou Patinagem ou Percursos da Natureza ou Natação.

Os primeiros três blocos são trabalhados no primeiro e segundo anos de escolaridade, enquanto os três últimos blocos desenvolvem-se no terceiro e quarto anos de escolaridade. O Bloco 6 é composto por várias propostas que permitem ao professor escolher de acordo com os recursos físicos e equipamentos que tem ao seu dispor. Todos os objetivos dos blocos estão estabelecidos de forma progressiva, começando pelo desenvolvimento a nível individual e posteriormente a nível coletivo.

Durante o estágio, foram desenvolvidas várias atividades que permitiram trabalhar os três primeiros blocos mencionados anteriormente. Com o decorrer do mesmo percebi a importância de explicar cada atividade e principalmente de definir regras, uma vez que se trata de um nível de escolaridade inicial. Na atividade planificada (disponível em anexo nas p. 136-140) foram realizados três jogos: o “Rei Manda”, o “Espelho” e o “Jogo dos Arcos”, que permitiram aliar a prática de exercício físico ao cumprimento de regras. O jogo do “Rei Manda”, tal como o nome indica, consistia em que o rei devia determinar movimentos que os restantes elementos tinham de imitar. Assim, a organização da turma era em semicírculo e num primeiro momento o rei foi a docente, que ocupou a posição de frente para o semicírculo. Neste exercício era obrigatório que os membros superiores e inferiores estivessem sempre em movimento e de acordo com a música. O rei foi alterando os movimentos, citando sempre a frase “o rei manda (fazer o movimento com o corpo e explicar oralmente)”. Depois de o professor realizar alguns movimentos, elegeu outro aluno para rei e este posteriormente elegeu também outro rei.

No jogo do “Espelho” a disposição da turma já era diferente e os alunos estavam agrupados em pares e numa fila. O objetivo do jogo é que um dos elementos do par realize movimentos rítmicos e o outro deve imitá-lo, posteriormente trocam-se posições. A docente, mais uma vez, após explicar as regras, exemplificou e só depois se deu início à atividade.

No “Jogo dos Arcos”, estes foram distribuídos formando um círculo e o número de arcos tinha que ser menos um do que o número de alunos. Posteriormente o professor começava por tocar numa pandeireta e quando parasse os alunos saltavam para dentro dos arcos. O aluno que ficava de fora saía do jogo, assim como se retirava sempre um arco até acabar por ficar apenas um jogador.

A experiência de ensino e aprendizagem ocorrida durante a PES II permitiu, como tinha sucedido na experiência de pré-escolar, colocar em prática conhecimentos adquiridos, enfrentando algumas dificuldades que acabaram por ser ultrapassadas. As sessões de aula, antes do início da regência, como já mencionado, contribuíram para travar conhecimento prévio com a turma, assim como o apoio da professora cooperante foi crucial no decorrer da prática, pois a mesma mostrou-se sempre disponível para ajudar nas dúvidas que surgiam.

Na Escola Básica do Bonfim, a interajuda e a cooperação são palavras-chave, não só entre o professor-aluno mas também entre toda a comunidade escolar e esse mesmo espírito foi um contributo positivo na realização da prática de ensino. Durante o estágio tivemos o privilégio de trabalhar com as crianças do primeiro ano. Estes alunos atravessaram o período de transição do pré-escolar para o primeiro ciclo, sendo que o seu crescimento foi notório principalmente ao nível da autonomia e empenho. Cada criança é diferente à sua maneira. O bom ambiente que se viveu nestas quinze semanas foi fundamental para o nosso desenvolvimento e crescimento.

Capítulo III – A Importância Pedagógica da Poesia no Desenvolvimento Infantil

1. Enquadramento

O desenvolvimento da criança num todo e as influências implicadas neste desenvolvimento são, no presente século, objeto de estudo por vários investigadores na área da educação. A presente investigação tem como objetivo principal contribuir para a compreensão da importância pedagógica da poesia no desenvolvimento das crianças. *A poesia em particular, e a literatura em geral, pode e deve constituir-se, para crianças e adolescentes, numa experiência multidisciplinar e enriquecedora, pronta a despertar a curiosidade do saber mais, ao estabelecer múltiplas relações com o sujeito e o mundo que o rodeia.* (Reis & Adragão, 1992, p. 175 citado por Torres, 2015, p. 31)

A literatura infantil, como um meio de influência externa, tem um papel importante no desenvolvimento cognitivo e social da criança. Contudo, nem todas as crianças têm um acesso igual à literatura infantil, apesar de cada vez mais a escola desenvolver iniciativas para garantir esta igualdade e/ou minimizar a diferença. Durante a PES I, houve oportunidade de observar que a literatura infantil nem sempre é vista como um contributo fundamental no desenvolvimento da criança nos seus diferentes níveis. Por norma, é apenas utilizada para as crianças aprenderem valores morais que advêm de alguma história contada. Particularmente, a poesia torna-se escassa em meio pré-escolar. Assim, nesta investigação, além do reconhecimento pedagógico da mesma, pretende-se também apresentar estratégias de atividades para que a poesia seja promovida e trabalhada no meio da educação infantil.

A infância da criança é caracterizada pela sua capacidade de imaginar que, infelizmente, se dissipa ao longo do tempo. Contudo, na fase em que a criança *acredita no maravilhoso, no fantástico e no impossível, o livro infantil tem um papel essencial, pois estimula a criança a imaginar mais, a compreender o seu mundo e a construir a sua própria identidade, e isto é bastante importante nesta idade, porque, no decurso da infância, a afirmação de si é uma constante permanente.* (Guedes, 1995, p.14) Assim, o presente estudo, antes de apresentar a importância pedagógica da poesia e as estratégias de atividades propostas, começa por contextualizar a evolução da literatura infantil ao longo dos tempos e posteriormente enquadrar o conceito da poesia.

Para a investigação que será desenvolvida, é necessária uma metodologia adequada, sendo a revisão da literatura o método investigativo utilizado. Este método permite apresentar *o estado dos conhecimentos relativos a um tema de investigação. Os documentos devem ser pertinentes relativamente ao problema em estudo. Um dos objetivos da revisão da literatura consiste em distinguir o que é conhecido sobre um assunto e o que falta explorar. Este conhecimento permite ao investigador apoiar-se em trabalhos de outros investigadores para prosseguir o seu trabalho.* (Fortin, 1996, p.86)

2. A poesia no desenvolvimento infantil

2.1 Evolução da Literatura Infantil

Antes de iniciar a abordagem do tema da influência da poesia no desenvolvimento dos mais novos é importante refletir acerca da evolução da literatura infantil, uma vez que é a partir deste tema que surge a curiosidade em desenvolver um projeto sobre a poesia como uma forma literária que pode e deve ser trabalhada no âmbito da literatura infantil.

O século XVII marca o início da literatura destinada ao público infantil, pois até então a criança era vista como um adulto em miniatura. Segundo Tavares (2010, citado por Silva, 2017, p. 12), as histórias que iam surgindo resultam das vivências e das observações dos adultos e eram transmitidas oralmente de geração em geração e dirigidas de igual forma quer aos adultos quer às crianças.

No século XVIII, quando a criança começa a ser encarada efetivamente como tal, surge a necessidade de cuidar dos textos no sentido de adequar a escrita ao vocabulário da criança. Estes textos infantis estavam aliados ao valor educativo e a conceitos morais.

Já no século XIX, surgem obras literárias infantis que passam gerações e ainda hoje são reconhecidas pelo público, tais como, “Heidi” de Johanna Spyri, “Alice no País das Maravilhas” de Lewis Carrol ou “O Patinho Feio”, “A Pequena Sereia” e “A Polegarzinha” de Hans Christian Andersen. Em Portugal, no mesmo século, autores como Eça de Queirós, Guerra Junqueiro e Antero de Quental marcaram a evolução deste género literário.

Assim, com o desenvolvimento e as mudanças ocorridas na sociedade, a literatura infantil viu reconhecido o seu valor e para investigadores como Cunha (1999 citado por Pimentel, 2017, p. 9) a literatura infantil é muito mais abrangente do que a literatura para adultos, sendo que enquanto a infantil pode ser lida por indivíduos de todas as faixas etárias, a literatura para adultos só serve mesmo para estes.

A literatura infantil é um conceito vasto, uma vez que é difícil para os investigadores da área defini-lo. Existe uma variedade de textos que podem ser considerados literários ou não literários, o que faz com que este conceito – Literatura Infantil – seja alvo de *discussão ativa entre os especialistas neste âmbito, nomeadamente no que se refere aos conceitos a ela inerentes, à sua categoria e valorização como fenómeno literário e aos seus destinatários* (Rosado, 2011, p. 23 citado por Silva, 2017, p. 14).

As obras literárias destinadas a crianças e ao público juvenil têm vários aspetos que as caracterizam, o mais crucial são as componentes do fantástico e da magia que permitem à criança a descoberta do mundo, onde na maioria das vezes os sonhos se misturam com a realidade, proporcionando-lhe assim a capacidade de imaginar para além do real. Assim, *logo desde o pré-*

escolar, a Literatura Infantil instaura-se como um excelente motivo e rampa de lançamento para explorações múltiplas de hipóteses sobre essa incógnita que é o mundo dos “grandes (Velooso & Riscado, 2002 citado por Pimentel, 2017, p. 10).

A literatura na infância está intrinsecamente ligada ao imaginário da criança. Nos primeiros anos de vida, a criança conta não só com um desenvolvimento holístico a nível cognitivo, motor e social como também o seu imaginário se intensifica com as descobertas diárias que vai fazendo sobre o mundo que a rodeia.

Todas as crianças têm um sentido imaginativo muito apurado e, nesta fase, a criança vive interligada com o maravilhoso. O livro infantil está repleto de histórias que permitem estimular esta imaginação e a fantasia. *A fantasia facilita a compreensão das crianças, pois aproximam-se mais da maneira como veem o mundo, já que ainda são incapazes de compreender respostas realistas. Não esqueçamos que as crianças dão vida a tudo.* (Mateiro, 2018, p. 25)

Além de enriquecer o imaginário a audição e/ou leitura de histórias permite o contacto e a integração com a escrita, a aquisição de novo vocabulário e a iniciação ao hábito da leitura. *O hábito da leitura desperta e estimula a imaginação infantil, fomenta e educa a sensibilidade, provoca e orienta a reflexão e cultiva a inteligência* (Sobrinho, 2000, citado por Pimentel, 2017, p. 12).

2.2 O conceito de Poesia

O significado de poesia nos dicionários comuns incide na “arte de fazer obras em versos; género de composição poética, geralmente em verso; conjunto das obras em verso existentes numa língua”⁹, contudo, o seu conceito não pode ser tratado de forma linear. Citando Ribeiro (2012, p.22), *a poesia supera a realidade, partilhando uma linguagem repleta de simbolismo, apresentando-se nas mais variadas formas de expressão e pensamento.*

Quando nos debruçamos sobre o conceito de poesia, consideramos qual a sua utilidade para a construção do sujeito e conseqüentemente para a civilização ao que Sallenave (1997, citado por Ribeiro, 2007, p.59), *referindo-se explicitamente à Literatura, onde a poesia se inscreve, defende a necessidade de a literatura (re)encontrar a sua função primordial, que é a de formar homens livres e cidadãos capazes de um juízo autónomo.* Assim, a poesia contribui para desenvolver a curiosidade, a imaginação, a criatividade e principalmente a humanização, com vista a construir uma civilização pensante, autónoma e responsável.

⁹ Informação: Dicionário online: <https://dicionario.priberam.org/>

A poesia é reconhecida como uma forma de expressão artística que oferece a liberdade, por um lado, de ser absorvida e, por outro, de ser criada. Como defende Carraça (2018, p.31), *o ser humano nasceu para criar, nasceu para gerar outro ser e isso já remete para o próprio poder da criação. Por conseguinte, a poesia revela-se uma arte, está relacionada ao mundo da imaginação, criação e sonho.*

O conceito de poesia aparece também como uma forma de linguagem que permite retratar o mundo e a perspectiva do homem sobre ele. Segundo Edgar Morin (1999 citado por Ribeiro, 2012, p.21), *a origem, a fonte da poesia, perde-se nas profundezas humanas, como nas profundezas da pré-história, onde brotou a linguagem, desta coisa estranha que é o cérebro e o espírito humano.* Assim, nesta perspectiva, não se pode datar especificamente a origem da poesia, pois esta confunde-se com a origem do Homem.

Desde o início da humanidade que a via oral foi fundamental para manter tradições e conservar hábitos e costumes culturais. O mesmo aconteceu com a poesia, através dos seus elementos rítmicos, as rimas, as metáforas e outros recursos que tornavam o *texto de fácil retenção, constituindo uma excelente forma de comunicação entre as pessoas, passando através de gerações por via oral, os serões à volta da fogueira, o cantar para o bebé adormecer, os recados, as tarefas executadas ao som de cantilenas e ritmos, foram-se constituindo em poesia que sendo parte da cultura dos povos, assim a passavam aos seus descendentes. Atualmente, em povos cuja, a cultura se processa de forma oral, a poesia ainda se apresenta como uma manifestação vocal em que a tradição e vivências afetivas se transmitem, através de diferentes expressões tanto coletivas como individuais.* (Ribeiro, 2012, p. 22)

Como aconteceu sempre ao longo dos tempos, o acesso à poesia não era igual para todos. A nobreza tinha acesso a grandes clássicos, tinham contacto com histórias de cavalaria e aventura, por sua vez, as classes mais populares tinham contacto com lendas, rimas, lengalengas que eram transmitidas de geração em geração. Como defende Ribeiro (2012, p. 24), *esta poesia com origem no povo, anónima, expressão dos sonhos, necessidades, sentimentos e sofrimento, onde tudo se transmitia através de poemas, foi constituindo como parte de nós.*

A poesia para crianças teve a mesma evolução que a poesia em geral. Ou seja, tendo em conta a evolução do conceito de infância e após a criança ter deixado de ser encarada como um adulto em miniatura, surgiram textos e correntes literárias possíveis de serem trabalhadas e abordadas em ambiente escolar. Assim, no contexto escolar, a poesia, segundo Sousa (2005, p.89 citado por Ribeiro, 2007, p. 64), ao ser entendida *como uma vertente peculiar da literatura, podemos sustentar a importância do seu lugar na escola, nomeadamente no que se refere à aprendizagem da língua materna, contribuindo para entender a língua em que se pensa e fala como jogo, espaço*

de exploração, de liberdade, lugar de fantasia e fruição. A par dos contributos mencionados, a poesia tem igualmente as seguintes vantagens:

- Facilita o desenvolvimento da linguagem, da atenção, da concentração, da memória e do raciocínio;
- Desenvolve a linguagem oral e favorece a aprendizagem escrita;
- Reforça o vínculo emocional entre quem lê e a criança;
- Ajuda a compreender e a gerir melhor os sentimentos;
- Estimula a empatia ajudando a criança a colocar-se no lugar do outro;
- Desenvolve competências sociais e de interação.

Deste modo, o trabalho com a poesia em sala de aula permite que a criança reconheça que *o poder criador da palavra, associado a um crescimento social e emocional que interage com as restantes dimensões da aprendizagem, com especial relevo para as outras artes que, também elas, deverão ser oferecidas desde idades muito jovens.* (Fonseca, 2020, p.90)

2.2.1 Importância Pedagógica da Poesia

A escola, desde o princípio da formação do indivíduo, desempenha um papel fundamental, uma vez que é o local onde as crianças estão na maior parte do tempo. Em contrapartida, o desenvolvimento da criança passa por várias fases e são inúmeros os fatores que contribuem para um desenvolvimento pleno, natural e saudável. Na presente investigação, o foco principal recai na poesia e na sua importância pedagógica no desenvolvimento da criança. *A poesia contribuirá, pois, para um melhor conhecimento das crianças, no sentido de se compreender os seus sonhos, se a escola for um espaço que as ajude a se exprimirem, onde se valorize a poesia como uma realização linguística, no qual a língua é um fim e um modo específico de comunicação.* (Torres, 2015, p.29)

A literatura infantil, como já mencionado, é essencial no desenvolvimento da criança tanto a nível cognitivo como emocional. Esta permite despertar a curiosidade da criança, desenvolver o pensamento crítico e, como afirma Ribeiro (2007, p. 55), *o conhecimento da literatura e da poesia tem um valor intrínseco e um valor instrumental, dado que nos permite, por exemplo, desenvolver competências de leitura, escrita e compreensão.* A poesia deve, assim, ser encarada como uma forma literária que permite que as crianças relacionem o conteúdo das obras trabalhadas com as suas experiências e o seu conhecimento do mundo.

A manifestação de sentimentos, ideias, sentimentos e sensações é de extrema importância na infância. Neste contexto, a leitura e escrita de poemas pelas crianças é uma forma de expressão,

por isso a formação do indivíduo é também um objetivo da poesia. Assim, *o professor/educador não deverá impor emoções, através de um discurso impositivo, mas dar espaço à criança para refletir sobre o poema, abordando e explorando aspetos visuais, sonoros e posteriormente o aspeto do sentido, relacionado com a mensagem que o poema quer transmitir.* (Torres, 2015, p.29)

É importante que o contacto com a poesia faça parte do quotidiano das crianças. Não só na escola mas também em casa, a criança deve ler tanto autonomamente como acompanhada, assim como também é fundamental a audição de poemas para que desperte a tal sensibilidade e gosto. Como defende Jean (1955, p.52 citado por Ribeiro, 2007, p.58), *a linguagem poética tem, em primeiro lugar, um valor relacional e dialógico, na medida em que está sempre por reinventar e não existe, não vive, se não for acordada, reanimada pela imaginação do leitor e/ou do ouvinte.* O papel do adulto torna-se, pois fundamental para que a poesia e a criança tenham uma relação coesa. Infelizmente, nem todas as crianças têm o mesmo nível de oportunidades no seu seio familiar. Assim, o professor/educador pode e deve ser também ser um facilitador na partilha de atividades e/ou textos poéticos que possam ser desenvolvidos no seio familiar da criança, acabando por fortalecer a ligação escola/casa. Outra forma de fortalecer esta ligação entre a escola, a família e a poesia é a partilha das atividades realizadas na sala de aula com os pais e a comunidade. Como refere Fonseca (2020, p. 94), *tão importante como promover a elaboração de poesia é abrir espaços e momentos para a sua divulgação, tanto dentro da escola como para o exterior. Importa criar áreas específicas para afixar os poemas criados pelos alunos, de uma forma atrativa, o que pode incluir a criação de um mural ou estendal da poesia, na própria sala ou em espaços comuns.* No entanto, para esta partilha entre a escola e a família ocorrer, assim como para o educador/professor conseguir inculcar na sua pedagogia o sentido da real importância da poesia e da literatura em geral é necessário que os próprios educadores sejam leitores, como defende Guedes (1995, p. 17) *pele menos, todos os educadores deveriam ser leitores, porque a leitura (como a imaginação e a poesia) é contagiosa.* No seguimento desta ideia e após a leitura de algumas investigações na área, conclui-se que o primeiro processo de desmitificação da poesia deve ser no seio escolar, nos próprios professores e educadores, tal como defende Fonseca (2020, p. 88), *se a fruição de poesia é algo de incomum na vida quotidiana da maioria da população, educadores incluídos, então não será de estranhar o afastamento deste género literário da escola, pelo menos fora da obrigatoriedade de orientações curriculares e leituras prescritas.*

Analisando, agora, algumas vantagens pedagógicas da poesia que julgo serem fundamentais, numa primeira fase da vida das crianças, o contacto com a poesia permite o desenvolvimento da linguagem e a consciência da mesma. Posteriormente, com o crescimento da criança a vários níveis, a poesia possibilita também a articulação de outras áreas do saber com o desenvolvimento da criatividade. Costa (1992, p.32 citado por Carraça, 2018, p.42) explicita quatro funções da

poesia que se tornam fundamentais para o desenvolvimento da criança a nível social, psicológico, psicolinguístico e lúdico:

- *função sociológica - onde as crianças atribuem a fatores sociais a identidade de pertença a um grupo como se de uma herança se tratasse, as crianças através do contacto com o mundo poético, seja lengalengas ou canções, atribuem um significado ao grupo por meio de tradições ou de um padrão genérico;*
- *função psicológica – a poesia proporciona à criança um poder de rutura e de evasão do mundo dos adultos. A ironia, os palavrões e o nonsense presentes em certas rimas servem para aliviar tensões através do riso e da desculpa para o uso de palavras que, em contextos normais, não são bem aceites.*
- *função psicolinguística – aqui a componente fonológica está presente na aquisição da linguagem e o que faz com que a mesma seja mais proeminente que a semântica ou a sociolinguística, por meio de jogos de linguagem, trava-línguas, lengalengas que desempenham um papel fundamental na aquisição da linguagem nos 6/7 anos de idade.*
- *função lúdica – neste contexto, tal como o nome indica a criança tem como objetivo primordial brincar e divertir-se por meio de jogos lúdicos como a roda ou canções coreografadas. Aqui, a principal finalidade é a criança dar vãsão àquilo que ela representa e dar asas à criatividade nas brincadeiras corriqueiras envolvendo os momentos de poesia.*

A escola desempenha um papel preponderante na influência que a poesia pode vir a ter nos indivíduos que forma, contudo, numa primeira linha de observação, uma das críticas apresentadas por Ribeiro (2007, p.63) referente à forma como a poesia é estudada na escola hoje em dia, assenta na visão de que a mesma é tratada *como algo em desuso, uma forma de expressão culturalmente distante no tempo e dos contextos quotidianos, um tipo de comunicação não informativo, ao qual se recorre apenas em situações extraordinárias e que, em última instância, nos remete para um âmbito comunicativo pouco comum, que não é o dos alunos*. Por conseguinte, a apresentação dos conteúdos escolares, neste caso referente à poesia, *para serem aceites e reconhecidos como úteis têm de se apresentar de forma inovadora, mediática, agradável, interessante e significativa para o indivíduo* (Ribeiro, 2007, p.57). É fundamental que a direção com que se deseja trabalhar a poesia não seja dada pelo educador/professor ou pelo saber implícito, mas sim pelo educando, as suas experiências, a sua cultura e o seu contexto geográfico e social.

Outra questão pertinente que merece análise diz respeito à forma como se ensina poesia na escola, pois, segundo Ribeiro (2007, p. 61), *se procurarmos a resposta na palavra dos poetas, encontramos com frequência e insistência a afirmação de que a poesia não se ensina, não se pode*

definir ou que dela não se fala: o importante é deixar que ela fale por si e de si mesma. Assim, ao deixarmos que a poesia “fale por si mesma”, além do valor pedagógico que a mesma tem, adquire também um valor educativo. Por conseguinte, é fundamental destacar *o modo como falar, como ensinar, como tratar a poesia, para que esta se configure como uma descoberta e um encontro do aluno consigo mesmo e com os outros, pela mão da poesia* (Cabral, 2002, citado por Ribeiro, 2007, p.62). Neste contexto, para que este encontro entre o aluno e a poesia ocorra de forma positiva é importante que, além de a mesma ser iniciada desde cedo, também seja adaptada a cada nível etário.

O ensino e a aprendizagem da poesia em contexto pedagógico, na maior parte das vezes, ocorre circunstancialmente e por norma como um pretexto, por exemplo, serve para a aprendizagem de noções gramaticais, no caso do ensino básico, ou para a aprendizagem de determinadas perspectivas ideológicas, no caso da educação pré-escolar, *esta postura utilitarista, não concebendo o contacto com a poesia como uma inter-acção dinâmica entre o texto e o leitor* (Iser, 1985), *acaba por não despoletar o jogo da imaginação e privar da fruição estética* (Ribeiro, 2007, p.64). No seguimento desta observação, o mesmo ocorre quando se lê poesia na sala de aula, em ambas as etapas de ensino. Ribeiro (2007, p.63) defende que *a leitura da poesia é episódica porque se lê em separado um texto e depois outro e outro, sem que se estabeleça uma relação temática ou tipológica que os una, que lhe imprima sentido.*

Uma vez que a educação pré-escolar é a primeira etapa da vida escolar da criança, é importante perceber, através das OCEPE, o conjunto de orientações gerais e pedagógicas que apoiam a educação pré-escolar e em que situações a poesia é desenvolvida/trabalhada. Assim, na área de conteúdo de Expressão e Comunicação, no domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a poesia tem ênfase em três momentos:

- *A poesia, como forma literária, constitui também um meio de descoberta e de tomada de consciência da língua, para além de outros contributos como, por exemplo, a sensibilização estética.* (OCEPE, 2016, p.64)
- *Proporciona ocasiões para a criança ouvir, criar e dizer poesia, trava-línguas e cantar canções.* (OCEPE, 2016, p.66)
- *Ouve atentamente histórias, rimas, poesias e outros textos, mostrando prazer e satisfação.* (OCEPE, 2016, p.72)

Na primeira e segunda referências, a poesia insere-se no plano da Consciência Linguística e, na última, refere-se à Abordagem à Escrita. Como mencionado anteriormente, o ensino e a aprendizagem da poesia é diminuto e circunstancial, como defende Fonseca (2020, p. 89) *em termos da educação pré-escolar, uma escassez de orientações oficiais para a leitura e escrita de poesia que, somada à ideia de que se trata de algo demasiado “difícil” para crianças tão jovens,*

contribui para a mencionada ausência – ou quase – do texto poético (de autor) da sala de jardim-de-infância. Proporcionar materiais de trabalho e linhas orientadoras constituiria, a nosso ver, um caminho facilitador para a inclusão de mais poesia – ouvida e criada – na educação pré-escolar.

Na continuidade desta análise acerca do contacto entre a poesia e a criança em ambiente escolar, surgiu a questão de como a criança pode, efetivamente, usufruir do texto poético. *Em qualquer texto literário, é fundamental que a exploração constituía para a criança uma experiência enriquecedora e multidisciplinar. Para despertar a curiosidade por saber mais, cabe aos professores ou educadores analisarem o texto literário, no sentido de terem consciência do tipo de abordagem e dos objetivos subentendidos. Por outro lado, para que o texto poético seja enriquecedor para a criança, é necessária uma reflexão prévia acerca das características da linguagem poética, no sentido de abordar de que modo as potencialidades permitirão determinada abordagem.* (Torres, 2015, p.32)

O texto poético pode ser apresentado e trabalhado de variadas formas, desde as mais simples às mais complexas, e em todas se encontram aspetos que se tornam aprendizagens para as crianças que não são só as mensagens explícitas que os poemas transmitem.

Por exemplo, um poema acompanhado por uma ilustração mostra-se atrativo, uma vez que em faixas etárias mais reduzidas a componente visual é muito importante não só para despertar interesse mas também para contribuir para a formação do sentido estético da criança, assim como para a sensibilização para as artes.

O contacto com o livro físico é fundamental para a aquisição de diferentes aprendizagens, na medida em que é possível desenvolver a observação dos elementos paratextuais que compõem um livro. *O recurso prioritário a livros físicos, proporcionando às crianças o contacto com a materialidade da capa, do papel, das ilustrações – texturas, cores e odores são fundamentais nestas idades e propiciam uma experiência sensorial que aproxima a criança do texto escrito.* (Fonseca, 2020, p. 91)

Quando a criança declama um poema, objetiva-se que a mesma desenvolva a linguagem, articulando palavras e aprendendo novas, assim como pronunciando o poema de formas diferentes, por exemplo em um tom mais alto, mais baixo, com diferentes expressões faciais, entre outras. *Quando a criança brinca e joga com as palavras, sente prazer ou satisfação devido à articulação das palavras* (Torres, 2015, p.34). Através da declamação, a criança ganha consciência da sua voz, o que lhe permite adquirir capacidade para a controlar. Outra vantagem inerente é o desenvolvimento de comunicação perante um grupo de pessoas, neste caso, perante o grupo de sala regista-se conseqüentemente um desenvolvimento na sua própria autoestima e autoconfiança.

Outro recurso que pode ser utilizado é a ligação entre a música e a poesia. Torres (2015, p. 35) defende que *nos primeiros anos de escolaridade, o contacto com textos literários marcados pela musicalidade e ritmo irão cativar a criança por este modo literário, uma vez que se encontram numa fase de desenvolvimento em que existe uma relação lúdica e exploratória da língua. Daí ser importante estimular a criança para a manipulação dos sons, através de diferentes jogos poéticos (por exemplo: a criação dos próprios textos).*

Por fim, ao educador/professor cabe também perceber quais as emoções que a criança sentiu no contacto com o poema e para isso a comunicação individual e /ou em grupo é fundamental. *O professor/educador deve fazer com que a poesia surja naturalmente na sala de aula, promovendo o diálogo em redor das sensações, emoções e ideias que as palavras transmitem.* (Torres, 2015, p.30)

Em suma, a diversidade das estratégias pedagógicas e a atenção no interesse da criança é essencial para a promoção do gosto pela poesia. Assim, seguidamente, e antes de apresentadas algumas estratégias para que seja possível trabalhar a poesia no pré-escolar, será ainda abordada a relevância da poesia tradicional, uma vez que foi este o *corpus* escolhido para a planificação de atividades poéticas.

2.2.2 Importância Pedagógica da Poesia Tradicional

A poesia, segundo Reis e Silva (2015, p.232), *é uma forma de expressão que não só permite às crianças brincar com as palavras, como também possibilita que comecem a relacioná-las com as suas emoções.* O universo da poesia é vasto e, como referido nos pontos investigados anteriormente, o seu início é confundido com o início da humanidade. Foi através da partilha oral, ao longo de várias gerações, que se conservaram tradições e costumes culturais. Assim, a presença da poesia tradicional é fundamental por um lado na sabedoria sobre o passado e, por outro, na construção do indivíduo, se escolhermos aprender tudo o que os valores tradicionais podem transmitir.

Como acontece com a literatura em geral, o contacto com a poesia tradicional em idade precoce é fundamental para que a criança se torne um adulto assiduamente leitor e conhecedor da literatura. Como defende Canez (2008, p.21 citado por Reis e Silva, 2015, p. 233), *é sobretudo na primeira infância que a criança começa a aprender as palavras e a reconhecê-las, associando-as a determinados sons ou movimentos. É este primeiro contacto com a linguagem que mais tarde a ajudará a expressar-se oralmente e de forma autónoma.*

Pode considerar-se poesia tradicional todo o conjunto de lengalengas, rimas, adivinhas, trava-línguas e provérbios que fomos conhecendo e aprendendo através dos nossos avós, pais, no

recreio escolar e também na sala de aula. Estas formas poéticas têm uma importância fulcral, pois continuam a conservar hábitos das variadas culturas existentes. Em Portugal, no ramo da poesia tradicional infantil, destacam-se alguns autores como Luísa Ducla Soares, António Mota, Alice Vieira ou José Jorge Letria. Estes autores procuraram recolher textos tradicionais, organizá-los, recriá-los e reinventá-los com o objetivo de tornar a poesia tradicional mais lúdica, possibilitando novas formas de leitura e tornando-a acessível a todos, incluindo as crianças.

Durante a infância, é comum recorrer às comuns lengalengas, rimas, adivinhas, trava-línguas e provérbios tradicionais que, como foi referido, são transmitidas de geração em geração. Na maior parte das vezes a aprendizagem destes textos ocorre através da memorização. Esta memorização e, por consequência, recitação, *representam importantes exercícios de recepção, produção e criação verbal, frequentemente associados a danças e outros movimentos corporais, e excelentes oportunidades de desenvolvimento da consciência linguística das crianças.* (Leal, 2009, p.6)

As rimas infantis acompanham a criança durante a sua infância e a idade escolar, enriquecendo o universo infantil, como Costa (1992, p. 25 citado por Reis e Silva, 2015, p. 233) explica: *as rimas infantis cantadas são as que mais resistem ao longo do tempo, pois a música age como meio de transmissão das mesmas e estas mais facilmente ficam retidas na memória das crianças.* Os trava-línguas tradicionais, por sua vez, desenvolvem a articulação e pronúncia, pois estes pequenos textos são constituídos pela sucessão de sons de palavras que, pronunciadas com rapidez, como se objetiva, dificulta a própria articulação.

As lengalengas caracterizam-se pela sua transmissão de geração em geração e, a fácil memorização, que permite esta partilha comunitária. As rimas e repetições enriquecem cada lengalenga com um carácter musical: *As lengalengas populares são normalmente recitadas ou cantadas para acalmar ou divertir as crianças, ou para escolher quem inicia uma brincadeira, quem é excluído ou perde um jogo.* (Leal, 2009, p. 5) Durante o período infantil, as lengalengas com palmas são recorrentes nos recreios escolares. Este tipo de brincadeira é geralmente utilizada por raparigas, podendo ser descrito como *um jogo de duos, baseado numa rima ou cantilena associada a um esquema de palmas previamente conhecido por ambos os intervenientes. Neste jogo não há vencedores, o objetivo é enunciar corretamente a rima, enquanto se realiza a coreografia gestual.* (Reis e Silva, 2015, p. 235)

Outra forma de entretenimento entre a comunidade infantil, observada facilmente nos recreios ou lembrada na nossa infância, é a partilha de adivinhas e provérbios tradicionais. A adivinha é uma pergunta, na maioria das vezes curta, que incita a uma resposta, enquanto os provérbios são o sinónimo da verdadeira sabedoria popular. Nos provérbios encontra-se sempre uma mensagem ou um ensinamento que se assume como uma verdade geral, como defende Leal (2009, p. 5): *tendencialmente carregados de significado cultural, podem, como no caso dos provérbios,*

cumprir objectivos de formação moral ou fazer testemunho do conhecimento dos ciclos da natureza e orientar nas labutas quotidianas.

Após o desenvolvimento destas ideias, conclui-se que a poesia tradicional possui uma importância pedagógico-didática no crescimento/desenvolvimento da criança, principalmente na primeira fase da infância, uma vez que o contacto com estas formas literárias permite realizar brincadeiras com a linguagem verbal e não verbal, favorecendo *a iniciação da criança na consciencialização e análise de elementos e fenómenos linguístico-discursivos diversos, de forma lúdica e criativa, adequada ao seu nível cognitivo e às suas referências, interesses e motivações, devendo construir-se uma estratégia ao serviço da aprendizagem da língua desde a creche, passando pelo jardim-de-infância e pela escolaridade básica.* (Leal, 2009, p. 14)

3. Estratégias de Atividades

Após o trabalho de pesquisa realizado ao longo dos pontos de investigação anteriormente apresentados, surgiu a necessidade de elaborar um plano de estratégias de atividades possíveis de realizar em ambiente pré-escolar.

Apesar de a poesia ser uma forma de expressão artística indispensável em qualquer ano de escolaridade, durante a Prática de Ensino Supervisionada (PES), foram raros os momentos em que os educandos tiveram contacto com a poesia. Assim surgiu a ideia de produzir um plano, intitulado de “Um poema por dia, nem sabe o bem que lhe fazia”, que tem como objetivo principal oferecer a leitura de um poema por cada dia da semana acompanhado de diferentes atividades.

A realização das diversas atividades foca-se na aquisição de diferentes competências pessoais como o desenvolvimento do pensamento crítico e criativo, o desenvolvimento da comunicação e das relações grupais, assim como o desenvolvimento motor, pois nas diferentes atividades pretende-se que ocorra uma experiência multidisciplinar através da interligação das diferentes áreas de conteúdo que devem ser trabalhadas em ambiente pré-escolar.

O tempo estimado para cada atividade varia entre os 30 e os 60 minutos. Todas as atividades são adaptáveis ao grupo de crianças de pré-escolar em que se pretende aplicar e em todas defende-se que é importante a exposição dos trabalhos realizados em sala, pois além de os encarregados de educação poderem acompanhar o trabalho diário feito, as crianças sentem-se valorizadas.

Os poemas escolhidos foram trabalhados a partir do livro “O Som das Lengalengas” de Luísa Ducla Soares. A escolha deste livro recai no facto de a autora dar vida às lengalengas tradicionais que todos conhecemos, o que o torna um estímulo fundamental para o desenvolvimento da língua e, por sua vez, para conquistar as crianças a desenvolverem o gosto pela leitura. Este livro é recomendado pelo Plano Nacional de Leitura (PNL). O PNL é um projeto que foi criado com competências que visam a promover a leitura e impulsionar o uso do livro mobilizando vários setores e instituições e abrangendo também vários indivíduos e vários públicos: infantil, juvenil e adulto¹⁰.

¹⁰ Fonte: https://www.pnl2027.gov.pt/np4/quemsomos.html?cat_quemsomos=principios

3.1 Plano de Atividades: Um poema por dia não sabe o bem que lhe fazia.

Todos os poemas trabalhados foram retirados do **livro** “O Som das Lengalengas” (ilustração 23), escrito pela **autora** Luísa Ducla Soares com **ilustrações** de João Vaz de Carvalho e **interpretação musical** de Daniel Completo.



Ilustração 23 - Livro: O som das lengalengas

Fonte: <https://www.wook.pt/livro/o-som-das-lengalengas-luisa-ducla-soares/11257648>

Atividade 1: Criação de um novo poema

A presente atividade tem como objetivo principal a criação de uma nova lengalenga seguindo a estrutura da lengalenga “Na Ponte do Vale Armeiro”. Esta atividade está dividida em três partes: a audição do poema; a criação de uma nova lengalenga ilustrada; a audição e exposição da nova lengalenga.

Principalmente na execução da segunda parte, é de salientar que a educadora não deve colocar entraves na criatividade das crianças, por exemplo, caso a lengalenga não rime, não há problema, uma vez que nem todas as lengalengas têm que rimar.

Objetivos a adquirir:

- Desenvolver capacidades expressivas;
- Compreender mensagens orais;
- Responder adequadamente apresentando ideias em situação grupal.

Materiais:

- Cartolina preparada previamente pela educadora;
- Fotografias das crianças;
- Lápis de cor;
- Cola.

Tempo estimado:

- A atividade pode ser repartida por vários momentos do dia, uma vez que será trabalhada também uma parte de expressão plástica. Se realizada de forma seguida estima-se que o tempo seja de 40 a 60 minutos.

Descrição da Atividade:**Poema:** Na Ponte do Vale Armeiro

Na ponte do Vale Armeiro

Vinte e cinco cegos vão,

Cada cego leva um moço,

Cada moço leva um cão.

Cada cão leva um gato,

Cada gato leva um rato,

Cada rato leva a sua espiga,

Cada espiga leva o seu grão.

Parte I – Audição da lengalenga.

- Para iniciar a atividade, a educadora deve colocar os alunos em roda e em voz alta, e de forma entoada e pausada, ler o poema “Na Ponte do Vale Armeiro”.
- De seguida, a docente deve colocar algumas questões às crianças que apelem à perceção que elas têm do poema;
- Posteriormente, devem-se seguir questões que estimulem a memorização das crianças acerca do poema ouvido, como, por exemplo, “Quem leva o cão?”; “O que leva o rato?”, entre outras;

Parte II – Criação de uma nova lengalenga

- Com o decorrer da atividade, a educadora deve desafiar as crianças a criar um poema com os elementos da própria sala de aula (desde as próprias crianças aos objetos). Assim, deve perguntar a cada criança que objeto levaria da sala;
- Antecipadamente, a docente deve ter preparada uma cartolina (proposta apresentada de seguida – ilustração 24) para prosseguir a atividade na mesa de trabalho, ajudando as crianças, em primeiro lugar, a reconhecer o seu nome presente na cartolina, a colar a sua fotografia na cara da imagem que se apresenta em frente ao respetivo nome e

posteriormente a desenhar o objeto que escolheram no retângulo que segura a imagem anterior mencionada.

Proposta de Cartolina¹¹:

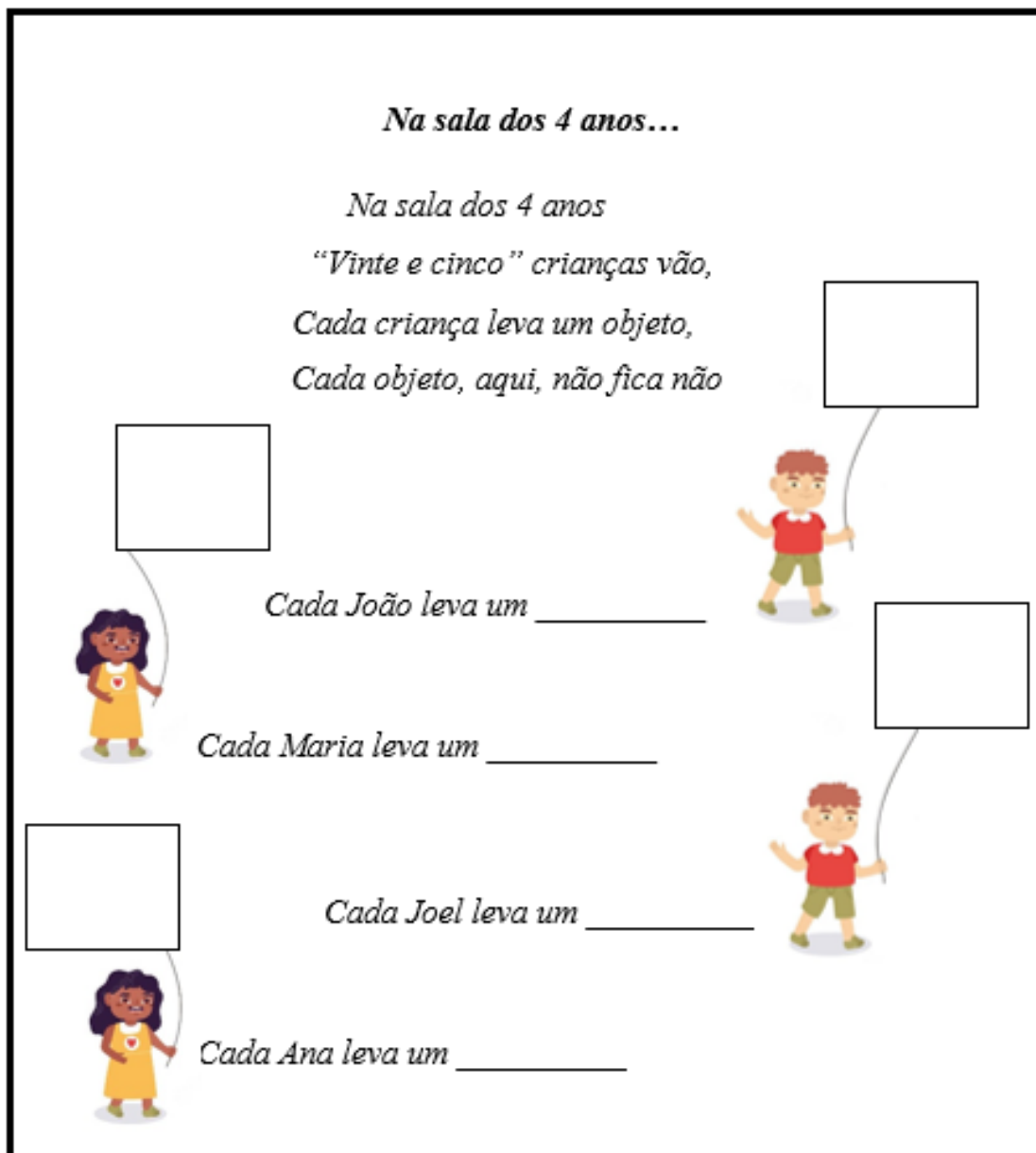


Ilustração 24 - Proposta de Atividade para a criação de um poema

Fonte: Própria

Parte III – Audição da lengalenga criada.

- Após a cartolina estar concluída, a educadora lê o novo poema criado pelas crianças.

¹¹ Todos os nomes e datas referenciados são fictícias.

Atividade 2: Dar voz às lengalengas

A presente atividade tem como objetivo principal dar voz à lengalenga utilizando “A Canção da Bicharada”. Esta atividade está dividida em três partes, a audição formal e informal da lengalenga; a associação de acessórios variados às personagens; cantar a lengalenga.

O livro disponibiliza todas as lengalengas cantadas, o que permite a realização desta atividade sem que a educadora crie uma melodia.

Objetivos a adquirir:

- Desenvolver capacidades vocais e expressivas;
- Valorizar as tradições;
- Realizar tarefas utilizando diferentes materiais.

Materiais:

- Cartões e objetos preparados previamente pela educadora.

Tempo estimado:

- 30 minutos.

Descrição da Atividade:

Poema: A Canção da Bicharada

O pato cuá cuá cuá,

O grilo gri gri gri, ,

O pássaro piu piu,

E o cão ão ão ão

Resolveram fazer esta canção:

Cuá cuá cuá, gri gri gri piu piu ão ão ão

Cuá cuá cuá, gri gri gri piu piu ão ão ão

O gato miau miau,

O galo có có ró có có,

A ovelha mé mé

E o Zé constipado atchim

Resolveram responder assim:

Miau miau có có ró có có mé mé atchim atchim

Miau miau có có ró có có mé mé atchim atchim

Cuá cuá cuá, gri gri gri piu piu ão ão ão

Miau miau có có ró có có mé mé atchim atchim

Parte I – Audição formal e informal da lengalenga.

- Na presente atividade sugere-se que a porta de entrada para desenvolver a presente lengalenga seja através da música. De maneira informal, enquanto as crianças brincam (por exemplo) ou desenvolvem outras atividades em que a música possa estar a ser ouvida, a docente deve fazer reproduzir a respetiva música da canção da bicharada. Inconscientemente, as crianças, além de familiarizados com a canção, podem memorizar parte dela, uma vez que nestas idades é conhecida uma maior sensibilidade para a memorização;
- De seguida, para iniciar a atividade, a educadora deve colocar os alunos sentados em roda, para, e agora de forma direta, ouvirem a lengalenga musicada.

Parte II – Associação de elementos às personagens da lengalenga.

- Após a audição do poema, a docente deve ter na sua posse cartões e/ou objetos de modo a que cada um represente uma personagem da lengalenga:
 - Um bico (feito a cartolina) que representa o pato;
 - Um cartão com uma imagem do grilo para representar o mesmo;
 - Uma pena para representar o pássaro;
 - Um cartão com uma imagem de um cão para representar o mesmo;
 - Uns bigodes (feitos a cartolina ou outro material) para representar o gato;
 - Uma crista (também feita a cartolina) para representar o galo;
 - Um cartão com uma imagem de ovelha para representar a mesma;
 - E um lenço branco para representar o “Zé constipado”.
- Depois da docente retirar cada objeto individualmente, em forma de diálogo, é importante que, em conjunto, o grupo realize a associação entre o cartão/objeto, a personagem e o som representado;
- De seguida, a docente deve colocar uma caixa no centro da roda contendo os cartões/objetos equivalente ao número de crianças;
- Após, de forma individual cada criança retirar apenas um objeto ou cartão, aleatoriamente, o grupo, fica dividido nas diferentes personagens.

Parte III – Dar voz à lengalenga, cantando.

- E assim, cantando, vão aprender a canção da bicharada, porém cantando apenas nas personagens a que pertencem.

Este exercício musical pode ser repetido com frequência depois de aprendido.

Atividade 3: Jogo físico-motor: Lagarto Pintado

A presente atividade tem como objetivo principal desenvolver um jogo físico-motor que permite trabalhar a lengalenga “Lagarto Pintado” com o jogo “O lencinho” conhecido tradicionalmente. Esta atividade está dividida em quatro partes, a audição da lengalenga, a memorização e declamação, a ilustração e exposição e, por fim, o desenvolvimento do jogo físico-motor.

Objetivos a adquirir:

- Desenvolver a motricidade global;
- Desenvolver a memorização;
- Aceitar e cumprir as regras do jogo.

Materiais:

- Cartolina preparada previamente pela educadora;
- Lagarto para colorir e picotar;
- Pico;
- Esponja;
- Lápis de cor;
- Cola;
- Lencinho.

Tempo estimado:

- A atividade pode ser repartida em vários momentos do dia, uma vez que será trabalhada também uma parte de expressão plástica e a parte físico-motora. Se realizada de forma seguida estima-se que o tempo seja de 60 minutos.

Descrição da Atividade:

Poema: Lagarto Pintado

Lagarto pintado,
Quem te pintou?
Foi uma velha que ali passou.
No tempo da eira
Fazia poeira,
Puxa lagarto
Por aquela orelha!

Parte I - Audição da lengalenga.

- Para iniciar a atividade, a educadora deve colocar os alunos em roda, e em voz alta, de forma entoada e pausada, ler o poema “Lagarto Pintado”;

Parte II - Memorização e declamação da lengalenga.

- De seguida, em grupo, deve ser realizada a declamação do poema, primeiro as crianças devem repetir verso a verso, para posteriormente a lengalenga ser declamada num todo;

Parte III – Ilustração e exposição da lengalenga.

- Posteriormente, numa cartolina previamente preparada pela educadora, para exposição na sala, o poema deve estar escrito e a cada criança deve ser entregue um lagarto primeiro para ser picotado e posteriormente para ser colorido;
- Após todos os lagartos estarem concluídos devem ser colados à volta do poema para a lengalenga ficar ilustrada;

Parte IV – Jogo físico-motor “Lagarto Pintado”.

- De seguida, o grupo realiza o tradicional “Jogo do lenquinho” adaptado à lengalenga “Lagarto Pintado”.

Regras do jogo:

- As crianças devem posicionar-se em roda, com as mãos atrás das costas (podem estar de pé ou sentados);
- Enquanto todos declamam a lengalenga com as mãos atrás das costas, uma das crianças corre à volta da roda com o lenço na mão. As crianças que estão em roda não podem olhar para trás. No final da lengalenga, a criança que tem o lenço deixa-o cair discretamente atrás de um colega. Este, ao aperceber-se que tem o lenço atrás de si, deve começar a

correr na tentativa de apanhar o colega, o que deverá acontecer antes deste ocupar o lugar vago. Se a criança que deixou cair o lenço for apanhada, vai para o centro da roda onde deverá ficar de cócoras.

Atividade 4: O contacto com o livro físico

A presente atividade tem como objetivo principal as crianças contactarem com o livro em forma física e trabalharem o tema das palavras que rimam, criando uma nova lengalenga a partir de uma estrutura já ouvida.

Esta atividade está dividida em três partes, a primeira, o contacto com o livro em formato físico, a segunda parte, a audição da lengalenga e a última, a alteração da lengalenga.

Objetivos a adquirir:

- Partilhar ideias;
- Adquirir novas palavras;
- Desenvolver a criatividade.

Materiais:

- Livro em formato físico.

Tempo estimado:

- 30 minutos.

Descrição da Atividade:

Poema: Os Sete Irmãos

Somos sete em geração,

O primeiro é pateta,

O segundo é anão,

O terceiro é careca,

O quarto surdo-mudo,

O quinto é desdentado,

O sexto é barrigudo,
O sétimo é chanfrado.
Destes sete que nós somos
Ainda sou o mais perfeito:
Se não fosse a marreca
Tinha sido o mais direito!

Parte I – Contacto com o livro.

- Antes de iniciar a leitura da lengalenga, a docente deve, em forma de diálogo, apresentar o livro físico às crianças: Em primeiro lugar, a docente explora a capa e os seus elementos: explorar o título; explicitar quem é e o que faz a autora do livro, o ilustrador; explorar a própria ilustração.
- De seguida, o livro deve ser passado por todas as crianças em breves minutos, para que o folheiem. A docente pode ir questionando as crianças sobre o que estão a ver, pedindo para serem elas a mostrar determinado elemento aos colegas.

Parte II – Audição da lengalenga.

- Posteriormente, com o livro em sua posse, a educadora deve, em voz alta, de forma entoada e pausada, ler o poema “Os sete irmãos”;
- Após uma primeira declamação, a educadora deve declamar uma segunda vez, mas pedindo às crianças para em coro acompanharem a contagem dos números, indicando também os números com os dedos das mãos;

Parte III – Alterar a lengalenga com palavras que rimam.

- De seguida, em grupo, a educadora deve começar por explicar o que são palavras que rimam e posteriormente alteram o poema com sugestões ditas pelos alunos, por exemplo, “somos sete gerações/ o primeiro é pateta e conduz uma camioneta”. A educadora deve registar as respostas das crianças para, no fim, ler em voz alta a nova lengalenga criada.

Atividade 5: Construção da “Torre dos gericopos”

A presente atividade tem como objetivo principal aliar a aprendizagem de uma lengalenga à construção da noção de número através de atividades plásticas.

Esta atividade está dividida em quatro partes, a audição da lengalenga, a memorização da lengalenga, a construção individual do copo gericopo e, por fim, a construção da torre gericopos.

Objetivos a adquirir:

- Desenvolver a criatividade;
- Desenvolver a linguagem oral;
- Apropriar-se progressivamente do sentido de número.

Materiais:

- Copos de papel;
- Cola;
- Lápis de cor;
- Diferentes materiais para ilustração;
- Papel com números, previamente preparado pela educadora.

Tempo estimado:

- 40 minutos.

Descrição da Atividade:

Poema: Copo copo gericopo

Copo copo gericopo

Gericopo copo cá

Quem não disser três vezes

Copo copo gericopo

Gericopo copo cá

Por este copo não beberá.

Copo copo gericopo

Gericopo copo cá

Parte I – Audição da lengalenga

- Para iniciar a atividade, a educadora deve colocar os alunos sentados em roda e colocar em reprodução a lengalenga musicada “Copo copo gericopo”.

Parte II – Memorização da lengalenga

- De seguida, a docente deve ler a lengalenga em voz alta e as crianças devem repetir com o objetivo de a memorizarem;
- Posteriormente, a docente coloca novamente a lengalenga musicada para todos juntos acompanharem a canção.

Parte III – Construção do copo gericopo

- A cada criança deve ser entregue um copo branco de papel igual e a docente deve explicar que individualmente cada criança deve colorir o seu copo gericopo pintando ou desenhando livremente;
- Após os copos estarem ilustrados, a educadora deve ter preparado números recortados para em conjunto enumerarem os copos colando os números.

Parte IV – Construção da torre de gericopos

- Para finalizar a atividade, também em conjunto, ordenando os copos numerados constrói-se a torre de gericopos. Após a torre estar construída de forma individual, os alunos devem fazer a contagem dos copos.

Durante a Prática de Ensino Supervisionada não foi possível colocar em prática o plano anteriormente apresentado, pois as atividades eram construídas com base nos temas que estavam a ser trabalhados e seguidos através de um plano curricular.

A poesia, em meio escolar, nem sempre é vista como um contributo essencial no desenvolvimento da criança, assim as atividades propostas anteriormente pretendem demonstrar que através da poesia tradicional, em particular, é possível desenvolver capacidades cognitivas, físicas, valorizar a cultura e as diferentes tradições e desenvolver diferentes tarefas interligando áreas de conteúdo.

Conclusão

O presente relatório é o culminar de um percurso académico na Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto do Instituto Politécnico da Guarda e em todas as instituições que tornaram possível a execução da Prática de Ensino Supervisionada (PES).

Após o término deste relatório, foi possível compreender a importância não só da execução do mesmo como também da realização da PES, pois são estes dois marcos que permitiram relacionar a teoria adquirida com a prática desenvolvida. Por outro lado, a PES foi fundamental para contactar com o real mundo do trabalho que, por vezes, é cheio de expectativas na teoria e muito diferente na prática.

O processo de educar e ensinar é complexo devido a vários fatores. Quando é possível ter contacto diário com as crianças, tanto em ambiente pré-escolar como no primeiro ciclo, percebe-se que há uma particularidade inerente a todas: todas as crianças são diferentes, todas as crianças são únicas. Assim, é fundamental que o respeito pelas diferenças e que a garantia do seu bem-estar e segurança estejam sempre em primeiro lugar no papel que o educador/professor desempenha.

O período do pré-escolar e do primeiro ciclo são etapas essenciais na vida das crianças. É nesta fase que se obtêm conhecimentos sobre o mundo que nos rodeia e que adquirimos valores fundamentais que nos tornarão cidadãos conscientes, justos, pensantes e preocupados com as próximas gerações. Assim, cabe a toda a comunidade escolar procurar as melhores soluções para que as vivências ocorridas nestas etapas escolares sejam imprescindíveis na construção de cada indivíduo.

No presente relatório, além da reflexão sobre a PES, tive a oportunidade de desenvolver uma pequena investigação neste ramo da educação. Durante as aulas teóricas, ao longo do mestrado e com a experiência na PES de educação pré-escolar, compreendi que a literatura é uma mais-valia ao ser utilizada como atividade lúdica ou como transmissora de conteúdos, pois o mundo infantil, como a literatura, é recheado de sonhos, impossíveis que se tornam possíveis e fantasia. Contudo, também compreendi que a poesia, sendo um ramo da literatura, é visto como um parente pobre, pouco utilizado na educação pré-escolar e com tantos benefícios para oferecer. Assim, após investigar mais sobre o tema, decidi explorar um tipo de poesia em particular, a poesia tradicional. Esta que todos relembramos da nossa infância, que é passada de geração em geração e que precisa de ser reconhecida e englobada nos planos anuais para a educação pré-escolar, uma vez que é rica em valores, que é capaz de construir boas experiências e que mantém viva as diferentes culturas. Infelizmente, durante a PES, não tive oportunidade de pôr em prática o plano de estratégias de atividades elaborado e apresentado anteriormente.

Desta investigação percebi que, como em todas as aprendizagens que a criança adquire, o ponto de partida fundamental é o exemplo. Assim, para as crianças se tornarem leitoras e conhecedoras das vastas experiências que a literatura pode conceder, os educadores e professores têm que ser, ou se tornar, leitores ativos. De seguida, também é da responsabilidade da escola envolver as famílias na própria vivência escolar, partilhando atividades que podem ser realizadas em ambiente familiar e expondo as atividades realizadas em sala de aula, por exemplo. Só caminhando na mesma direção e não excluindo nenhuma parte das vivências das crianças é que é possível formar adultos conscientes.

Após terminar esta fase do meu percurso académico, afirmo que esta é a profissão que quero desempenhar no futuro complementado sempre os conhecimentos e práticas adquiridas com novas. Neste percurso, aprendi essencialmente que esta é uma profissão com desafios novos todos os dias e que o papel do educador/professor não passa só por ser um transmissor de conhecimentos, mas também é muitas vezes o pai, a mãe, o psicólogo, o médico e o enfermeiro.

Este percurso permitiu-me também conhecer mais aprofundadamente o mundo da poesia que deixou de fazer parte apenas do mundo escolar porque transmite ensinamentos para a vida. Como defende Manoel Barros (citado por Fonseca, 2020, p. 95) *Poesia não é para compreender, mas para incorporar Entender é parede: procure ser árvore.*

Legislação

Revisão do Decreto-Lei nº. 139/2012 – Publicado no Diário da República, 5 de abril de 2018

Lei nº49/2005 de 30 de agosto. Diário da República nº166/2005 – I série. Assembleia da República. Lisboa. Lei de Bases do Sistema Educativo

Referências Eletrónicas

https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=censos21_main&xpid=CENSOS21&xlang=pt (última consulta: 28 de junho 2022)

<https://www.mun-guarda.pt/> (última consulta: 13 de julho 2022)

<https://www.pordata.pt/> (última consulta: 6 de abril 2022)

<https://www.pnl2027.gov.pt/np4/home> (última consulta: 1 de agosto 2022)

Referências Bibliográficas

- Almeida, J. (2010) *Importância da frequência do Pré-Escolar como factor de sucesso à Aprendizagem no 1º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Instituto Superior de Educação e Ciências.
- Andrade, M. (2016) *Aprendizagem ativa no âmbito de atividades em torno de um tópico*. Relatório de Estágio, Instituto de Educação. Braga: Universidade do Minho.
- Carraça, A. (2018). *A influência da poesia no despertar do gosto pela leitura e pela escrita*. Relatório Final de Prática de Ensino Supervisionada. Campus Universitário de Almada: Escola Superior de Educação Jean Piaget.
- Faria, A. (2015) *A Importância da Aprendizagem Ativa no 1º CEB “Aprender a aprender”*. Relatório de Estágio. Lisboa: Escola superior de educadores de infância Maria Ulrich.
- Fonseca, A. (2020) A poesia na educação pré-escolar: para lá das rimas e das quadras. *Egitania Scientia*. 85-96.
- Fortin, M. (1996). *O Processo de Investigação*. Loures: Lusociência.
- Guedes, T. (1995). *Ensinar a Poesia*. Coleção Práticas Pedagógicas. Lisboa: Edições ASA.
- Godinho, J., Brito, M (2010) *As Artes no Jardim de Infância. Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Ministério da Educação: Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. Lisboa.
- Leal, S. (2009) *Um-dó-li-tá: a linguagem das brincadeiras e as brincadeiras com a linguagem*. Universidade dos Açores: Departamento das Ciências e Educação. Universidade do Minho: Centro de Investigação em Educação.
- Mateiro, V. (2018). *A Literatura Infantil no Pré-Escolar e no 1.º CEB: Como abrir caminhos à imaginação*. Coimbra: Escola Superior de Educação. Instituto Politécnico de Coimbra.
- ME, Silva, I. et al. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE).
- Ministério da Educação (2018). *Aprendizagens Essenciais: Educação Artística – Artes Visuais*. Lisboa: Departamento de Educação.
- Ministério da Educação (2018). *Aprendizagens Essenciais: Educação Artística – Educação Física*. Lisboa: Departamento de Educação.
- Ministério da Educação (2018). *Aprendizagens Essenciais: Educação Artística – Expressão Dramática/Teatro*. Lisboa: Departamento de Educação.

- Ministério da Educação (2018). *Aprendizagens Essenciais: Estudo do Meio*. Lisboa: Departamento de Educação.
- Ministério da Educação (2018). *Aprendizagens Essenciais: Português*. Lisboa: Departamento de Educação.
- Ministério da Educação (2018). *Aprendizagens Essenciais: Matemática*. Lisboa: Departamento de Educação.
- Ministério da Educação (2015). *Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico*. Lisboa: Departamento de Educação.
- Ministério da Educação (2004). *Programa e Metas Curriculares de Estudo do Meio do Ensino Básico*. Lisboa: Departamento de Educação.
- Ministério da Educação (2013). *Programa e Metas Curriculares de Matemática do Ensino Básico*. Lisboa: Departamento de Educação.
- Nascimento, M. (2011) *Os Manuais Escolares do Ensino Básico no Ensino da Linguística*. Dissertação de Mestrado. Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- Nunes, C. (2013) *Os manuais escolares de história e de geografia do secundário face ao desafio das tecnologias na educação*. Relatório de Iniciação á prática do Mestrado. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Paulo, C. (2011) *Estratégias de Gestão da Sala de Aula na disciplina de Economia do Ensino Secundário*. Relatório da Prática de Ensino Supervisionada. Universidade de Lisboa.
- Pereira, I. (2012) *As expressões como forma de articulação das diferentes áreas do saber*. Relatório de Estágio. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Educação.
- Pimentel, J. (2017). *A importância das histórias no Pré-Escolar*. Coimbra: Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Coimbra.
- Reis, M., Silva, M. (2015) *Das rimas infantis à poesia em geral – um universo por explorar na educação de infância*. Lisboa: Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Lisboa.
- Ribeiro, J. (2007) O valor pedagógico da poesia. *Revista portuguesa de pedagogia*. ano 41-2, 51-81.
- Ribeiro, M. (2012). *Magia dos Sentidos Poesia e criatividade – um contributo para o desenvolvimento da expressão oral em crianças do Pré-escolar*. Porto: Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

Serrão, E (2009) *O educador de infância e o jogo no desenvolvimento da criança*. Mestrado em Educação. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Ciências.

Silva, I. et al. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE).

Silva, J. (2017). *A Literatura Infantil ao serviço das diferentes Áreas Curriculares na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.

Tavares J. et al (2011). *Manual de Psicologia do Desenvolvimento e aprendizagem*. Porto: Porto Editora.

Teixeira, A. (2013) *Prática de Ensino Supervisionada em Ensino do primeiro e do segundo Ciclo do Ensino Básico*. Relatório de Estágio. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança, Escola Superior de Educação.

Torres, A. (2015). *Aprender a gostar de poesia: contributos para uma didática do texto poético em contexto de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo*. Relatório de Estágio. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Educação.

Anexos

Anexo I – Planos de Aula do Pré-Escolar



PLANO DE AULA

PES

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Prof. Orientador: Filomena Velho		Prof./Educador Cooperante: Gina Silva		
Aluno: Adriana Alves; Ana Carina Barbas		Local de Estágio: Jardim de Infância de Alfarazes		
Nível de Ensino: Pré – Escolar		Data de construção: 2 de novembro		
Turma/Grupo: 3/ 4 anos		Tempo: De 5 de novembro a 7 de novembro – Semana 4		
Área/Tema	Objetivos	Conteúdos/Atividades	Recursos	Avaliação
<p>Tema: As emoções</p> <p>Área: Formação Pessoal e Social</p> <p>Área: Expressão e Comunicação Domínio: Educação Artística Subdomínio: Jogo Dramático</p> <p>Área: Expressão e Comunicação Domínio: Educação Artística Subdomínio: Artes Visuais</p>	<p>Reconhecer as emoções e as respetivas expressões faciais.</p> <p>Promover o contacto e a interação com o outro.</p> <p>Picotar e montar a Casa do Pijama.</p>	<p>Partilha de emoções</p> <p>Jogo de Interação</p> <p>Construção de casas do pijama</p>	<p>Figuras que representam diferentes emoções.</p> <p>Casas do Pijama moldáveis.</p>	<p>Registos individuais e coletivos</p> <p>Observação direta</p>

Processos de Operacionalização

Na segunda-feira, dia 5 de novembro, após o lanche da manhã e a rotina diária, com as crianças sentadas em roda no espaço da reunião, nós, estagiárias, relembremos a história dramatizada na semana anterior, “A divertida bruxa Matilde”. Esta história foi construída, por um lado para desmitificar a bruxa como um elemento mau e por outro lado era rica em várias emoções que fazem parte do dia a dia da criança como o medo, a alegria e a tristeza. Assim, enquanto se relembrava a história, em forma de diálogo promoveu-se a partilha de várias emoções também da vida das crianças e para ajudar neste diálogo tínhamos várias caras, feitas por nós estagiárias que representavam as diferentes emoções que queríamos partilhar.

“Estagiária - Na história “A divertida bruxa Matilde” como se chamava a menina que foi ao castelo pedir doces?”

Criança 1 -Matilde.

Criança 2 - Sara.

Estagiária - Muito bem era Sara. Matilde era o nome da bruxa, a dona do castelo. E a Sara quando viu quem estava no castelo como se sentiu? Assim (a estagiária mostrou uma cara que representava muita felicidade) ou assim (a estagiária mostrou uma cara que representava medo)?

(As crianças apontaram para a cara que representava o medo e algumas disseram em voz alta que a Sara teve medo).

Estagiária: Então e tu “criança 3” de que tens medo?

Criança 3 – Trovoada.”

Este exemplo anterior representa uma parte do diálogo em que foi tratada a emoção do medo. As emoções que foram trabalhadas foi a alegria, a felicidade, o medo, a raiva/ira, a tristeza (através de uma cara triste e outra de choro) e ao longo do diálogo também pedíamos às crianças para tentarem imitar as expressões faciais que faziam quando se sentiam de determinada maneira.

Posteriormente, para consolidar a partilha e promover o contacto com o outro dirigimo-nos ao salão que é mais amplo que a sala. Aí dividimos as crianças em duas filas com o mesmo número de elementos frente a frente com algum espaço entre elas. Cada criança tinha à sua frente outra criança. Numa primeira fase, uma criança ia para o meio das duas filas e o seu parceiro da frente também e davam um aperto de mão. Quando todos fizerem o exercício, substituíram o aperto

de mão por ficar de costas um para o outro e depois darem um abraço. Depois as crianças de uma das filas trocaram de lugares e voltaram à vez à frente, agora com o seu novo parceiro e davam novamente um abraço. Para finalizar a atividade, cada criança, também à vez, escolheu outra criança para dar um abraço. Este exercício do abraço foi repetido mais vezes, pois as crianças demonstraram-se bastante entusiasmadas e felizes ao poderem abraçar os seus colegas.

Na parte da tarde, à medida que as crianças iam acordando, era-lhes dado um sol e pedido às crianças para que o colorissem de amarelo na parte interior. Posteriormente com a ajuda de uma das estagiárias ou de uma das educadoras a criança experimentava a técnica da picotagem. Após algum acompanhamento e algum tempo de picotagem livre era disponibilizado uma caixa para o dia do pijama (em forma de quadrado) desmontada e as crianças tinham de picotar as suas linhas exteriores. Nesta atividade, o nível de dificuldade aumentou, pois as crianças tinham que picotar em linha. Depois de finalizada a picotagem do molde da caixa, as crianças iam brincar livremente enquanto nós, estagiárias e educadoras, acabávamos de contruir e colar a caixa, pois esta parte final ainda não é possível das crianças conseguirem fazer.

Sumário:

Partilha de emoções a partir de vários exemplos.

Jogo de Interação: Eu e o outro.

Construção da Casa do Pijama.



PLANO DE AULA

PES

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Prof. Orientador: Filomena Velho		Prof./Educador Cooperante: Gina Silva		
Aluno: Adriana Alves; Ana Carina Barbas		Local de Estágio: Jardim de Infância de Alfarazes		
Nível de Ensino: Pré – Escolar		Data de construção: 4 de janeiro		
Turma/Grupo: 3/ 4 anos		Tempo: De 7 de janeiro a 9 de janeiro – Semana 11		
Área/Tema	Objetivos	Conteúdos/Atividades	Recursos	Avaliação
<p>Tema: Dia dos Reis</p> <p>Área: Expressão e Comunicação</p> <p>Domínio: Comunicação Oral</p> <p>Área: Conhecimento do Mundo</p> <p>Área: Expressão e Comunicação</p> <p>Domínio: Educação Artística</p> <p>Subdomínio: Artes Visuais</p>	<p>Compreender mensagens orais;</p> <p>Valorizar as tradições;</p> <p>Partilhar ideias, saberes e experiências.</p> <p>Desenvolver capacidades expressivas.</p> <p>Recriar plasticamente elementos da história trabalhada.</p> <p>Explorar e utilizar diferentes materiais.</p>	<p>História: Os três Reis Magos;</p> <p>Decoração de um Rei Mago;</p>	<p>História;</p> <p>Personagens da história, previamente preparadas.</p> <p>Lápis de cor;</p> <p>Canetas de feltro;</p> <p>Pedaços de revista ou jornal;</p> <p>Cola.</p>	<p>Registos individuais e coletivos</p> <p>Observação direta</p>

<p>Área: Expressão e Comunicação Domínio: Educação Física</p>	<p>Desenvolver a motricidade global. Cooperar em situações de jogo. Aceitar e cumprir as regras do jogo.</p>	<p>Jogo dos arcos</p>	<p>Arcos; Leitor de CD; CD.</p>	
---	---	------------------------------	--	--

Processos de Operacionalização

Na segunda-feira, após o lanche da manhã e também no período da tarde as crianças terminaram as coroas de Reis. Nesta atividade, mostraram-se muito motivadas por terem uma coroa e serem reis por um dia.

Na terça-feira, no período da manhã após a habitual rotina foi contada a história dos três Reis Magos, na sequência da comemoração do dia de Reis. Para uma melhor memorização visual, enquanto a história estava a ser lida, foram colocadas imagens das personagens no quadro magnético. Posteriormente, em grupo, decorreu uma conversa e uma partilha de ideias com o objetivo de consolidar o que foi transmitido. Assim, percebemos que a história foi compreendida pelas crianças, contudo, notámos que as palavras de mais difícil articulação, por exemplo, “incenso” e “mirra” e os nomes dos Reis Magos tiveram de ser reforçadas pela repetição. Nesta história, também as diferentes características dos Reis Magos foram referidas, sendo um de cor branca, outro de cor negra e um último de cor amarela. Curiosamente, a maior parte das crianças elegeu o Rei Mago de cor negra, o Baltazar, como o seu preferido. Assim, no período da tarde, cada criança, individualmente pintou o Rei Mago preferido e decorou o seu traje através da técnica do mosaico (colagem de papéis).

Na quarta-feira, durante a manhã as crianças terminaram a atividade iniciada no período da tarde de terça-feira.

Seguidamente, no espaço de reunião, foi lembrada a história e efetuada a audição de uma canção dos Reis Magos.

No ginásio, foi realizado um jogo com a música aprendida e com arcos. Antes do início do mesmo fizemos um breve aquecimento, relembrámos as regras de utilização do espaço e expusemos as regras do jogo. Este jogo consistia em dispor os arcos em círculo, sendo que o número destes era menor que o dos participantes. Ao som da música, todas as crianças tinham que andar à volta dos arcos. Quando a música parava, cada uma tentava ocupar um lugar, entrando no arco. A criança que não conseguisse um lugar saía do jogo, retirando-se mais um arco. O jogo terminava quando um jogador ocupasse o último arco. Após o

jogo ser feito duas vezes, foi introduzida uma variante: as crianças tinham de formar grupos de dois elementos e os dois tinham que entrar para o mesmo arco. Verificou-se que com esta variante as crianças demonstraram maior dificuldade no cumprimento do objetivo.

Sumário:

- Leitura e apresentação das personagens da história: Os três Reis Magos.
- Decoração de um Rei Mago à escolha.
- Jogo dos arcos.



PLANO DE AULA

PES

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Prof. Orientador: Filomena Velho		Prof./Educador Cooperante: Gina Silva		
Aluno: Adriana Alves; Ana Carina Barbas		Local de Estágio: Jardim de Infância de Alfarazes		
Nível de Ensino: Pré – Escolar		Data de construção: 1 de dezembro		
Turma/Grupo: 3/ 4 anos		Tempo: De 3 de dezembro a 5 de dezembro – Semana 8		
Área/Tema	Objetivos	Conteúdos/Atividades	Recursos	Avaliação
<p>Área: Expressão e Comunicação Domínio: Educação Física</p> <p style="text-align: center;">Tema: O Outono</p> <p>Área: Expressão e Comunicação Domínio: Educação Artística Subdomínio: Artes Visuais</p>	<p>Coordenar e controlar os movimentos seguindo direções; Desenvolver a motricidade global.</p> <p>Realizar tarefas utilizando diferentes materiais. Desenvolver a criatividade e o sentido estético.</p>	<p>Jogos de percurso;</p> <p>Conclusão da decoração do Painel de Outono;</p>	<p>Arcos; Pinos; Cordas; Bola; Latas.</p> <p>Imagens previamente preparadas; Tintas; Material de</p>	<p>Registos individuais e coletivos</p> <p>Observação direta</p>

<p>Tema: Natal</p> <p>Área: Conhecimento do mundo</p> <p>Área: Expressão e Comunicação</p> <p>Domínio: Educação Artística</p> <p>Subdomínio: Artes Visuais</p>	<p>Relembrar o que visitaram e associar às imagens fornecidas.</p> <p>Selecionar imagens de revistas ou folhetos relacionados com a visita;</p> <p>Utilizar diferentes técnicas.</p>	<p>Registo coletivo da visita há Cidade Natal.</p>	<p>picotagem; Lápis de Cor.</p> <p>Revistas; Folhetos; Cartolina; Cola.</p>	
--	--	--	---	--

Processos de Operacionalização

Na segunda-feira, no período da manhã, o grupo dirigiu-se para o ginásio com o propósito de realizar uma atividade de movimento: um percurso previamente preparado. Foi utilizado o seguinte material de psicomotricidade: pinos, arcos, bastões e uma corda. O percurso continha quatro obstáculos. No primeiro, as crianças tinham que saltar uma sequência de seis arcos com os pés juntos sendo que os dois últimos arcos estavam juntos (na horizontal) e exigiam um pequeno salto em que as crianças tinham de colocar um pé em cada arco. O segundo obstáculo era composto por dois bastões e uma corda atada nos mesmos, pretendendo-se que o deslocamento fosse realizado por baixo da corda, sem que lhe tocassem. No terceiro, era dada uma bola e a criança tinha que se deslocar até ao quarto obstáculo driblando a bola. Ao chegar ao quarto obstáculo, a bola era lançada para um cesto e assim terminava o percurso.

Antes do início do jogo foram lembradas as regras de utilização do ginásio, como por exemplo: não empurrar os colegas; respeitar a sua vez; entre outras. Do mesmo modo, procedeu-se ao aquecimento, onde foram realizados diversos movimentos corporais, utilizando as mãos, as pernas, a cabeça, os pulsos, os braços e os joelhos. Após uma breve explicação em forma de amostração, as crianças iniciaram o percurso. Numa primeira vez, individualmente e depois em forma de sequência (sem terem de esperar que o colega terminasse). Este percurso tinha cinco passos, inicialmente corriam, o segundo passo consistia em saltar para dentro de arcos dispostos por nós, seguida de uma corda em que as crianças tinham de passar por baixo e para finalizar pegavam numa bola e driblavam até chegarem ao cesto onde deviam acertar, regressando à fila.

Na terça-feira, no período da tarde, as crianças continuaram a decoração do painel de outono. Nesta atividade o grupo desenvolveu técnicas de picotagem, pintura e colagem para construírem um cogumelo e um ouriço (animal). Posteriormente, tal como indica o nome da atividade, as produções realizadas pelas crianças foram colocadas no painel que já continha um castanheiro e as folhas do mesmo alusivas à presente estação do ano.

Na quarta-feira, no período da tarde o grupo relembrou a visita à Cidade Natal realizada durante a manhã. Posteriormente, nas mesas de trabalho, as crianças procuraram em várias revistas e folhetos imagens relacionadas com o tema e seguidamente recortaram e picotaram a respetiva imagem, que era sublinhada por nós ou pelas educadoras. Nesta atividade verificamos que algumas crianças necessitaram de mais apoio no desenvolvimento da mesma, pois encontram-se em níveis de execução diferentes nesta área. Depois das imagens selecionadas, foram colocadas em duas folhas de cartolina juntamente com fotografias da visita e a produção final foi um registo coletivo da visita à Cidade Natal.

Sumário:

- Realização de um percurso com obstáculos.
- Conclusão da realização do painel de outono.
- Registo coletivo da visita à Cidade Natal.



PLANO DE AULA

PES

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Prof. Orientador: Filomena Velho		Prof./Educador Cooperante: Gina Silva		
Aluno: Adriana Alves; Ana Carina Barbas		Local de Estágio: Jardim de Infância de Alfarazes		
Nível de Ensino: Pré – Escolar		Data de construção: 11 de janeiro		
Turma/Grupo: 3/ 4 anos		Tempo: De 14 de janeiro a 16 de janeiro – Semana 12		
Área/Tema	Objetivos	Conteúdos/Atividades	Recursos	Avaliação
<p>Tema: Inverno</p> <p>Área: Conhecimento do Mundo</p> <p>Área: Expressão e Comunicação</p> <p>Domínio: Educação Artística</p> <p>Subdomínio: Artes Visuais</p>	<p>Identificar diferentes estações do ano, especificamente o inverno.</p> <p>Conhecer diferentes elementos e características desta estação.</p> <p>Realizar tarefas utilizando diferentes materiais e diferentes técnicas.</p> <p>Desenvolver a criatividade e o sentido estético.</p> <p>Explorar e utilizar diferentes materiais.</p>	<p>Decoração da sala de atividades com elementos alusivos ao inverno;</p> <p>Árvore do Inverno.</p>	<p>Pico;</p> <p>Esponja;</p> <p>Lápis de cor;</p> <p>Algodão;</p> <p>Guaches;</p> <p>Pincéis;</p> <p>Rolhas de cortiça.</p>	<p>Registos individuais e coletivos</p> <p>Observação direta</p>

<p>Área: Expressão e Comunicação Domínio: Educação Artística Subdomínio: Música</p>	<p>Interpretar com intencionalidade expressivo-musical.</p>	<p>Música: Canção do Inverno</p>		
---	---	----------------------------------	--	--

Processos de Operacionalização

Na segunda-feira, no espaço da reunião iniciou-se o tema do inverno dando a conhecer as características desta estação. Através da partilha de ideias percebeu-se o que cada aluno sabia sobre esta estação do ano, com mais foco no tempo meteorológico e nas características das árvores, para posteriormente redecorarmos a árvore presente na sala que ainda tinha as características do outono. Com o decorrer do diálogo abordou-se também o vestuário adequado ao inverno, cantou-se uma música e declamou-se uma pequena poesia que fazia a ponte entre a estação do ano que estávamos a trabalhar e as árvores que sem folhas “hão de ter frio, certamente”.

Seguidamente, os alunos sentaram-se na mesa de trabalho e picotaram flocos de neve para a decoração da sala.

No período da tarde, as crianças terminaram as suas picotagens e com as mãos manipularam algodão para fazer pequenas bolas de neve. Esta última atividade foi importante pois permitiu o desenvolvimento da motricidade fina e também em diálogo foram exploradas as características do algodão como ser macio, leve, entre outras.

Na terça-feira, no período da manhã, as crianças receberam a visita da higienista oral que exibiu um filme sobre a importância de manter a boca limpa e saudável e que posteriormente continuou a abordar o mesmo tema em forma de diálogo. De seguida, com o grupo de volta à sua sala, no espaço da reunião, com algumas questões colocadas pela Educadora Gina lembrou-se qual a mensagem transmitida pela higienista. Posteriormente mostramos quatro pinguins desenhados numa cartolina. Estes, eram dois pinguins- fêmea (um maior e outro mais pequeno) e igualmente dois pinguins-macho. Devido a estas características as crianças associaram os quatro animais a uma família composta pela mãe, a pinguim-fêmea maior, o pai, o pinguim-macho maior e os dois filhos. Assim, além de voltarmos a abordar o tema do inverno, por estes animais serem de inverno e terem algum vestuário alusivo à estação respetiva, também abordamos questões de

sexo e género.

Após o diálogo, dividimos o grupo em dois e enquanto um dos grupos pintou um desenho sobre a importância da higiene oral (memória descritiva), o outro grupo começou a colorir um dos pinguins mais pequenos. Para colorir utilizou-se lápis de cor e foi um trabalho de grupo, todos pintaram uma parte, esperando pela sua vez e decidindo em conjunto quais as cores que se utilizavam. Depois os grupos trocaram as atividades e os que estava a fazer a memória descritiva coloriu o outro pinguim pequeno, e vice-versa. No período da tarde, os alunos terminaram de pintar os pinguins e participaram na atividade coadjuvada, expressão físico-motora.

Na quarta-feira, no espaço da reunião, lembrou-se a “família de pinguins” e as suas características. Depois explicou-se que para colorir os pinguins maiores, que faltavam, iriam ser utilizadas técnicas diferentes, primeiramente carimbagem com rolhas de cortiça e de seguida pintar com pincéis e tintas. Ainda no espaço da reunião, exploramos as rolhas cortiça, referindo várias características e onde se pode utilizar este material.

Posteriormente, para um trabalho de forma mais organizada, voltamos a dividir o grupo em dois e utilizando as diferentes técnicas iniciamos a atividade de colorir os pinguins.

No período da tarde, as crianças terminaram a atividade começada na manhã, brincaram livremente nos espaços e também no suporte da sala, as crianças desenharam livremente com pincéis e tintas.

A conversa no espaço da reunião, desta terça-feira, como já foi referido, levou-nos a abordar o tema do género e sexo. Este era um tema não planificado, um pouco complexo e que exige alguma maturidade das crianças para a compreensão. Contudo, pensamos que o grupo percebeu como e quando nos referimos aos animais como “fêmea” e “macho”.

Sumário:

- Atividades alusivas ao inverno.
- Interpretação de uma música e de uma poesia sobre a presente estação do ano.



PLANO DE AULA

PES

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Prof. Orientador: Filomena Velho		Prof./Educador Cooperante: Gina Silva		
Aluno: Adriana Alves; Ana Carina Barbas		Local de Estágio: Jardim de Infância de Alfarazes		
Nível de Ensino: Pré – Escolar		Data de construção: 19 de janeiro		
Turma/Grupo: 3/ 4 anos		Tempo: De 21 de janeiro a 23 de janeiro – Semana 13		
Área/Tema	Objetivos	Conteúdos/Atividades	Recursos	Avaliação
<p>Tema: O Inverno</p> <p>Área: Expressão e Comunicação</p> <p>Domínio: Comunicação Oral</p> <p>Área: Conhecimento do Mundo</p> <p>Área: Expressão e Comunicação</p> <p>Domínio: Educação Artística</p> <p>Subdomínio: Artes Visuais</p>	<p>Compreender mensagens orais;</p> <p>Conhecer diferentes elementos e características da estação.</p> <p>Partilhar ideias, saberes e experiências;</p> <p>Identificar o que é pedido.</p> <p>Realizar tarefas utilizando diferentes técnicas.</p> <p>Desenvolver a criatividade e o sentido estético explorar e utilizar diferentes materiais.</p>	<p>Diálogo sobre o vestuário</p> <p>Ficha de trabalho</p> <p>Continuação da decoração da sala.</p>	<p>Mobile.</p> <p>Ficha.</p> <p>Imagens previamente feitas;</p> <p>Tintas;</p> <p>Cotonetes.</p> <p>Carimbos;</p> <p>Fio de pesca.</p>	<p>Registos individuais e coletivos</p> <p>Observação direta</p>

<p>Área: Expressão e Comunicação Domínio: Educação Física</p>	<p>Desenvolver a motricidade global. Cooperar com os colegas em situações de jogo. Cumprir as regras do jogo.</p>	<p>Jogo de Boneco de Neve</p>		
---	---	-------------------------------	--	--

Processos de Operacionalização

Na segunda-feira, no período da manhã, no espaço da reunião, tomou-se como ponto de partida para a atividade que se iria realizar, o tema do inverno, salientando uma das suas características mais significativas, a chuva. Após algumas questões colocadas por nós e respondidas pelas crianças, tais como, “de onde vem a chuva?”, “o que precisamos de usar para nos protegermos?”, entre outras, partilhámos com o grupo que na nossa decoração invernal faltava esta característica, pois só tínhamos na sala a neve. Assim sendo, as gotas de chuva foram decoradas através da técnica do pontilhismo com cotonetes e nuvens sugerimos a carimbagem para que realizássemos um mobile para colocarmos na janela.

Seguidamente, o grupo foi para as mesas de trabalho e dividiu-se em quatro grupos começando a trabalhar na carimbagem das nuvens com tinta azul. À medida que iam terminando era-lhes concedido uma folha A3 para que individualmente, cada criança, carimbasse livremente e escolhendo a cor que queria.

No período da tarde, as crianças realizaram a tarefa de colorir as gotas de água através do pontilhismo com o cotonete. Ao contrário da tarefa da manhã, esta, foi realizada individualmente.

Na terça-feira, após a atividade coadjuvada, o jogo dramático, as crianças reuniram-se no espaço da reunião e abordamos o tema do vestuário de inverno. As crianças sugeriram o que se deve vestir “da cabeça aos pés”, quando saímos à rua e também quando estamos em casa. Após esta conversa em que o grupo se mostrou muito ativo e participativo, explicou-se que a atividade a realizar seguidamente seria uma ficha. Esta, era composta por oito peças de vestuário e acessórios e as crianças tinham de pintar apenas aqueles que se usam na presente estação do ano. Depois do grupo estar na mesa de trabalho, realizaram a atividade sem qualquer intervenção dos adultos. Sempre que uma criança terminava a sua ficha, um dos adultos recolhia-a e a criança continuava a colorir as gotas de chuva. É de salientar que depois de podermos observar o resultado final das fichas de trabalho concluímos que nove das onze crianças, sem qualquer

ajuda, conseguiram atingir os objetivos esperados. As duas crianças que pintaram todas as imagens aquando no espaço da reunião ao ser abordado o tema, mostraram-se mais agitadas e com menos concentração e assim não conseguiram perceber o objetivo da ficha.

No período da tarde, as crianças realizaram a memória descritiva referente à história ouvida no período da manhã, no jogo dramática, “A Polegarzinha”. Enquanto pintaram um desenho da Polegarzinha, a história foi recontada, pois algumas crianças não tinham estado presentes e foi uma forma de quem esteve presente relembrar, recontar e desenvolver mensagens orais.

Na quarta-feira, no período da manhã, no espaço da reunião com o objetivo das crianças reconhecerem o próprio trabalho, lembrarem o tema do vestuário usado no inverno e reconhecerem também o que foi feito bem e mal, analisámos as fichas em grupo. Posteriormente, nas mesas de trabalho, as crianças terminaram de carimbar as nuvens, pois como foi realizado com tintas não foi possível pintar logo os dois lados de cada nuvem e seguidamente, pelo mesmo motivo, também foram terminadas as gotas de água.

No período da tarde, deslocámo-nos para o salão grande para realizar o jogo do boneco de neve. Neste jogo o grupo era dividido, dois elementos eram o gelo e tinham de apanhar os seus colegas que ao serem tocados ficavam transformados em bonecos de neve, não podiam sair do sítio e tinham que ficar com as pernas abertas. Os colegas que não tinham sido apanhados podiam salvar os bonecos de neve, passando por baixo das suas pernas, de trás para a frente. Contudo, observamos que este jogo era de difícil perceção para as crianças, assim, tivemos de alterar as regras. O grupo teve assim de ser dividido em dois, jogando um grupo de cada vez. Também a variante de poder salvar o colega tivemos de retirar, facilitando o jogo. Assim, este decorreu com duas crianças a apanharem os colegas, e quando estes eram tocados ficavam no sítio sem se mexerem. Quando todos estavam apanhados trocava-se o grupo. Mesmo depois das regras alteradas tivemos que intervir várias vezes, pois algumas crianças quando tocadas pelo “gelo” continuavam a correr.

Sumário:

- O vestuário de inverno.
- Jogo de atividade física: O Boneco de Neve.



PLANO DE AULA

PES

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Prof. Orientador: Filomena Velho		Prof./Educador Cooperante: Gina Silva		
Aluno: Adriana Alves; Ana Carina Barbas		Local de Estágio: Jardim de Infância de Alfarazes		
Nível de Ensino: Pré – Escolar		Data de construção: 16 de novembro		
Turma/Grupo: 3/ 4 anos		Tempo: De 19 de novembro a 21 de novembro – Semana 6		
Área/Tema	Objetivos	Conteúdos/Atividades	Recursos	Avaliação
<p>Tema: Outono</p> <p>Área: Expressão e Comunicação Domínio: Educação Artística Subdomínio: Artes Visuais</p> <p>Tema: Dia do Pijama</p> <p>Área: Expressão e Comunicação Domínio: Educação Artística Subdomínio: Jogo Dramático/Teatro</p>	<p>Realizar tarefas utilizando diferentes materiais (papel; folhas secas) e diferentes técnicas (decalque de folha e colagem com folhas secas). Desenvolver a criatividade e o sentido estético.</p> <p>Compreender mensagens orais; Responder adequadamente apresentando ideias e saberes em situação grupal.</p>	<p>Árvore de Outono</p> <p>Introdução ao dia do pijama: A pedra falante. (História adaptada- Fantoches)</p>	<p>Folhas secas; Lápis de cera; Papel; Cola branca.</p> <p>Fantoches da história previamente construídos.</p>	<p>Registos individuais e coletivos</p> <p>Observação direta</p>

<p>Área: Expressão e Comunicação Domínio: Educação Física</p>	<p>Desenvolver a consciência e o domínio do corpo. Cooperar em situações de jogo seguindo regras.</p>	<p>Jogo: Quem tem a pedra?</p>	<p>Pedra pequena; Venda para olhos.</p>	
---	---	--------------------------------	---	--

Processos de Operacionalização

Devido às atividades coadjuvadas e outras que ocorrem ao longo da semana no jardim-de-infância, por vezes ficam trabalhos pendentes. Na segunda-feira, no período da manhã realizámos uma visita à nossa cidade: Torre de Menagem, Sé Catedral, estátua de D. Sancho I, Correios e Jardim José de Lemos, no âmbito da planificação do primeiro período, em que o subtema é a cidade e aldeia. No período da tarde foram realizadas atividades de decalque e colagem de folhas secas para a decoração da árvore de Outono. No final da tarde, foi lembrado às crianças que no dia seguinte deviam trazer pijama vestido para o jardim-de-infância, assim como a casa (mealheiro), construída há duas semanas e que tinha como objetivo a angariação de dinheiro junto das famílias para crianças de instituições e /ou colocações familiares.

Na terça-feira, as crianças mostraram-se entusiasmadas com o seu pijama e trouxeram a respetiva casa mealheiro. À porta da sala foi colocado um apanhador de sonhos, feito por nós previamente, pois na história lançada para o Dia Nacional do Pijama “A Pedra Falante” fala-se deste objeto. Depois da aula de jogo dramático, atividade coadjuvada, as crianças das três salas do jardim-de-infância e as respetivas educadoras e auxiliares deslocaram-se até à sala polivalente para assistirem a um teatro de fantoches feito por nós, estagiárias. Neste teatro adaptámos a história “A Pedra Falante” e construímos as personagens. Ao longo da história as crianças estiveram atentas e conseguiram captar o que lhes queríamos transmitir. Apesar de falar de assuntos mais delicados, tais como os incêndios e o facto de haver crianças sem família, tudo acabou bem para as personagens da história.

No dia seguinte, no espaço da reunião, relembramos a história e questionamos as crianças sobre assuntos relacionados com a mesma, por exemplo, qual o nome das duas personagens, qual o animal que aparecia e qual o seu aspeto, qual o estado de espírito do menino no início e no fim da história, o que guardava ele no bolso.

Esta última questão foi o ponto de ligação para a realização da atividade seguinte, o jogo “Quem tem a pedra?”. Fomos para o ginásio com o material previamente preparado por nós: uma pedra e vendas para os olhos. Pedimos a todos para se sentaram formando um círculo e colocámos-lhes as vendas. Algumas crianças não quiseram colocar a venda então pedimos que fechassem os olhos. Explicámos as regras do jogo, as quais tinham de ser respeitadas. Depois era escolhida uma criança que ficava com a pedra e a escondia-a no bolso do bibe, sem revelar a ninguém. O restante grupo retirava as vendas e perguntava “Quem tem a pedra?”. De seguida, a estagiária escolhia uma criança para questionar outra “És tu Maria?” e esta dizia sim ou não, conforme tinha ou não a pedra. Caso não fosse esta criança nomeava uma outra, caso fosse todos voltavam a colocar a venda e ela escolheria um novo amigo(a) a quem dar a pedra. Ao longo desta atividade tivemos algumas dificuldades, porque por vezes as crianças espreitavam, outras vezes as crianças que tinham de nomear outra não diziam nenhum nome por timidez. Por todos estes motivos tivemos que apoiar/ auxiliar na execução do jogo e reforçar sempre de forma positiva o seu desempenho.

Sumário:

- Continuação da realização da árvore de Outono.
- Comemoração do Dia Nacional do Pijama.
- “A Pedra Falante”, história adaptada, através de fantoches.
- Jogo: Quem tem a pedra?



PLANO DE AULA

PES

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Prof. Orientador: Filomena Velho		Prof./Educador Cooperante: Gina Silva		
Aluno: Adriana Alves; Ana Carina Barbas		Local de Estágio: Jardim de Infância de Alfarazes		
Nível de Ensino: Pré – Escolar		Data de construção: 24 de janeiro		
Turma/Grupo: 3/ 4 anos		Tempo: De 28 de janeiro a 30 de janeiro – Semana 14		
Área/Tema	Objetivos	Conteúdos/Atividades	Recursos	Avaliação
<p>Tema: O Ciclo da água</p> <p>Área: Expressão e Comunicação</p> <p>Domínio: Comunicação Oral</p> <p>Área: Conhecimento do Mundo</p>	<p>Promover a curiosidade e o interesse pelo meio e por acontecimentos do mesmo;</p> <p>Demonstrar envolvimento no processo de descoberta;</p> <p>Explorar materiais habituais da vida corrente;</p> <p>Revelar conhecimentos de construiu.</p>	<p>Atividade Experimental</p> <p>Tabela de registos</p>	<p>Água;</p> <p>Panela;</p> <p>Placa de aquecimento;</p> <p>Folha de alumínio;</p> <p>Suporte para gelo;</p> <p>Gelo;</p> <p>Recipiente de vidro.</p>	<p>Registos individuais e coletivos</p> <p>Observação direta</p>

Processos de Operacionalização

Para dar continuidade ao nosso painel de Inverno, mais especificamente ao que continha neve, levamos previamente preparados os flocos de neve de dimensões mais reduzidas para que as crianças a seguir à rotina diária picotassem cada uma, dois flocos. À medida que iam terminando foram pintando individualmente os adereços de um boneco de neve com aguarelas, com o auxílio da educadora. Algumas crianças demoraram no processo da picotagem, deste modo esta atividade foi prolongada da parte da tarde. Enquanto alguns terminavam, as restantes crianças escolhiam os espaços onde queriam brincar, outros continuavam na decoração do boneco de neve e ainda havia crianças que utilizaram as aguarelas para realizar desenhos livres.

Na terça-feira como habitualmente, as crianças foram para o jogo dramático, onde a professora lhes leu a história “Os Músicos de Bremen”. O grupo prestou atenção e gostou em especial por se tratar de uma história que abordava diferentes animais. Após a atividade coadjuvada dirigimo-nos à sala onde as crianças foram questionadas sobre o que ouviram, quais as personagens, o que os animais queriam ser, porque fugiram eles. Seguidamente a educadora da sala dos 5/6 anos foi até à nossa sala e convidou-nos a ir assistir a uma pequena dramatização realizada pelos meninos dessa faixa etária. Quando chegamos ao salão polivalente, as crianças já estavam preparadas para a encenação, esta sobre o Milagre das Rosas, no final a educadora na sala dos mais crescidos interveio e fez uma breve explicação onde demonstrou o que as crianças sabiam sobre este milagre. Já na sala no espaço da reunião informamos as crianças de que iríamos realizar experiências, íamos ser todos cientistas. Demos uma pequena definição do que estes termos significavam e dissemos ainda que quando estivessem a executá-las teriam de ter cuidado e atenção. Antes de passarmos à experiência da solidificação, apontámos as conceções prévias das crianças quando questionadas sobre o que aconteceria à água colocada no congelador. Passámos então para a mesa de trabalho onde as crianças se colocaram à volta e em pé. Ao longo da experiência da solidificação foram chamadas crianças aleatoriamente para poderem atuar. Alguns foram buscar a água e outros deitavam para a forma de cubos. No final da manhã todos nos dirigimos ao refeitório, onde foi mostrado onde ficaria a caixinha. Já no período da tarde as crianças ouviram uma história através do computador “O ciclo da água”, com a leitura concluída pedimos às crianças que a recontassem. Posteriormente deslocaram-se para o salão grande onde participaram nas atividades de Educação Física.

Já na quarta-feira, ainda no espaço da reunião depois da rotina, relembramos a história do “Ciclo da água” e falamos sobre a experiência realizada. Como as crianças demonstraram tanto entusiasmo, para esse dia tínhamos trazido já preparados uns crachás com a identificação de cada um e por cima escrito “Cientista”. De seguida fomos buscar a experiência da solidificação e as crianças posicionaram-se do mesmo modo como no dia anterior. Ao retirarmos alguns cubos de

gelo e as crianças puderam tocar-lhes e exprimir o que sentiam e se escorregava das mãos. Depois alguns desses cubos foram colocados num recipiente para que as crianças fossem observando-os a derreter naturalmente. Ainda no período da manhã realizamos a atividade da precipitação onde as crianças observaram como esta podia ser simulada. Com o apoio da história e com as respetivas experiências as crianças conseguiram responder como se formava a chuva e a neve. As crianças tocaram em todos os materiais, até mesmo no frasco que continha água quente, mas sempre com a nossa supervisão. Depois nesse frasco foi identificado o nível da água e quando colocadas algumas pedras de gelo as crianças observaram que este subiu, com esta atividade também conseguiram analisar que as pedras de gelo derretiam mais depressa com o contacto com água quente do que as pedras que foram colocadas num recipiente sem nada. Depois da hora de almoço, de regresso à sala as crianças observaram o frasco e o recipiente, concluindo assim que no primeiro já só havia água, mas no recipiente ainda havia uma pequena pedra de gelo. Para concluir as experiências foi criada uma tabela de registos onde foram impressas imagens dos materiais que utilizamos e as conceções prévias das crianças e as suas sensações ao longo das duas experiências.

Sumário:

- Ciclo da água.
- Leitura da história “Ciclo da água”.
- Experiências solidificação e precipitação.
- Elaboração de uma tabela de registo.

Experiências com água- Guião

Solidificação

Material: Forma de gelo;

Água

Congelador/arca

As crianças devem encher uma forma de gelo com água e colocarem no congelador, onde ficará até ao dia seguinte, para depois observarem o que aconteceu à água. Deve-se questionar as crianças sobre o que acham que vai acontecer e porquê. No dia seguinte devem observar que a água passou do estado líquido para o estado sólido, formando o gelo. Este processo denomina-se solidificação.

Precipitação

Material: Gelo;

Água;

Frasco de vidro;

Prata;

Placa elétrica;

Panela.

Inicialmente, deve-se perguntar às crianças por que razão chove. Antes de realizarem a atividade experimental. O educador explica às crianças que vão simular a precipitação. Para isso vão utilizar o gelo anteriormente formado, água, um frasco, prata, uma panela e uma placa elétrica. O educador pede às crianças para colocarem água na panela e a panela em cima da placa elétrica. O educador deverá então ligar a placa elétrica, avisar as crianças que não deverão tocar na panela, nem na placa e pedir-lhes que se afastem, fazendo uma roda à volta da mesa. Assim que a água estiver a ferver, o educador deverá colocar a água no frasco e pedir às crianças que coloquem um pedaço de prata por cima do frasco e as pedras de gelo por cima da prata. O educador deverá então explicar que, devido ao calor provocado pela água quente colocada no frasco, as pedras de gelo começarão a derreter e darão início à precipitação.

Anexo II – Planos de aula do Primeiro Ciclo



PLANO DE AULA

PES

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Prof. Orientador: Florbela Antunes; Urbana Cordeiro		Prof./Educador Cooperante: Isabel Leitão		
Aluno: Ana Carina Barbas		Local de Estágio: Escola Básica do Bonfim		
Nível de Ensino: Primeiro Ciclo				
Turma/Grupo: 1ºAno		Tempo: 26 de março de 2019		
Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
Matemática Números e Operações Geometria e Medida	Rever os conhecimentos adquiridos.	Contagens progressivas e regressivas; Descodificar o sistema de numeração decimal; Adicionar números naturais; Resolução de problemas; Localização e orientação no espaço; Reconhecer e representar formas geométricas;	Ficha de trabalho.	Registos individuais e coletivos Observação direta

<p>(Tempo: 1h30)</p> <p>Português Iniciação à Educação Literária</p> <p>(Tempo: 1h00)</p> <p>Estudo do Meio À descoberta do ambiente natural – os aspetos físicos do meio local</p> <p>A água na natureza.</p>	<p>Ouvir e ler a obra “O Coelho Branco”; Expressar sentimentos e emoções provocados pela leitura.</p> <p>Reconhecer diferentes formas sobre as quais a água se encontra na natureza.</p>	<p>Identificar segmentos de reta, partes planas e não planas; Representar triângulos, quadrados e retângulos; Identificar cubos, cilindros e paralelepípedos; Conhecer o nome dos dias da semana.</p> <p>Audição e leitura de obras de literatura para a infância; Organização da informação do texto; Compreensão do essencial do texto escutado e lido.</p> <p>Locais onde se encontra a água:</p>	<p>Computador; Ficha de trabalho; Manual.</p> <p>Computador; Manual; Livro de</p>	
--	--	---	--	--

(Tempo: 1h00)		Mar, lago, fonte; poço, rios, ribeiros.	exercícios.	
Expressão Dramática	Improvisar, em pequeno grupo, utilizando diálogos, gestos e movimentos.	Diferentes estados da água: Chuva, granizo, neve.		
(Tempo: 1h00)	Promover a criatividade.	Dramatização da história “Coelhinho Branco”: Recriação da história em diversas formas criativas.		

Processos de Operacionalização

Matemática

Como preparação para a ficha de avaliação de matemática (a ser realizada no seguinte dia), os alunos devem realizar uma ficha de revisões da matéria dada. Esta ficha será acompanhada pela docente, na realização, e posteriormente sucede-se a correção em voz alta, de forma coletiva e com a participação de todos os alunos.

Português

A aula inicia-se com a audição e a visualização de um vídeo da obra de literatura para a infância, “O Coelhinho Branco”. Após esta motivação inicial, no quadro, é projetada a respetiva história e os alunos, escolhidos de forma aleatória, irão lê-la em voz alta.

Posteriormente em forma de diálogo, a docente deve abordar os assuntos principais do texto, através de algumas questões:

- O que é que o Coelhinho foi buscar à horta?

- Para que é que o Coelhoinho precisava de couves?
- Quem estava dentro da casa do Coelho Branco?
- Quem foram os animais que não ajudaram o Coelho?
- Quem foi o único animal que aceitou ajudar o Coelho Branco?

Também com a orientação da professora, os alunos devem exprimir as suas ideias e pontos de vista acerca da moral da história, pois esta incentiva a diálogos sobre a cooperação, a interajuda e a amizade. Para isso, os alunos realizam no quadro um exercício em conjunto (disponível em apêndice – Apêndice 4).

No momento seguinte, a docente entrega aos alunos uma ficha de trabalho sobre a história. A realização da mesma deve ser orientada e acompanhada pela professora, assim como a respetiva correção.

Estudo do Meio

Na disciplina de Estudo do Meio será abordada a temática da “água na natureza”. Como introdução ao tema e motivação inicial será exposta uma história, através do computador, “A Gota, Gotinha”. Depois desta ser lida em voz alta, em forma de diálogo, é necessário que a docente realize a ligação entre os conteúdos da história e a importância da água na natureza. Assim, é necessário questionar os alunos sobre alguns aspetos:

- Onde vivia a Gota Gotinha?
- No início da história, a gota gotinha percebia a importância da água na natureza?
- Quando a Gota, Gotinha desceu da nuvem onde caiu?
- Como era conhecida a alface que a Gotinha encontrou?
- Porque é que a alface era pequena?
- Como estavam as raízes da alface?
- Quem chamou a Gotinha para ajudar a alface?
- Para onde foi depois a Gotinha?
- Quem conheceu a Gotinha, que lhe apresentou “a quinta”?

- Quem eram os animais que estavam na quinta?
- Porque é que a água era essencial para estes animais?
- Para onde voltou a gota gotinha?
- A gotinha percebeu a importância da água?

Após a análise do texto, os alunos realizam uma ficha de trabalho, em conjunto, projetada no quadro relacionada com o conteúdo da história. Nesta ficha, a docente deve ler em voz alta as questões para que as crianças selecionem a resposta correta, pois a ficha é construída maioritariamente por escolhas múltiplas (disponível em apêndice – Apêndice 5). Posteriormente, em forma de diálogo coletivo, com base na história, aprofunda-se o tema da importância da água na natureza:

- A gotinha percebeu a importância da água na terra. Para vocês, porque é que é importante?
- Quais são os vários locais onde encontramos água?
- Na neve encontramos água?
- Quais as diferentes formas em que podemos encontrar a água?
- Devemos preservar a água? Porquê?

Para finalizar, são realizados corrigidos os exercícios do manual (página 77). A correção deve ser realizada no quadro com a participação dos alunos. Durante a realização dos mesmos, a docente deve ler em voz alta os enunciados das questões apresentadas no livro.

Expressão Dramática

Para iniciar a expressão dramática, em forma de diálogo, a docente deve relembrar a história trabalhada na parte da manhã, “O Coelho branco” e posteriormente deve agrupar os alunos em pequenos grupos. A professora deve dar liberdade aos alunos para que estes distribuam as personagens entre si. Se não conseguirem encontrar um consenso, a docente deve intervir e ajudá-los ou definir as personagens. Seguidamente, cada grupo deve apresentar uma pequena encenação, com diálogo, movimento e gestos do respetivo texto.

Em apêndice está disponível uma ficha de revisões dos conteúdos matemáticos para o trabalho para casa (Apêndice 6) e outro trabalho para casa adaptado para algumas crianças que apresentam necessidades especiais (Apêndice 7).

Sumário:

- Revisão de conhecimentos adquiridos através de uma ficha de trabalho de matemática.
- Audição e leitura da história “O Coelho Branco”. Resolução de exercícios.
- Audição da história “Gota, gotinha”. Realização de exercícios.
- Exploração da temática “a água na natureza”. Resolução de exercícios.
- Encenação de uma parte da história do “Coelho Branco”.



PLANO DE AULA

PES

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Prof. Orientador: Florbela Antunes; Urbana Cordeiro		Prof./Educador Cooperante: Isabel Leitão		
Aluno: Ana Carina Barbas		Local de Estágio: Escola Básica do Bonfim		
Nível de Ensino: Primeiro Ciclo				
Turma/Grupo: 1ºAno		Tempo: 21 de maio 2019		
Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
<p>Matemática</p> <p>Números e Operações</p> <p>Geometria e Medida</p> <p>(Tempo: 1h00)</p> <p>Português</p> <p>Leitura e Escrita</p> <p>(Tempo: 1h30)</p>	<p>Contar dinheiro envolvendo números até 100;</p> <p>Desenvolver o cálculo mental.</p> <p>Leitura de texto;</p> <p>Compreender o essencial de textos escutados e lidos;</p> <p>Reconhecer palavras com os casos especiais de leitura.</p> <p>Desenvolver a ortografia;</p>	<p>Dinheiro: identificação das moedas e notas da área do Euro.</p> <p>Caso especial de leitura “an, en, in, on e un” e “am, em, im, om, um”.</p> <p>Ditado.</p>	<p>Computador;</p> <p>Manual;</p> <p>Caderno de Atividades;</p> <p>Moedas e notas.</p> <p>Computador;</p> <p>Manual;</p> <p>Caderno de Atividades.</p>	<p>Registos individuais e coletivos</p> <p>Observação direta</p>

<p>Estudo do Meio Bloco 5 - À descoberta dos outros e das instituições.</p> <p>(Tempo: 1h00)</p> <p>Expressão Plástica Bloco 3 – Exploração de técnicas diversas de expressão.</p> <p>(Tempo: 1h00)</p>	<p>Reconhecer materiais que flutuam e não flutuam. Verificar o efeito da água nas substâncias.</p> <p>Utilizar diferentes materiais e técnicas com fim comunicativo.</p>	<p>Experiências com água: - Objetos colocados em água; - O efeito da água nas substâncias.</p> <p>Cartazes com fins comunicativo: Os direitos da criança. Diversas técnicas: Pintura; Recorte; Colagem.</p>	<p>Água; Colher; Folha de papel; Vários recipientes; Vários materiais: Açúcar, borracha, chave, régua, rolha de cortiça, berlinde, esferovite, areia, gelatina em pó, arroz, saco de plástico.</p> <p>Lápis de cor; Caneta; Tesoura; Cola.</p>	
---	---	--	--	--

Processos de Operacionalização

Matemática

A sessão de matemática inicia-se com a realização dos exercícios do caderno de atividades, página 72 e 72 (Ficha 70 e 71). Depois da docente ler os enunciados das questões e as crianças realizarem os exercícios, no quadro, é feita a correção.

De seguida, são colocados no quadro alguns problemas e os alunos devem copiar para o seu caderno e resolver as questões que envolvem adições e subtrações com dinheiro. Após a correção ser realizada e as dúvidas serem retiradas, realiza-se um pequeno jogo de pares (motivação continuada). As crianças devem fingir que são vendedores e compradores e com vários materiais, notas e moedas realizam operações matemáticas que implicam contagens (de dinheiro), adições, subtrações e dar troco.

Português

A aula de Português inicia-se com a realização de uma ficha de trabalho, como forma de consolidar os conteúdos aprendidos na aula anterior. Assim, após a docente entregar a ficha de trabalho deve ler as questões e posteriormente os alunos realizam a ficha autonomamente. Em seguida, a correção da mesma deve ser realizada em conjunto com a participação das crianças a realizarem a correção escrita no quadro.

Posteriormente, os alunos devem arrumar a sua mesa de trabalho e serão distribuídas folhas de linhas para realizarem um ditado.

Estudo do Meio

Na disciplina de Estudo do Meio inicia-se com um breve diálogo sobre a experiência realizada na sessão do dia anterior, onde os alunos devem descrever sucintamente o que fizeram e quais as conclusões a que chegaram. Posteriormente inicia-se uma nova experiência sobre o que acontece aos objetos quando colocados em água. A docente deve questionar os alunos, individualmente, sobre se os respetivos objetos flutuam ou afundam. Depois, destes, registarem no livro as respostas, é escolhido um aluno, aleatoriamente, para ler as instruções enquanto a experiência se realiza. Para o procedimento da mesma são escolhidos outros alunos e em forma de diálogo vão sendo retiradas as conclusões e registadas no livro. Depois, realiza-se a experiência do efeito da água nas substâncias utilizando o mesmo método.

Expressão Plástica

Na sessão de expressão plástica é trabalhado o conteúdo dos direitos das crianças. Antes dos alunos realizarem desdobráveis sobre o conteúdo em questão é exposta uma pequena apresentação, sobre o tema, através do computador. Depois de um pequeno diálogo, as crianças utilizam vários materiais e técnicas para ilustrar o seu desdobrável.

Em apêndice está disponível a ficha de trabalho de português (Apêndice 24), o trabalho para casa para as crianças (Apêndice 25) e outro trabalho para casa adaptado para algumas crianças que apresentam necessidades especiais (Apêndice 26).

Sumário:

- Resolução de problemas que envolvem dinheiro.
- Jogo a pares: Compra e venda de produtos.
- Realização de uma ficha de trabalho sobre o caso especial “an, en, in, on, un”.
- Resolução de experiências com água.
- Expressão Plástica: Direitos das crianças.



PLANO DE AULA

PES

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Prof. Orientador: Florbela Antunes; Urbana Cordeiro		Prof./Educador Cooperante: Isabel Leitão		
Aluno: Ana Carina Barbas		Local de Estágio: Escola Básica do Bonfim		
Nível de Ensino: Primeiro Ciclo				
Turma/Grupo: 1ºAno		Tempo: 19 de junho de 2019		
Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
<p>Português</p> <p>Iniciação à Educação Literária</p> <p>(Tempo: 2h00)</p> <p>Matemática</p> <p>Geometria e Medida</p> <p>Medida</p> <p>Área</p>	<p>Ler poemas;</p> <p>Compreender o essencial do texto escutado e lido;</p> <p>Identificar palavras que rimam;</p> <p>Adquirir novo vocabulário.</p> <p>Reconhecer que a medida da distância entre dois pontos e portanto a medida do comprimento do segmento de reta por eles</p>	<p>Conteúdos do texto:</p> <p>Título, tema e autor;</p> <p>Rima;</p> <p>Vocabulário novo.</p> <p>Distâncias e comprimentos;</p> <p>Áreas.</p>	<p>Ficha de trabalho</p> <p>Ficha de trabalho.</p>	<p>Registos individuais e coletivos</p> <p>Observação direta</p>

<p>(2h00)</p> <p>Expressão Dramática</p> <p>Bloco 1 – Jogos de Exploração de corpo e voz.</p> <p>(1h00)</p>	<p>determinado depende da unidade de comprimento.</p> <p>Efetuar medições referindo a unidade de comprimento utilizada.</p> <p>. Reconhecer, num quadriculado, figuras equidecomponíveis. Saber que duas figuras equidecomponíveis têm mesma área e, por esse motivo, qualificá-las como figuras «equivalentes».</p> <p>Explorar diferentes possibilidades expressivas.</p>	<p>Declamação de poemas.</p>	<p>2 sacos:</p> <p>Poemas;</p> <p>Diferentes desafios.</p>	
---	--	-------------------------------------	---	--

Processos de Operacionalização

Português

A sessão de Português tem início com os alunos a relembrem os poemas trabalhados no dia anterior. Após um breve diálogo centrado no título do poema e no seu conteúdo acompanhado do trabalho criativo realizado, as crianças realizam uma ficha de trabalho. (Transferências de aprendizagem).

O conseguir trabalhar em equipa é importante na formação da criança, assim, a realização da presente ficha, desta vez, é realizada em grupos de pares.

Após o término da realização da ficha de trabalho pelos pares procede-se à correção. Esta deve ser feita no quadro com a participação de todos os alunos.

Em apêndice está disponível a ficha de trabalho relativa ao poema (Apêndice 36).

Matemática

A sessão de matemática tem início com a revisão de conhecimentos adquiridos sobre o conteúdo da geometria e a medida mais propriamente áreas e comprimentos.

Neste contexto, os alunos realizam autonomamente uma ficha de trabalho. (Transferências de aprendizagem).

A ficha de trabalho é realizada de forma individual e posteriormente procede-se à correção da mesma no quadro com a participação e colaboração de todos.

Expressão Dramática

Através da interdisciplinaridade na aula de expressão dramática as crianças irão realizar um jogo com os poemas de Eugénio de Andrade. Na sala há dois sacos, o primeiro contém os oito poemas trabalhados e o segundo saco contém desafios. Cada criança, individualmente, dirige-se junto ao quadro e retira do primeiro saco, sem ver, um dos poemas e de seguida, retira do segundo saco um desafio, também sem ver. Estes desafios são formas diferentes de declamar os poemas. Após o aluno realizar o desafio convida outro colega para fazer a atividade.

Saco 2 – Os desafios:

Desafio 1: Declamar o poema às gargalhadas;

Desafio 2: Declamar o poema a fingir que chora;

Desafio 3: Declamar o poema sem falar, apenas com gestos e sons;

Desafio 4: Declamar o poema muito baixinho;

Desafio 5: Declamar o poema muito depressa;

Desafio 6: Convidar um amigo e juntos declamarem o poema;

Desafio 7: Declamar o poema com o nariz tapado.

Desafio 8: Convidar dois amigos e os três juntos declamarem o poema.

Desafio 9: Enquanto declamas o poema, ao final de cada verso, faz um som de um animal.

Desafio 10: Declamar o poema com a língua a tocar no céu-da-boca.

Sumário:

- Realização de uma ficha de trabalho em grupo sobre a poesia de Eugénio de Andrade.
- Consolidação dos conteúdos de geometria e medida. Resolução e correção de uma ficha de trabalho.
- Expressão dramática: Declamação de poemas de diversas formas.



PLANO DE AULA

PES

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Prof. Orientador: Florbela Antunes; Urbana Cordeiro		Prof./Educador Cooperante: Isabel Leitão		
Aluno: Ana Carina Barbas		Local de Estágio: Escola Básica do Bonfim		
Nível de Ensino: Primeiro Ciclo				
Turma/Grupo: 1ºAno		Tempo: 23 de abril 2019		
Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
Português Leitura e Escrita (Tempo: 1h30)	Desenvolver a ortografia; Escrever textos; Leitura de texto; Compreender o essencial de textos escutados e lidos; Identificar palavras com o caso especial de leitura.	Escrita de um texto coletivo; Leitura e escrita de frases. Introdução de palavras e frases com o caso especial de leitura “as, es, is, os e us”.	Computador; Manual; Caderno de Atividades.	Registos individuais e coletivos Observação direta
Matemática Números e Operações (Tempo: 1h00)	Adicionar números naturais; Desenvolver o cálculo mental.	Prática do algoritmo da	Computador; Manual; Caderno de	

<p>Estudo do Meio À descoberta dos outros e das instituições.</p> <p>O passado nacional. (Tempo: 1h00)</p> <p>Expressão Musical Jogos de Exploração – Voz</p> <p>(Tempo: 1h00)</p>	<p>Conhecer fatos históricos que se relacionam com os feriados nacionais e o seu significado.</p> <p>Cantar uma canção com entoação. Memorizar palavras da canção trabalhada.</p>	<p>adição; Decomposições de números.</p> <p>Feriado nacional – 25 de Abril; Revolução dos Cravos; Importância da liberdade.</p> <p>Entoar canções. Descobrir palavras em falta.</p>	<p>Atividades.</p> <p>Computador.</p> <p>Computador.</p>	
--	---	---	--	--

Processos de Operacionalização

Português

A aula inicia-se com um breve diálogo sobre as férias da Páscoa. Este tema será a motivação inicial e o mote para através da interdisciplinaridade os alunos iniciarem o período de Português com a prática da escrita através da elaboração de um exto coletivo sobre as respetivas férias da páscoa.

Posteriormente a docente pede a um aluno, aleatoriamente, para dividir silabicamente a palavra “páscoa” e introduz-se o caso especial de leitura “as, es, is, os e us”. De seguida, os alunos ouvem o texto da página 118 do manual “Visita ao castelo” e depois aleatoriamente são escolhidos alguns alunos para o lerem em voz alta. Após os alunos estarem familiarizados com o texto, em forma de diálogo, a docente coloca algumas questões:

- O que havia no castelo?

- De que cor eram os animais que estavam no bosque?
- Em que sitio estava a grande estátua?
- O que era assustador?
- Já visitaste um castelo?
- Já viste alguma estátua?
- Já viste algum cisne?

As presentes questões permitem que a criança se exprima de forma clara, correta e com sequência lógica.

Após o diálogo sobre o texto, os alunos devem realizar os exercícios do livro com o auxílio da docente e de seguida, os mesmos, são corrigidos no quadro, com a participação das crianças. Utilizando o mesmo método, realiza-se a ficha 26 do caderno de atividades.

Matemática

Como motivação continuada a docente apresenta no quadro um problema sobre amêndoas da páscoa: “A Joana, na Páscoa, recebeu um saco com 22 amêndoas da avó Teresa e outro saco com 19 amêndoas da prima Paula.

Quantas amêndoas recebeu ao todo?”

Posteriormente a docente em conjunto com os alunos solucionam o problema utilizando o algoritmo da adição e assim é introduzido o conteúdo da presente aula. Seguidamente os alunos realizam mais cálculos utilizando o mesmo método e como continuação da prática (transferência de aprendizagens) realizam os exercícios do manual (página 112 e 113) e do caderno de atividades (página 55, 56 e 61). A docente deve acompanhar a resolução dos exercícios e a correção deve ser realizada no quadro com a participação de todos.

Estudo do Meio

Na disciplina de Estudo do Meio inicia-se a temática do 25 de Abril – A Revolução dos Cravos. Como compreensão dos fatos históricos envolventes à respetiva data a docente apresenta a história “O Tesouro” de Manuel António Pina. Contudo, a história é extensa assim será repartida entre a presente aula e a aula seguinte,

quarta-feira, dia 24 de Abril.

Após a docente expor no computador e ler parte da história, coloca algumas questões aos alunos:

- Como eram as pessoas que viviam naquele país?;
- Porque eram tristes as pessoas?;
- Qual era o segredo daquele país?;
- O que é não ter liberdade?;
- Como eram os polícias naquela cidade?;
- O que é que os meninos não podiam fazer?;
- Para onde iam os rapazes quando cresciam?;

Após o diálogo sobre a história ouvida, a docente deve desafiar as crianças sobre o que pensam que vai acontecer depois na história:

- O que acham que aconteceu depois ao país das pessoas tristes?;
- Acham que esta história é verdadeira?;
- Será que este país existiu mesmo?;
- A liberdade é importante?.

Para finalizar, e dar início à Expressão Musical a docente apresenta às crianças uma música sobre a liberdade.

Expressão Musical

Após as crianças ouvirem a música “Somos livres”, a docente entrega uma folha com a letra da canção. Nesta folha, faltam algumas palavras, assim a docente coloca a música de novo para as crianças realizarem o exercício de descobrirem quais as palavras que faltam. Posteriormente, em conjunto, no quadro corrige-se o exercício e as crianças cantam em conjunto a canção.

Em apêndice está disponível o exercício musical (Apêndice 9) e o trabalho para casa (Apêndice 10).

Sumário:

- Escrita de um texto coletivo sobre as férias da Páscoa.
- Introdução do caso especial de leitura “as, es, is, os, us”. Resolução de exercícios.
- Algoritmo da adição. Realização de exercícios.
- Introdução do tema “25 de Abril – A Revolução dos Cravos”.
- Audição da história “O Tesouro” de Manuel António Pina.- Entoação da canção “Somos Livres”.



PLANO DE AULA

PES

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Prof. Orientador: Florbela Antunes; Urbana Cordeiro		Prof./Educador Cooperante: Isabel Leitão		
Aluno: Ana Carina Barbas		Local de Estágio: Escola Básica do Bonfim		
Nível de Ensino: Primeiro Ciclo				
Turma/Grupo: 1ºAno		Tempo: 17 de junho de 2019		
Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
<p>Português</p> <p>Iniciação à Educação Literária</p> <p>(Tempo: 2h00)</p>	<p>Ouvir e ler um poema;</p> <p>Compreender o essencial do texto escutado e lido;</p> <p>Antecipar conteúdos com base no poema;</p> <p>Identificar palavras que rimam;</p> <p>Adquirir novo vocabulário.</p>	<p>Conteúdos do texto:</p> <p>Título, tema e autor;</p> <p>Rima;</p> <p>Vocabulário novo.</p>	<p>Computador;</p> <p>Manual.</p>	<p>Registos individuais e coletivos</p> <p>Observação direta</p>
<p>Matemática</p> <p>Organização e Tratamento de Dados</p> <p>Conjuntos;</p>	<p>Representar conjunto e elementos;</p>	<p>Símbolos “pertence” e “não pertence”;</p>	<p>Caderno diário.</p> <p>Manual;</p>	

<p>Gráficos (Tempo: 1h30)</p> <p>Expressão Físico-Motora Bloco 6 – Atividades Rítmicas Expressivas</p> <p>(1h30)</p>	<p>Utilizar corretamente a expressão “pertence” e “não pertence”; Ler gráficos de pontos e pictogramas; Recolher e registar dados.</p> <p>Combinar deslocamentos, movimentos não locomotores e equilíbrios adequados à expressão de motivos ou temas combinados com os colegas e professor, de acordo com a estrutura rítmica e melodia de composições musicais.</p>	<p>Gráficos de pontos; Pictogramas.</p> <p>Movimentos locomotores e não locomotores; Exploração do movimento a pares e em grupo.</p>	<p>Livro de exercícios;</p> <p>Computador; Arcos; Pandeireta.</p>	
---	---	--	--	--

Processos de Operacionalização

Português

A sessão de Português inicia-se com a partilha do fim de semana por parte das crianças. Esta atividade pretende que os alunos desenvolvam intencionalmente a oralidade e a forma como expressam sentimentos e/ou ideias. De seguida, os alunos ouvem o poema “Trocadilhar” de José Jorge Letria. Após a audição a docente coloca algumas questões de forma aleatória:

- Qual o tema do texto ouvido?;
- Qual poderia ser um título para o texto?.

Depois de alunos responderem às questões colocadas, a docente pede para abrirem o manual na página 156, onde está presente o respetivo poema e as crianças ouvem novamente e acompanham a leitura, desta vez realizada pela professora. Seguidamente, depois de uma leitura silenciosa e individual, cada aluno à vez

lê o texto em voz alta.

Após o contacto com o texto os alunos devem selecionar as palavras de que não conhecem o significado, expor em voz alta e escrever no quadro o significado. Os alunos devem copiar os significados para o seu caderno. O texto contém algum vocabulário que pode suscitar dúvidas aos alunos, tais como, entontecidas, trilhos, trocadilhos, trocadilhar e avessas.

Posteriormente a docente coloca mais algumas questões:

- Qual o título do texto? (Trocadilhar);
- Quem é o autor do texto? Onde está presente esta informação? (José Jorge Letria) (A informação está presente no final do texto);
- Como se chama este tipo de texto? (Poema)
- No primeiro verso há algum par de palavras que rimam? (Sim, “lugar” com “ar”);
- No segundo verso há alguma par de palavras que rimam? (Não);
- E no último verso? (trilhos com trocadilhos, trocadilhar com baralhar e brincar);
- Porque é que as palavras rimam? (Porque têm a mesma terminação);
- O que aconteceu ao livro do poema? (Foi arrastado pelo vento e as palavras ficaram “de pernas para o ar”);
- De que maneira ficaram as palavras do livro? (Passaram a querer dizer coisas que ninguém queria perceber);
- No que se tornou o livro? (Em um livro de trocadilhar).

Depois das crianças responderem às questões oralmente realizam-se os exercícios da página 156, 157 e 158. Estes são realizados de forma individual e corrigidos no quadro com a participação de todos.

Matemática

A disciplina de matemática inicia-se com a realização de exercícios de revisão dos conteúdos já aprendidos. Estes conteúdos dizem respeito ao domínio da Organização e Tratamento de Dados, mais concretamente, a representação dos conjuntos e a representação de dados. Os exercícios estão presentes na página 153, 154, 155 e 156 do manual.

Como motivação inicial, introdução ao tema dos conjuntos, a docente mostra os blocos lógicos e em conjunto e escrevendo no quadro com os alunos relembra as propriedades dos mesmos:

- Número total de peças;
- Formas das peças;
- Cores das peças;
- Tamanhos diferentes das peças.

De seguida os alunos individualmente realizam então a página 153 e quando todos tiverem terminado é executada a correção no quadro com a participação dos alunos.

Antes da realização da página 154, 155 e 156, oralmente, em forma de diálogo é lembrado o que são gráficos e o que é um pictograma e qual a diferença entre este e um gráfico de pontos. Depois da realização dos exercícios é utilizado mesmo método que o anterior para a correção.

Expressão Físico-Motora

A aula de expressão físico-motora inicia-se com um pequeno aquecimento. Os alunos devem estar em círculo e a docente deve dar várias indicações como correr, saltitar, corrida lateral e corrida alternando os braços acompanhando com uma pandeireta. O ritmo dos alunos deve ser consoante as batidas da pandeireta, quando o professor para de tocar e a seguir recomeça o sentido do círculo deve alterar.

De seguida os alunos realizam o jogo “O Rei Manda”.

Rei Manda

A organização da turma deve ser em semicírculo e, num primeiro momento, será a docente (o rei) ocupando a posição virado para o semicírculo de frente. O rei deve mandar os restantes elementos fazerem determinados movimentos com uma música de fundo. Neste exercício é obrigatório que os membros superiores e inferiores estejam sempre em movimento e de acordo com a música. O rei vai alterando o movimentos citando sempre a frase “o rei manda (fazer o movimento com o corpo e explicar oralmente)”. Depois do professor realizar alguns movimentos deve eleger outro aluno para rei e este posteriormente deve também eleger

outro rei.

Posteriormente, segue-se o jogo “O Espelho”:

O Espelho

Os alunos devem estar agrupados em pares e numa fila. A docente deve colocar música e o objetivo do jogo é que um dos elementos do par deve realizar movimentos rítmicos e o outro deve imitá-lo, posteriormente trocam-se posições.

O último jogo a ser realizado é o jogo dos arcos.

Jogo dos Arcos

Devem ser distribuídos arcos formando um círculo. O número de arcos deve ser menos um do número de alunos. Posteriormente o professor começa por tocar numa pandeireta quando parar os alunos vão saltar para dentro dos arcos, o aluno que fica de fora sai do jogo assim como se retira sempre um arco até acabar por ficar apenas um jogador.

Sumário:

- Leitura e audição do poema “Trocadilhar” de José Jorge Letria. Resolução de exercícios.
- Realização de consolidação com conjuntos e gráficos.
- Expressão Físico – Motora: Atividades Rítmicas e Expressivas.